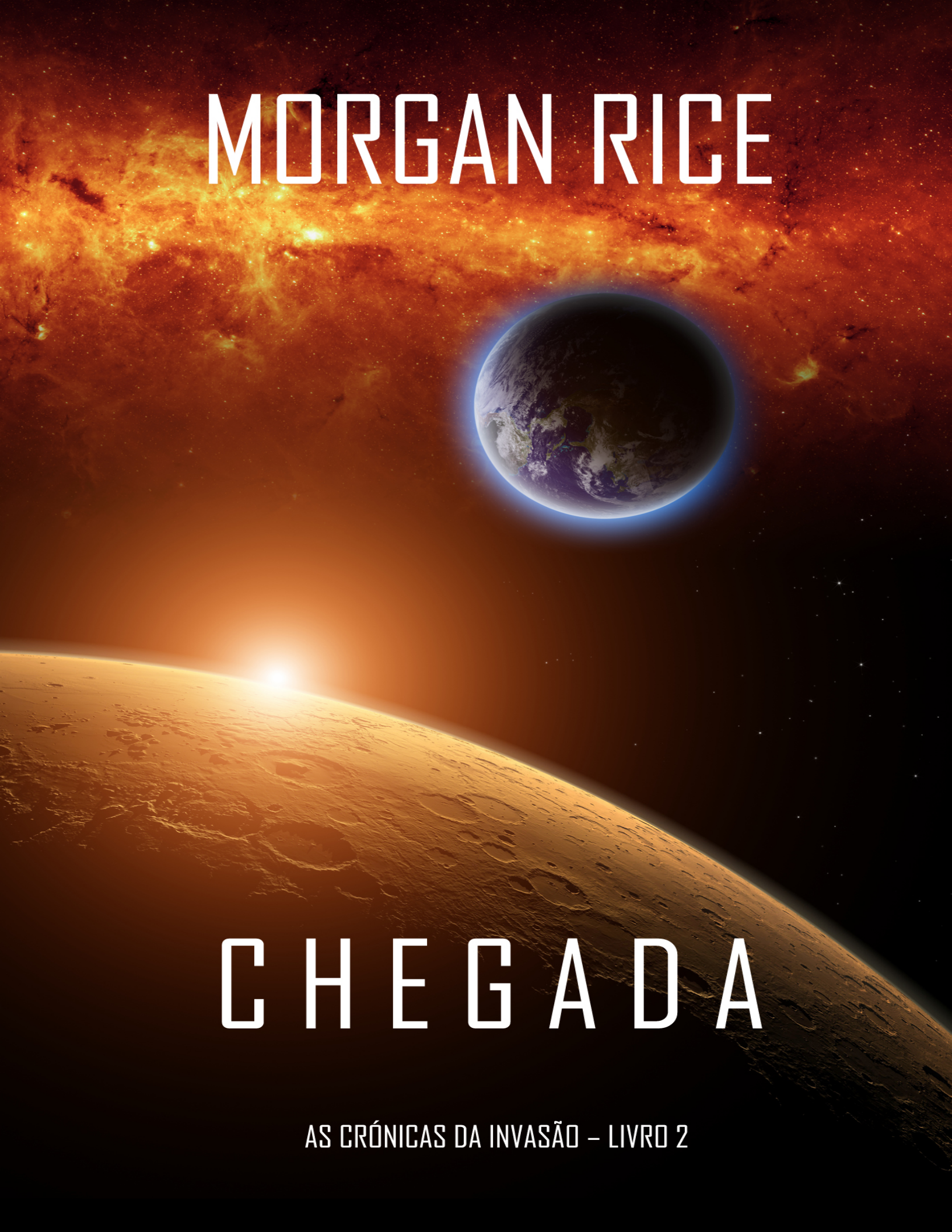


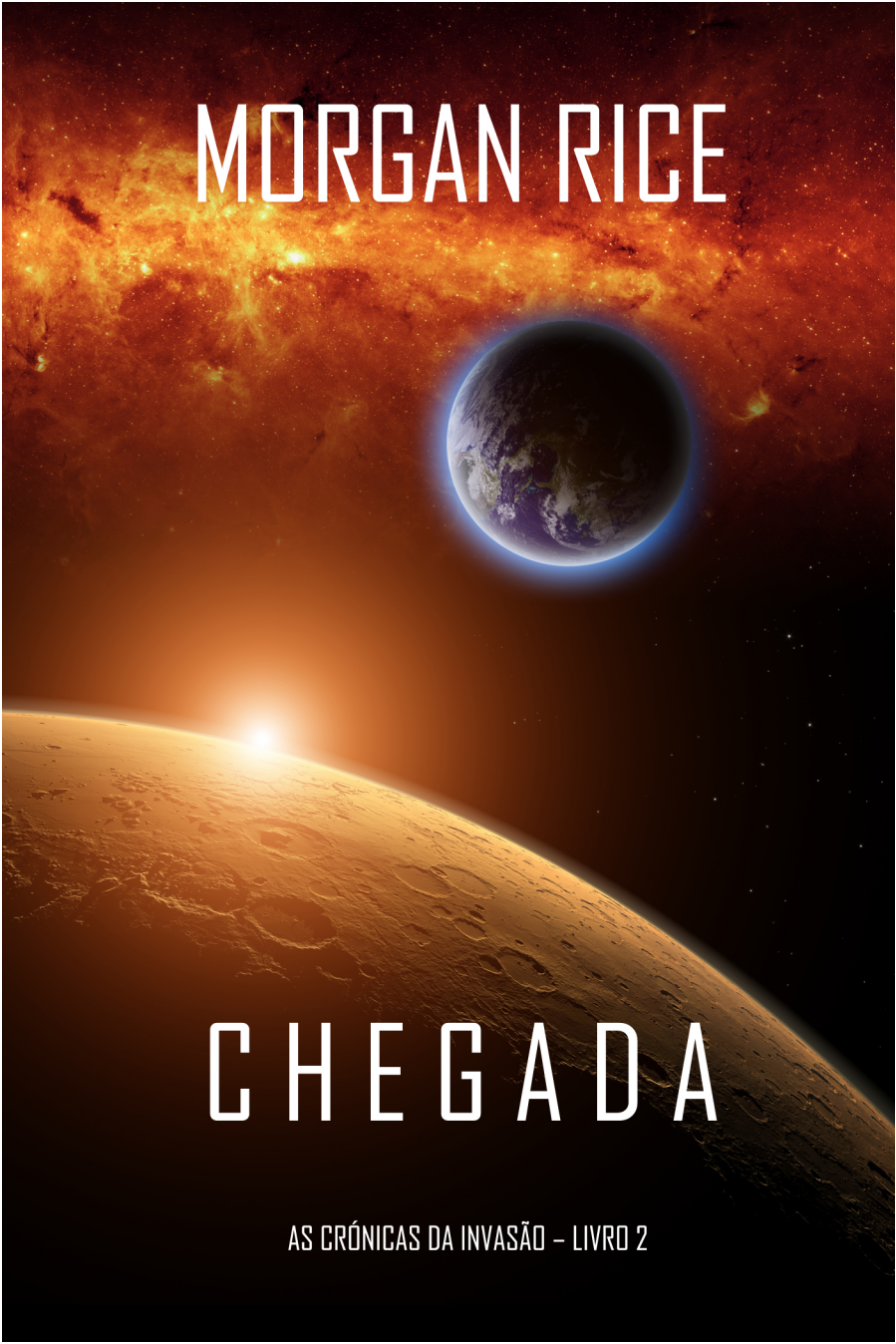
The background of the book cover is a dramatic space scene. In the upper center, the Earth is visible as a blue and white sphere with a thin blue atmospheric glow. Below it, the curved, cratered surface of the Moon dominates the lower half of the frame, illuminated from the left by a bright light source, likely the Sun, which creates a strong lens flare effect. The background is filled with a vibrant orange and yellow nebula or galaxy, with numerous small stars scattered throughout.

MORGAN RICE

CHEGADA

AS CRÓNICAS DA INVASÃO – LIVRO 2



The book cover features a dramatic space scene. In the foreground, the dark, cratered horizon of the Moon curves across the bottom. Above it, the bright, glowing edge of the Sun is visible. In the upper right, the Earth is seen as a blue and white sphere against a backdrop of a vibrant orange and yellow nebula. The author's name is at the top, and the title is in the lower center.

MORGAN RICE

CHEGADA

AS CRÔNICAS DA INVASÃO – LIVRO 2

CHEGADA

(AS CRÓNICAS DA INVASÃO - LIVRO 2)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; da série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS, composta por 8 livros (a continuar); e da nova série de ficção científica AS CRÓNICAS DA INVASÃO, composta por 3 livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

--*Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

"Uma fantasia repleta de ação que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini... Os fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

--*The Wanderer, A Literary Journal* (referente a *A Ascensão dos Dragões*)

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *Uma Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida que leva ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura sobreviver apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--*Midwest Book Review* (D. Donovan, *eBook Reviewer*)

"THE SORCERER'S RING has all the ingredients for an instant success: plots, counterplots, mystery, valiant knights, and blossoming relationships replete with broken hearts, deception and betrayal. It will keep you entertained for hours, and will satisfy all ages. Recommended for the permanent library of all fantasy readers."

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos

"Neste primeiro livro repleto de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin "Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro #1)

CHEGADA (Livro #2)

ASCENSÃO (Livro #3)

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃS (Livro #3)

UMA ENDECHA PARA PRÍNCIPES (Livro #4)

UMA JOIA PARA REALEZAS (Livro #5)

UM BEIJO PARA RAINHAS (Livro #6)

UMA COROA PARA ASSASSINOS (Livro #7)

UM APERTO DE MÃOS PARA HERDEIRAS (Livro #8)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro #1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HEROÍNA, TRAIIDORA, FILHA (Livro #6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro #7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)
O DOM DA BATALHA (Livro #17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
ARENA DOIS (Livro #2)
ARENA TRÊS (Livro #3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)
AMADA (Livro #2)
TRAÍDA (Livro #3)
PREDESTINADA (Livro #4)
DESEJADA (Livro #5)
COMPROMETIDA (Livro #6)
PROMETIDA (Livro #7)
ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

ALMEJADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

OBCECADA (Livro #12)

Sabia que eu já escrevi múltiplas séries? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!



Quer livros gratuitos?

Subscriva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite:

www.morganricebooks.com

Copyright © 2018 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book está licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZASSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZANOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

CAPÍTULO UM

Kevin batia na parede de monitores do *bunker*, em parte por frustração e, em parte porque ele tinha visto aquilo funcionar na televisão. Não funcionava aqui, porém, e isso só alimentava a frustração que ele sentia.

“Eles *não podem* simplesmente ficar sem imagem” ele insistiu. Esses sistemas não deveriam ser projetados para sobreviver a praticamente qualquer coisa? “Agora não, não assim.”

Não quando eles tinham acabado de ver o mundo praticamente a acabar, com as pessoas a agruparem-se enquanto naves alienígenas passavam sobre elas. Ao lado dele, Luna olhava fixamente para os monitores como se esperasse que eles voltassem a qualquer momento, ou talvez apenas porque ela estava a imaginar os seus pais algures lá fora, a entrarem numa nave alienígena.

Kevin colocou um braço ao redor dela, sem ter a certeza se a estava a consolar ou a tentar consolar-se a si próprio.

“Achas que as pessoas estão bem?” Luna perguntou. “Achas que os meus pais estão bem?”

Kevin engoliu em seco, pensando nas pessoas em fila para entrar nas naves. A sua mãe também estaria algures entre essas pessoas.

“Espero que sim” disse ele.

“É injusto” disse Luna. “Nós estamos aqui seguros num *bunker*, enquanto toda a gente está presa lá fora... quantas pessoas achas que foram convertidas?”

Kevin pensou na vasta maré de pessoas que tinha estado nos ecrãs antes de estes ficarem sem imagem, e nos números cada vez menores de pessoas que lá estavam para informar sobre tudo aquilo.

“Eu não sei, muitas” ele supôs.

“Talvez todas” disse Luna. “Talvez nós sejamos os últimos.”

“Devíamos dar uma volta por aqui e procurar” disse ele. “Talvez consigamos encontrar uma maneira de ligar tudo novamente. E, então, depois podemos ver.”

Ele disse isso tanto para tentar distrair Luna quanto porque achava que eles tinham esperança de o fazer. O que é que eles sabiam sobre arranjar

sistemas de computador? Se um dos cientistas do instituto da NASA estivesse lá... talvez a Dra. Levin... mas eles tinham desaparecido, assim como todos os outros. Eles tinham sido transformados pelo vapor, transformando-se em coisas que os tinham perseguido.

“Vamos” disse ele para Luna, puxando-a gentilmente para longe do ecrã. “Precisamos dar uma volta e procurar.”

Luna acenou com a cabeça, embora ela não parecesse estar a compreender tudo naquele momento. “Acho que sim”

Eles partiram pelo *bunker* sob o Monte Diablo. Kevin olhou em volta, surpreendido pela sua dimensão. Se eles estivessem estado num lugar como este, mas num momento diferente, isto poderia parecer uma aventura. Mas agora, cada passo ecoante lembrava a Kevin o quanto eles estavam sozinhos. Esta era uma base militar inteira, e eles eram os únicos que ali estavam.

“Isto é fantástico” disse Luna, com um sorriso demasiado luminoso para ser real. “Como andar furtivamente pelos armazéns.”

Porém, Kevin percebia que ela estava desanimada. Ela podia estar a esforçar-se ao máximo para ser a velha Luna, mas o que se via não era muito convincente.

“Tudo bem” disse Kevin “para mim não precisas de fingir. Eu estou...”

O que é que ele poderia dizer? Que ele estava triste também? Não parecia o suficiente para conter o fim do mundo, ou a perda de todos os que eles conheciam, ou nada daquilo, na verdade.

“Eu sei” disse Luna. “Eu só estou a tentar ter... esperança, eu acho. Vem, vamos ver o que há por aqui.”

Kevin teve a sensação de ela o querer distrair. Então, eles dirigiram-se mais para dentro do *bunker*. Era um espaço enorme, que parecia ter abrigado centenas de pessoas, se necessário. Havia canos e cabos que iam para as profundezas do *bunker* e sinais pintados nas paredes com tinta amarela.

“Olha” disse Luna, apontando “há uma cozinha naquela direção.”

Kevin sentiu o estômago a roncar só de pensar nisso e, embora isso não resolvesse todos os outros problemas, os dois partiram na direção indicada pela placa. Eles caminharam por um corredor, e depois por outro, indo dar a uma cozinha que estava construída numa escala industrial. Havia arcas congeladoras na parte de trás, atrás de portas que poderiam ter protegido um cofre, e outras portas que pareciam ir dar a armazéns.

“Devíamos ver se há alguma comida aqui” Luna sugeriu, abrindo uma.

O espaço atrás era ainda maior do que Kevin poderia esperar, cheio de caixas empilhadas. Ele abriu uma e encontrou pacotes selados e prateados que pareciam ter sido guardados para sempre.

“Há aqui comida suficiente para nos alimentar durante toda a vida” disse Kevin, e então percebeu exatamente o que acabara de dizer. “Não é isso... quero dizer, nós podemos não ter que ficar aqui para sempre.”

“Mas e se ficarmos?” Luna perguntou.

Kevin não tinha a certeza se tinha uma boa resposta para isso. Ele não se conseguia imaginar a viver aqui para sempre. Ele mal conseguia imaginar uma noite, quanto mais uma vida inteira, passada num *bunker*. “Então eu acho que estamos melhor aqui do que lá fora. Pelo menos aqui estamos em segurança.”

“Eu acho que sim” disse Luna, dando uma olhadela nas paredes parecendo avaliar o quão grossas elas eram. “Em segurança, sim.”

“Devíamos ver o que é que há mais aqui” disse Kevin. “Se vamos ficar aqui, vamos precisar de outras coisas. Água, lugares para dormir, ar fresco. Uma maneira de comunicar com o exterior.”

Ele contava-as com os dedos enquanto pensava nelas.

“Também devíamos ver se há outras maneiras de entrar ou sair” disse Luna. “Queremos ter a certeza de que ninguém mais consegue entrar.”

Kevin assentiu, porque isso parecia importante. Eles começaram a revistar o *bunker*, usando a cozinha como uma espécie de base, indo e voltando entre ela e a sala de controlo principal, que parecia curiosamente silenciosa sem nada nos seus ecrãs.

Havia outro compartimento próximo que estava cheio de equipamentos de comunicações. Kevin viu rádios e computadores. Havia até algo parecido com uma máquina telegráfica antiquada no canto, como se as pessoas de lá não confiassem que poderiam contar com o equipamento mais moderno quando precisassem dele.

“Eles têm tanta coisa” disse Luna, tocando num botão e recebendo uma explosão de ruído branco em resposta.

“Temos tanta coisa agora” salientou Kevin. “Talvez se houver outras pessoas lá fora, consigamos nos comunicar com elas.”

Luna olhou em volta. “Achas que ainda há outras pessoas? E se formos só nós os dois?”

Kevin não sabia o que dizer. Se ele ia ficar ali encurralado como uma das últimas pessoas no mundo, não havia mais ninguém com quem ele

preferisse ficar encurralado do que com a sua melhor amiga. Mesmo assim, ele tinha que acreditar que havia outras pessoas algures lá fora. Ele tinha de acreditar.

“Deve haver outras pessoas algures” disse ele. “Existem outros *bunkers* e outras coisas, e algumas pessoas terão percebido o que estava a acontecer. Havia pessoas a difundir fotos, pelo que elas deviam saber o que estava a acontecer.”

“Mas os ecrãs ficaram em branco” Luna salientou. “Nós não sabemos se elas ainda estão por aí, lá fora.”

Kevin engoliu em seco ao pensar nisso. Ele tinha assumido simplesmente que o sinal acabara de ser cortado, mas e se não fosse o sinal? E se as pessoas que os estavam a enviar também tivessem desaparecido?

Ele abanou a cabeça. “Não podemos pensar assim” disse ele. “Temos que ter esperança que haja mais pessoas lá fora.”

“Pessoas que podem matar os alienígenas” disse Luna, com um brilho severo nos seus olhos. Kevin teve a sensação de que se ela tivesse os meios para lutar contra eles, Luna estaria lá fora, agora mesmo, a tentar enfrentá-los.

Kevin conseguia entender isso. Era uma parte de quem Luna era; uma parte dela que ele gostava tanto. Ele até sentia uma parte da mesma raiva, sentindo-a a borbulhar dentro de si ao pensar que tinha sido enganado pelos alienígenas, e por tudo o que lhe havia sido tirado.

Ele precisava da distração de procurar pelo *bunker* tanto quanto Luna, porque a alternativa era pensar na sua mãe, nos seus amigos, e em todos os outros que poderiam ter estado sob as naves alienígenas quando estas chegaram.

Eles continuaram a procurar ao redor do *bunker*, e não demorou muito para que eles encontrassem o que parecia ser uma saída para as traseiras. As palavras “Ambiente Não Selado. Apenas para Saídas de Emergência!” estavam estampadas por cima de uma escotilha que parecia o tubo de torpedo de um submarino, completo com uma grande alça circular que o selava. Não parecia ser suficientemente grande para a maioria das pessoas conseguir rastejar através dele. Claro, para Kevin e Luna significaria muito espaço.

“Ambiente Não Selado?” Luna perguntou. “O que é que achas que isso significa?”

“Eu acho que isso significa que não há nenhuma câmara-de-ar nesta saída?” Kevin disse, não tendo a certeza. As palavras estampadas em torno dela faziam-na parecer como algo extremamente perigoso para abrir. Talvez fosse.

“Nenhuma câmara-de-ar?”

“As pessoas não gostariam de uma, se tivessem que sair rapidamente.”

Ele viu a mão de Luna a dirigir-se para a máscara de gás que ela tinha tido de usar durante todo o caminho até ali, e que agora pendia do cinto dos seus jeans. Kevin podia adivinhar o que ela estava a pensar.

“Não há nenhuma maneira do vapor alienígena entrar aqui” disse ele, tentando tranquilizá-la. Ele não queria que Luna se assustasse. “Não se não abirmos a porta.”

“Eu sei que é estúpido” disse Luna. “Eu sei que o vapor provavelmente já nem sequer está lá fora; que são apenas as pessoas que eles controlaram..”

“Mas ainda não parece ser seguro?” Kevin supôs. Nada parecia seguro naquele momento, mesmo num *bunker*.

Luna assentiu. “Eu preciso de me afastar desta porta.”

Kevin regressou com ela para o *bunker*, afastando-se da saída de emergência. Na verdade, saber que os dois poderiam escapar se precisassem, fazia com que ele se sentisse um pouco mais seguro, mas ele esperava que eles *não* precisassem de o fazer. Eles precisavam de algum lugar seguro, naquele momento. Um lugar onde eles se pudessem esconder dos alienígenas até que fosse seguro sair novamente.

Ou até que a sua doença o matasse. Esse era um pensamento particularmente horrível. Não havia tremores provocados pela leucodistrofia naquele momento, mas Kevin não tinha dúvidas de que eles voltariam, e piores. Ele não podia pensar nisso, porque eles tinham coisas maiores com que se preocupar. Quem diria que seria necessária uma invasão alienígena para fazer com que a sua doença parecer insignificante?

“Eu acho que há quartos aqui” disse Luna, indo à frente por um dos corredores. Havia. Havia dormitórios completos ali, com imensas filas de beliches que não eram mais do que armações de metal, mas alguns tinham coisas perto deles, juntamente com colchões e roupas de cama.

“Terias pensado que alguns deles ficariam cá dentro” disse Kevin. “Não faz sentido que não haja *ninguém* aqui.”

Luna abanou a cabeça. “Eles teriam saído para ajudar. E depois... bem, no momento em que eles tivessem percebido que isso não era uma boa ideia, os alienígenas já os estariam a controlar.”

Isso fazia uma espécie de sentido, mas não deixava de ser um pensamento horrível.

“Eu sinto falta dos meus pais” disse Luna do nada, embora talvez ela estivesse estado a pensar nisso todo este tempo. A dor causada por a mãe de Kevin ter sido levada não tinha desaparecido; tinha apenas sido empurrada para o segundo plano pela necessidade de continuar a fazer as coisas, pela necessidade de se porem a salvo e para garantir que ambos *ficavam em* segurança.

“Também sinto falta da minha mãe” disse Kevin, sentando-se à beira de um estrado de cama. Ele descobriu que era impossível imaginá-la, naquele momento, como ela era antes os alienígenas chegarem. Em vez disso, a imagem que lhe vinha à mente era dela quando ela estava na porta da sua casa, controlada pelos alienígenas e a tentar agarrá-lo.

Luna sentou-se no seu próprio estrado de cama. Nenhum deles tinha escolhido uma das que estava com roupa de cama. Isso não parecia correto de certa forma. Aquelas pareciam como se pertencessem a alguém, e os seus donos poderiam estar de volta a qualquer momento.

“Não é apenas dos meus pais” disse Luna. “É de todas as outras crianças da escola, de todas as pessoas que conheci. Todas foram levadas. Todas.”

Ela colocou a cabeça entre as mãos. Kevin colocou a sua mão na dela, sem dizer nada. Era igualmente avassalador para ele naquele momento pensar que todas as pessoas do mundo poderiam ter sido levadas pelos alienígenas. Pessoas comuns, celebridades, amigos...

“Não sobraram pessoas” disse Luna.

“De qualquer das maneiras, eu pensava que tu não gostavas de pessoas.” retrucou Kevin. “Eu pensava que tu tinhas decidido que a maioria das pessoas é estúpida?”

Luna sorriu ligeiramente ao ouvir aquilo, mas pareceu que era em esforço. “Eu prefiro estúpidas do que controladas por alienígenas em qualquer circunstância.” Ela parou por um momento. “Achas... achas que as pessoas vão alguma vez ficar bem outra vez?”

Kevin não conseguia olhar para ela. “Eu não sei.” Ele não conseguia ver como. “Porém, nós estamos a salvo. Isso é tudo o que importa.”

Não era, porém. Longe disso.

Eles procuraram pelo *bunker* até encontrarem mais camas, não querendo tirar nada dos beliches que já estavam preparados. Esses permaneciam tão imaculados como se os seus donos pudessem voltar a qualquer momento, embora Kevin tivesse que desejar que não voltassem, porque ele suponha que os alienígenas os controlassem agora.

Eles voltaram para a cozinha por tempo suficiente para comerem algo. O pacote dizia frango, mas Kevin mal conseguia sentir o seu gosto. Talvez isso fosse uma coisa boa, a julgar pelo olhar no rosto de Luna.

“Eu nunca mais vou reclamar por ter que comer legumes” disse ela, embora Kevin suspeitasse que ela provavelmente o faria. Ela não seria Luna se não o fizesse.

Quando terminaram, eles se revezaram na limpeza de uma das casas de banho do *bunker*. Eles provavelmente poderiam ter simplesmente escolhido uma casa de banho cada um, ou duas, ou mais, mas Kevin, pelo menos, não queria estar tão distante de Luna ainda. Mesmo quando chegou o momento de escolher os beliches, eles escolheram uns praticamente ao lado um do outro, quando eles tinham todo o espaço do dormitório por onde escolher. Era como uma pequena ilha escolhida no meio do dormitório, e se Kevin tentasse muito, ele conseguia quase fingir que era uma espécie de festa de pijama. Bem, não, ele não conseguia, na verdade, mas era bom pelo menos tentar.

Eles apagaram as luzes, usando lanternas militares para os guiar de volta para a cama. Luna subiu para o beliche de cima que escolheu, enquanto Kevin ficou com um beliche em baixo.

“Medo de alturas?” Luna perguntou.

“Eu só não quero ter uma visão a meio do sono e cair no chão” disse Kevin. Não que ele tivesse tido visões desde aquela que o avisara sobre a invasão. Não que servisse de alguma coisa agora se ele tivesse. Ele interrogou-se de qual era o sentido das suas visões quando nada disso havia ajudado.

“Certo” disse Luna. “Eu acho... que sim, eu acho que deves ter cuidado.”

“Talvez de manhã as coisas pareçam melhores” sugeriu Kevin. Ele não acreditava realmente nisso.

“Nós teríamos de as ver antes de elas poderem parecer melhores” Luna salientou.

“Bem, talvez consigamos encontrar uma maneira de ver as coisas novamente” disse Kevin. Se eles o fizessem, no entanto, o que é que eles poderiam ver? Eles veriam agora hordas de alienígenas lá fora no mundo? Uma paisagem árida sem nada?

“Talvez nós descubramos o que vamos fazer a seguir” sugeriu Luna.
“Talvez sonhemos com uma maneira de melhorar tudo isto.”

“Talvez” Kevin disse, embora suspeitasse que qualquer sonho que tivesse fosse ser dominado pela visão de todas aquelas pessoas silenciosas.

“Dorme bem” disse Kevin.

“Dorme bem.”

Na verdade, pareceu demorar uma eternidade para Kevin adormecer. Ele estava ali no escuro, a ouvir a respiração profunda de Luna quando ela começou a roncar de uma maneira que ela provavelmente nunca iria admitir quando acordada. Isto seria sido muito diferente se ela não estivesse ali. Mesmo que estivesse ali outra pessoa, Kevin ter-se-ia sentido sozinho, mas assim...

... Mas assim, ele ainda estava quase sozinho, mas pelo menos Luna estava ali para partilhar a solidão daquilo. Kevin não conseguia se afastar dos pensamentos do que havia acontecido com a sua mãe, com todos, mas pelo menos ele sabia que Luna estava segura.

Esses pensamentos seguiram-no no seu sono e nos seus sonhos.

Nos seus sonhos, Kevin estava cercado por todas as pessoas que ele conhecia. A sua mãe, os seus amigos da escola, os seus professores, as pessoas da NASA. Ted estava lá, com equipamento militar pendurado em cima de si, e o Professor Brewster também, com uma expressão carrancuda que sugeria que ele desaprovava tudo o que Kevin havia feito.

Kevin viu as feições deles a contorcerem-se, transformando-se em alienígenas de um filme de ficção científica. Alguns deles ficaram com pele cinzenta e olhos grandes, enquanto outros pareciam-se mais com insetos com placas de armadura a atravessarem-nos. O Professor Brewster tinha tentáculos a saírem das suas mãos, enquanto os olhos da Dra. Levin estavam sobre hastes. Eles arrastaram-se em direção a Kevin e ele começou a correr.

Ele correu pelos corredores do instituto da NASA, mal conseguindo se manter à frente deles enquanto eles apareciam por detrás de cada porta, e mesmo tendo vivido ali, Kevin não conseguia encontrar o caminho de saída para ficar em segurança. Ele não conseguia encontrar o caminho para melhorar isto.

Ele entrou de rompante num laboratório, fechando a porta atrás de si e barricando-a com cadeiras, mesas e qualquer outra coisa que ele conseguisse encontrar. Mesmo assim, do lado de fora da sala, as pessoas transformadas martelavam na porta com os punhos quando, sem nenhum motivo que Kevin entendesse, um alarme começou a soar...

Kevin acordou ofegante. Ainda estava escuro, mas ao olhar para as horas no seu telefone, ele percebeu que era só porque eles estavam debaixo da terra. Ao fundo, um alarme soava, e o seu zumbido abafado era constante, enquanto, por baixo desse som, havia uma batida abafada e metálica.

Ele percebeu que Luna estava acordada, porque ela acendeu as luzes.

“O que é?” Kevin perguntou.

Luna olhou para ele. “Eu acho que... eu acho que alguém quer entrar.”

CAPÍTULO DOIS

Eles correram para o centro de comando e agora que eles estavam mais perto da entrada, o som da batida estava mais alto. Mesmo assim, com a câmara-de-ar no meio do caminho, Kevin ficou impressionado que o som estivesse a chegar. Com o que é que eles estavam a bater na porta?

Luna não parecia impressionada; ela parecia preocupada.

“O que foi?” Kevin perguntou.

“E se forem alienígenas ou pessoas controladas?” ela perguntou. “E se eles estiverem por aí, a reunirem sobreviventes?”

“Porque é que eles fariam isso?” Kevin perguntou, mas o medo se apoderou dele ao pensar nisso. E se eles estivessem? E se eles entrassem?

“Era o que *eu faria* se eu fosse um alienígena” disse Luna. “Controlar tudo, ter a certeza que não havia mais ninguém para combater. Matar qualquer pessoa que se metesse no caminho.

Não pela primeira vez na sua vida, Kevin jurou nunca ficar no lado oposto ao de Luna. Mesmo assim, ele conseguia ouvir o medo por baixo das palavras dela. Ele também estava com medo. E se eles tivessem fugido para um lugar que parecia seguro, mas que já não era seguro?

“Conseguimos ver quem está lá fora?” Kevin perguntou.

Luna apontou para os ecrãs em branco. “Eles não estão a funcionar desde a noite passada.”

“Mas isso é apenas o sinal do mundo inteiro” insistiu Kevin. “Tem de haver... eu não sei, câmaras de segurança ou algo assim.”

Tinha de haver. Um centro de pesquisa militar não ficaria cego relativamente a tudo o que acontecia à sua volta. Ele começou a pressionar os botões nos sistemas do computador, tentando encontrar uma maneira de fazer com que eles fizessem o que eles queriam. A maioria dos ecrãs estava em branco, com os sinais do mundo inteiro desligados, bloqueados ou simplesmente... desaparecidos. Luna começou a carregar nos botões juntamente com ele, embora Kevin suspeitasse que ela sabia tão pouco o que fazer como ele.

“Quem quer que seja, não sei se o devíamos deixar entrar” disse Luna. “Pode ser qualquer um lá fora.”

“Pode ser” disse Kevin “mas e se for alguém que precisa da nossa ajuda?”

“Talvez” disse Luna, não parecendo convencida. “Quem quer que seja, está a bater na porta com muita força.”

Isso era verdade. Os ecos metálicos de cada golpe reverberavam pelo *bunker*. Chegavam em grupos de três e, lentamente, Kevin começou a perceber que havia um padrão nos espaços entre eles.

“Três curtos, três longos, três curtos” disse ele.

“Queres dizer SOS?” Luna perguntou.

Kevin olhou para ela.

“Eu pensava que todas as pessoas conheciam isso” disse ela. “Isso é tudo o que eu me lembro.”

“Então alguém lá fora está em apuros?” Kevin perguntou, e ao pensar nisso ficou preocupado de uma forma diferente. Eles deviam estar a ajudar em vez de estarem a hesitar? Ele viu uma foto de uma câmara no canto de um dos ecrãs. Ele pressionou na foto, e agora os ecrãs iluminaram-se com imagens de câmaras de segurança em torno da base deserta.

“Aquela” disse Luna, apontando para uma das imagens como se Kevin não soubesse como selecionar uma de entre as outras. “Deixa-me tentar.”

Ela pressionou um botão e a imagem preencheu o ecrã.

Kevin não sabia o que tinha estado à espera. Uma horda de pessoas controladas pelos alienígenas, talvez. Algum soldado que sabia sobre a base e que tinha lutado para atravessar o país para lá chegar. Não era uma miúda da idade deles, segurando o que pareciam ser os restos de uma placa de sinalização e batendo com ela contra a porta num ritmo constante.

Ela era atlética e tinha cabelos escuros, o cabelo curto e um piercing no nariz, como se a desafiar o mundo a dizer alguma coisa sobre isso. Kevin pôde ver que as suas feições eram bonitas, muito bonitas, ele pensou, mas algo desleixada o que sugeria que ela não apreciaria ser chamada assim. Ela estava a usar um top escuro com capuz e uma jaqueta de couro que parecia um par de tamanhos acima, jeans rasgados e botas de caminhada. Ela tinha uma pequena mochila, como se ela estivesse na montanha apenas para fazer as caminhadas, mas o resto dela parecia mais como se ela fosse uma fugitiva, com as suas roupas suficientemente sujas para ela poder ter andado lá por fora durante semanas antes dos alienígenas chegarem.

“Eu não gosto disso” disse Luna. “Porque é que há apenas uma miúda lá fora, a tentar entrar?”

“Eu não sei” disse Kevin “mas devíamos provavelmente deixá-la entrar.”

Isso fazia sentido, não fazia? Se ela estava a pedir ajuda, então eles deviam pelo menos *tentar*, não era? A miúda estava a olhar para o ecrã agora, e embora não parecesse haver qualquer som, ela não parecia satisfeita por a estarem a deixar lá fora.

Luna pressionou algo e agora eles conseguiam ouvi-la, com os microfones a captarem as suas palavras.

“... para me deixarem entrar! Ainda há essas *coisas* aqui fora! Tenho a certeza disso!”

Kevin deu por si a olhar para lá dela no ecrã, e, como era de esperar, ele achava que conseguia distinguir os sinais das pessoas ali, movendo-se com a estranha falta de propósito que sugeria que os alienígenas as controlavam.

“Devíamos deixá-la entrar” disse Kevin. “Não podemos simplesmente deixar alguém lá fora.”

“Ela não está a usar uma máscara” Luna salientou.

“E então?”

Luna abanou a cabeça. “Então, se ela não está a usar uma máscara, porque é que o vapor alienígena não a está a converter? Como é que sabemos que ela *não é* um deles?”

Como se em resposta a isso, a miúda no ecrã aproximou-se da câmara, olhando para cima diretamente para ela.

“Eu sei que há alguém aí dentro” disse ela. “Eu vi a câmara se mexer. Olhem, eu não sou um deles, sou normal. Olhem para mim!”

Kevin olhou-a nos olhos. Eles eram grandes e castanhos, mas o mais importante, as pupilas eram normais. Não mudando para branco puro como tinha acontecido com os cientistas quando o vapor da rocha os havia reivindicado, ou como os olhos da sua mãe estavam quando ele foi a casa...

“Temos que deixá-la entrar” disse Kevin. “Se a deixarmos lá fora, as pessoas controladas vão apanhá-la.”

Como era de esperar, Kevin viu figuras em uniforme militar a avançar, movendo-se em uníssono, obviamente sob o controlo dos alienígenas.

Ele correu para a câmara de ar e usou a chave que a Dra. Levin lhe havia dado para a abrir. Para lá daquele lugar, a miúda estava lá à espera, enquanto os antigos soldados estavam a aproximar-se, começando a correr.

“Rápido, para dentro!” Kevin disse. Ele puxou a miúda para dentro da câmara, porque não havia tempo a perder. Ele tentou fechar a porta, sabendo

que eles estariam seguros no momento em que esta estivesse entre eles e os controlados que avançavam pela base.

A porta não se moveu.

“Ajuda-me” Kevin gritou para ela, puxando a porta e sentindo a solidez do aço sob as suas mãos. A miúda agarrou-a juntamente com ele, puxando a porta, atirando o seu peso para trás para tentar movê-la.

Um pouco mais longe, os antigos soldados avançavam a correr, e tudo o que Kevin conseguia fazer era manter a sua atenção na porta, não sobre eles. Era a única maneira que ele tinha de conseguir manter o seu medo afastado e de se concentrar em atirar o seu próprio peso para trás, puxando a porta.

Finalmente, a porta cedeu, chiando em movimento enquanto eles a arrastavam para ela se fechar. Kevin ouviu o eco da porta a bater com força, fechando com um estalido que soou ao redor da câmara-de-ar.

“*Procedimento de Descontaminação a Começar*”, disse uma voz eletrónica, da mesma maneira que tinha dito quando Kevin e Luna tinham chegado da primeira vez. À volta deles, ouviu-se o barulho do ar a ser limpo pelos filtros do *bunker*.

“Olá, eu sou Kevin” disse ele. Ele suspeitava que deveria haver algo mais dramático para dizer num momento como este, mas ele não conseguiu lembrar de nada.

A miúda ficou em silêncio por um momento ou dois, depois pareceu perceber que Kevin poderia estar à espera de uma resposta. “Eu sou Chloe.”

“Muito gosto em conhecer-te, Chloe” disse Kevin.

Ela olhou para ele em silêncio, como se o estivesse a avaliar, e parecia quase pronta para correr. “Sim, eu acho.”

A outra porta da câmara-de-ar abriu-se. Luna estava à espera deles, com um grande sorriso de boas-vindas, apesar de ter sido ela quem tinha argumentado contra deixar Chloe entrar.

“Olá” disse Luna. Ela estendeu uma mão. “Eu sou Luna.”

Chloe olhou para a mão dela, depois encolheu os ombros sem lhe pegar.

“Esta é Chloe” Kevin disse por ela.

Chloe assentiu num entendimento não muito entusiasmado, olhando em volta cautelosamente.

“Onde é que estão as outras pessoas?” ela quis saber finalmente.

“Não há mais ninguém” respondeu Luna. “Só nós. Eu e o Kevin.”

Ela aproximou-se de Kevin como se para enfatizar que eles eram uma equipa. Ela até pôs uma mão no ombro dele.

“Só vocês os dois?” Chloe perguntou. Ela sentou-se numa das cadeiras do centro de comando, abanando a cabeça. “Todo este caminho, e são só vocês os dois?”

“De onde é que vieste?” Kevin perguntou.

“Isso não importa” Chloe disse, sem olhar para eles.

“Eu acho que até importa um pouco” Luna respondeu num ápice. “Quero dizer, tu apareceste do nada e estás a pedir-nos para confiar em ti.”

Chloe olhou para ela bruscamente, encolheu os ombros novamente, e, depois, saiu da sala. Kevin foi atrás dela, principalmente porque suspeitava que, se Luna fosse atrás dela, poderia haver algum tipo de discussão, e também porque havia algo intrigante em Chloe. Havia tantas coisas que eles não sabiam sobre ela.

“Não precisas de me seguir” disse Chloe, olhando para trás enquanto Kevin a seguia por um dos corredores.

“Eu pensei que poderia levar-te a conhecer o lugar” disse Kevin.
“Sabes... se quiseres.”

Chloe encolheu os ombros mais uma vez. Parecia haver pormenores nos seus encolheres de ombros, e parecia que este significava que poderia ser. Kevin não sabia ao certo o que pensar dela.

“Temos estado a explorar o lugar desde que aqui chegámos” disse Kevin. “Há uma cozinha e uma despensa aqui em baixo, e alguns casas de banho aqui. Este é o dormitório onde estamos a dormir. Escolhe uma cama, se quiseres. Eu estou ali, e a Luna também.

Chloe escolheu uma cama. Era do outro lado do quarto de onde Luna e Kevin haviam escolhido.

“Não é que eu não confie em vocês” ela disse “mas eu não vos conheço, e...” “Ela abanou a cabeça, não terminando. Havia um olhar atormentado nela.

“Estás bem?” Kevin perguntou.

“Estou bem” Chloe respondeu bruscamente, mas depois suavizou um pouco a sua voz. “Estou bem.” Apenas estou habituada a cuidar de mim há algum tempo. Acho que não sou muito boa em abrir-me para as pessoas.”

“Ok” disse Kevin. Ele recuou na direção da porta. “Eu posso ir-me embora se não quiseres...”

“Eu fugi de casa” disse Chloe. Foi o suficiente para parar Kevin onde ele estava.

“O quê?”

“Quero dizer, antes dos alienígenas chegarem” Chloe continuou. “A minha mãe estava sempre a gritar comigo, e o meu pai era... bem, algumas coisas aconteceram e todos diziam que eu era louca... de qualquer maneira, eu tenho um primo no norte. Eu pensei que se eu conseguisse chegar até ele, ficaria bem, e, foi então que os alienígenas vieram.”

Para Kevin, parecia que ela estava a passar por cima de um monte de coisas, mas ele deixou passar. Muitas das pausas pareciam lacunas que escondiam o tipo de coisas que doíam demasiado, como se fingir fizesse com que tudo acabasse. Ele sabia disso. Se ele fingisse que tudo estava bem era como se a sua doença não existisse.

“Como é que sobreviveste lá fora?” Kevin perguntou.

“Eu fiz o que tinha que fazer” Chloe disse, soando defensiva, e também meio atormentada novamente. “Espera, queres dizer quando todas as pessoas mudaram? Eu estava... acho que foi apenas sorte. Eu estava dentro, longe de todos quando isso começou a acontecer, e as pessoas disseram que havia gás ou algo assim, mas quando saí, eram apenas aquelas coisas a tentarem agarrar as pessoas e respirar sobre elas.”

“Quando saíste?” Kevin perguntou.

“Um talhante trancou-me no seu armário de carne. Disse que eu o estava a tentar roubar.

Isso era em algum lugar que poderia manter o vapor alienígena fora? Isso significava que Luna e ele já não precisavam das suas máscaras?

“Vai ficar tudo bem” disse Kevin.

Chloe encolheu os ombros novamente. “Tu és o rapaz que aparece na televisão, não és? Quando disseste que o teu nome era Kevin, eu não entendi, mas eu acho que te reconheço. É por isso que estás aqui? Eles esconderam-te num lugar seguro porque tu és o rapaz que sabe sobre os alienígenas?”

Kevin abanou a cabeça, voltando para perto dela. “Eles não me colocaram aqui. A Dra. Levin deu-me uma chave que servia nos *bunkers* que eles têm e contou-me sobre o que estava sob o centro de pesquisa da NASA, mas isso correu mal. Luna e eu tivemos que encontrar este lugar sozinhos.

Chloe assentiu. “Luna... ela é tua namorada?”

As pessoas sempre estavam a assumir isso. Kevin não conseguia entender porquê. Parecia óbvio para ele que Luna nunca seria sua namorada.

“Ela é minha amiga” disse Kevin. “Nós não somos... quero dizer...”

Era estranho como falar sobre alienígenas era mais fácil do que falar exatamente sobre o que ele e Luna eram.

“Estranho” disse Chloe. “Quero dizer, tu pareces simpático. Eu *definitivamente* não te deixaria apenas como amigo. Porque será?”

Porém, Kevin não conseguiu descobrir o que ela estava a pensar, porque uma tosse afiada veio da porta. Quase tão afiada quanto o olhar que Luna lhes lançou quando Kevin se virou.

“Eu queria ver porque é que vocês estavam a demorar tanto tempo” ela disse, e ela não parecia contente. Ela parecia... quase com ciúmes, e isso não fazia sentido, porque nada estava a acontecer aqui, e em todo o caso, Kevin e Luna não eram assim. Ou eram?

“Olá, Luna” disse Kevin. “Chloe estava a contar-me sobre ela.”

“Aposto que sim” disse Luna. “Talvez ela também me possa contar um pouco. E talvez, enquanto o fazemos, possamos descobrir o que vamos fazer a seguir. “

Eles foram até à área da cozinha, porque nenhum deles havia tomado o pequeno-almoço ainda. Kevin foi buscar mantimentos à despensa, não inteiramente certo se deveria deixar Luna e Chloe sozinhas naquele momento.

Kevin agarrou num pacote que dizia ser de panquecas de mirtilo e levou-o para eles. Elas estavam caladas, o que era meio preocupante - Luna quase nunca estava calada.

“Eu encontrei panquecas de mirtilo” disse ele.

“Isso é ótimo” disse Luna. “Eu adoro panquecas de mirtilo.”

“Eu também” Chloe disse, embora Kevin tivesse a sensação de que ela só o tinha dito porque Luna tinha.

“Bem, eu não sei se serão boas” disse Kevin.

A resposta para isso era simples: elas sabiam a algo que estava num pacote numa despensa há mais tempo do que deveriam. Mesmo assim, nesta altura, ele já estava com fome suficiente para comer tudo aquilo.

“Como é que soubeste deste lugar?” Kevin perguntou a Chloe enquanto eles estavam a comer.

“O meu pai... o trabalho dele significava que ele... ouvia coisas” ela disse, mas não se expandiu mais do que isso sobre o assunto. Kevin

suspeitou que, se tivesse sido Luna a perguntar em vez de ele, ela nem isso teria dito.

“Então caminhaste até aqui, e bateste na porta até alguém te deixar entrar?” Luna perguntou. Para Kevin ela soava como se não estivesse a acreditar muito naquilo.

“Eu tive que ir a um lugar” disse Chloe.

“Eu pergunto-me se há outros lugares como este, onde as pessoas se tenham conseguido esconder” disse Kevin antes de isso se poder transformar numa discussão. Ele queria que elas se entendessem, já que elas estavam encurraladas ali.

“Se há, não as conseguimos contactar” disse Luna. “Ainda não há sinal a entrar pelos ecrãs, e todos esses dispositivos de comunicação são inúteis se não soubermos a quem nos estamos a conectar.”

“Talvez tu simplesmente não os estejas a ligar corretamente” disse Chloe.

Luna lançou-lhe um olhar sério.

“De qualquer maneira, nós podemos ficar aqui o tempo que precisarmos” disse Luna. “Estamos a salvo aqui. Nós conversámos sobre isto ontem, Kevin.”

Eles tinham-no feito, e tinha sido um pensamento reconfortante naquele momento, mas seria mesmo? Eles iriam os três ficar ali durante o resto das suas vidas?

“Eu talvez saiba de um lugar” disse Chloe, entre bocados de panqueca.

“Acabaste de saber sobre um lugar?” Luna perguntou. “Da mesma forma que ouviste falar deste lugar?”

Para Kevin, ela parecia desconfiada. Ele queria dar a Chloe o benefício da dúvida, mas Luna parecia confiar nela muito menos do que ele.

Chloe posou o garfo. “Eu ouvi algumas pessoas, que encontrei no caminho para aqui, a falar nele. Eu imaginei que este era mais próximo e mais seguro. Mas se não há ninguém aqui...”

“Nós estamos aqui” disse Luna. “Nós estamos a salvo aqui.”

“Estamos?” Chloe quis saber, olhando para Kevin como se para confirmação. “É suposto haver um grupo em direção a Los Angeles que está a ajudar refugiados a se reunirem e a permanecerem a salvo. Eles autointitulam-se de Sobreviventes.”

“Então queres que a gente vá até Los Angeles e procure essas pessoas?” Luna perguntou.

“Qual é o *teu* plano? Ficar aqui simplesmente à espera que as coisas melhorem?”

Kevin olhou de uma para a outra, tentando descobrir a melhor maneira de manter tudo calmo.

“Nós temos comida suficiente para durar para sempre, e talvez consigamos que o rádio funcione em breve. Não podemos simplesmente sair quando pode haver qualquer coisa.”

Chloe abanou a cabeça. “As coisas não melhoram. Confiem em mim.”

“Confiar em ti?” Luna perguntou. “Nós nem te conhecemos. Nós vamos ficar aqui.”

Kevin conhecia aquele tom. Significava que Luna não estava a recuar.

“Ouçam a pequena líder de claque perfeita, a pensar que está no comando” Chloe retrucou.

“Tu não sabes nada sobre mim” insistiu Luna, num tom de voz perigoso.

Kevin mal conseguia entender porque é que elas estavam a discutir. Ele tinha estado a tentar não se envolver, mas agora parecia que ele o teria de fazer.

Ele levantou-se para dizer uma coisa, mas parou, porque uma dor disparou pela sua cabeça, juntamente com outra coisa, uma sensação que ele não tinha há dias.

“Kevin?” Luna chamou. “Estás bem?”

Kevin abanou a cabeça. “Eu acho que... eu acho que está a chegar outro sinal.”

CAPÍTULO TRÊS

Uns números passaram pela mente de Kevin, explodindo numa sequência rápida, parecendo quase se queimarem no seu cérebro. Eles pareciam demasiado rápidos para segurar, mas Kevin sabia que tinha que tentar. Ele tentou agarrá-los...

Kevin acordou, pestanejando no cimo do beliche superior da cama que escolhera. Doía-lhe a cabeça como se tivesse sido atingido, mas não era isso. Era apenas a dor que ele tinha quando o seu corpo tentava processar um sinal alienígena que não conseguia, tentando em vão agarrá-lo. Ele colocou uma mão no nariz que ficou manchada por um fino fluxo de sangue.

“Toma” disse Luna, entregando-lhe um pano.

“Obrigado” respondeu Kevin.

Chloe estava a olhar para ele do outro lado do beliche, como se fosse uma barreira entre ela e Luna.

“Está bem?” ela perguntou. “O que aconteceu?”

“Eu disse-te o que aconteceu” disse Luna. Kevin notou algum aborrecimento ali.

Chloe abanou a cabeça. “Eu quero ouvir isso dele.”

Kevin engoliu em seco. “Eu acho... acho que há uma transmissão.”

“Eu disse-te” disse Luna, com uma certa satisfação e, em seguida, olhou para Kevin. “Espera, *achas que* há uma?”

Kevin pôde entender aquela incerteza. Antes, as transmissões tinham todas sido tão claras.

“Não havia palavras” disse Kevin. “Eram só números.”

“Como da primeira vez” disse Luna.

Kevin assentiu, esforçando-se para se sentar. Quando pestanejou, ele conseguiu ver os números claramente, queimando por detrás das suas pálpebras, ali, quer ele as quisesse ver quer não.

“Então é assim que acontece?” Chloe perguntou, parecendo quase excitada com isso. “Recebes transmissões reais no teu cérebro?”

“Recebo indícios de coisas” disse Kevin “mas as transmissões reais passam pelos radiotelescópios da NASA. Eu apenas sou capaz de os traduzir.”

“Isso é... incrível” disse Chloe.

Era fácil esquecer que havia pessoas por aí que não o tinham visto a fazer isto imensas vezes antes.

“Não é algo divertido” disse Luna. “Podes ver o que isso faz a Kevin. E todos os problemas que vêm daí também... não apenas os alienígenas que vêm. Nós tivemos pessoas a ameaçarem-nos, a tentarem matar-nos, pessoas a não acreditarem em Kevin. Sabes como é, ninguém acreditar em ti quando estás a dizer a verdade? Dizerem-te que és louco?”

Chloe estava cada vez mais irritada à medida que Luna falava, mas quando ela acabou, Chloe ficou quieta.

“Sim” ela disse suavemente. “Sim, sei.”

Ela afastou-se e sentou-se na esquina de uma das outras camas. Kevin viu os dedos dela tamborilarem juntos, como se houvesse muita coisa que ela quisesse dizer. Mas ela não o fez. Kevin poder-lhe-ia ter perguntado o que se passava, mas Luna começou a falar com ele novamente.

“Então isto significa que há outra mensagem à espera?” ela perguntou. “Outra transmissão dos alienígenas?”

Kevin assentiu. “Não dos que invadiram, no entanto. Esta era mais parecida com o que ele tinha sentido com os outros. Os que nos tentaram avisar.”

“Eu imaginei isso” disse Luna. “Quero dizer, o que é que os invasores vão dizer agora? Rendam-se ou serão destruídos, humanos insignificantes? A resistência é fútil? Que tipo de alienígenas se gabam quando já te venceram?”

“Todas as pessoas fazem isso” Chloe murmurou e, em seguida, levantou-se e saiu.

Luna franziu a testa ao vê-la sair. “Qual é o problema dela?”

Kevin abanou a cabeça. “Eu não sei. Tenho a sensação de que algo muito mau aconteceu antes de ela vir para aqui.”

“Queres dizer, pior do que o mundo estar a ser invadido por alienígenas?” Luna perguntou. “Ou pior do que ser agarrado por um indivíduo com uma arma numa conferência de imprensa?”

“Eu não sei” Kevin repetiu. Ele teve a sensação de que provavelmente deveria ir atrás de Chloe, mas ele ainda não se sentia suficientemente forte para o fazer, e de qualquer maneira, ele também tinha a sensação de que Luna não ficaria feliz consigo se ele o fizesse.

“Eu imaginei que ela te tivesse dito” disse Luna. “Quero dizer, parecia que vocês estavam a ter uma boa conversa quando eu apareci há pouco.”

Quase que pareciam ciúmes, mas porque é que Luna ficaria com ciúmes? Ela tinha que saber que ela e Kevin seriam sempre melhores amigos, e que nada se iria meter entre eles, certo? E quanto a qualquer outra coisa... bem, isso implicaria que Luna estava interessada em ser mais do que apenas sua amiga, e Kevin não acreditava que isso alguma vez fosse acontecer.

“Ela não disse muito” disse Kevin. “Apenas que ela fugiu.”

“Parece que ela é boa nisso” disse Luna, com outro olhar aguçado em direção à porta.

“Luna” disse Kevin. “Podes ao menos tentar ser simpática com ela? Quer dizer, eu nem sequer sei porque é que estás com raiva dela. Eu teria pensado que vocês se dariam bem.”

“Porque somos ambas miúdas?” Luna perguntou.

“Não!” Kevin disse apressadamente. “Quero dizer, porque vocês são ambas...” Ele tentou pensar nas palavras certas. Valentes estaria correto? Chloe certamente parecia valente, enquanto Luna não, mas Kevin sabia por experiência que ela era.

“Nós não somos nada parecidas” disse Luna. “Ela chamou-me de líder de claque.”

Ela parecia insultada com isso.

“Bem, tu estavas no...”

“A questão não é essa” disse Luna, mas depois parou. “Mas ok. Eu vou ser simpática. Eu acho que se vamos todos ficar encurralados num *bunker* juntos, teremos que nos dar bem. Mas faço isto por ti, não por ela.”

“Obrigado” disse Kevin.

“Claro que, se houver algum sinal novo, então não vamos poder ficar no *bunker*, não é?” Luna disse, soando como se fosse tudo bastante óbvio. Talvez fosse para ela. Luna tinha sido sempre boa a elaborar planos para as coisas. Muitas vezes, tinham planos para se meter em mais sarilhos.

Kevin ainda não tinha pensado nisso, mas Luna provavelmente estava certa. Se havia um novo sinal, então eles tinham que descobrir o que significava, e só havia um lugar onde podiam fazer isso.

“Acho que temos que voltar ao instituto de pesquisa” disse Kevin.

“Apesar de quase não termos saído de lá da primeira vez?” Luna perguntou. “E não sabemos o que está na mensagem e não sabemos se isso

servirá para alguma coisa quando os alienígenas já tiverem conquistado o nosso mundo. *Poderia* ser apenas 'desculpem, nós tentámos avisá-los.'“

“Mas e se não for?” Kevin ripostou. “Quero dizer, acreditas realmente que eles enviariam uma mensagem pelo espaço para isso?”

“Não, eu acho que não” disse Luna, parecendo mais séria agora.

“E se eles descobrirem uma maneira de vencer os alienígenas, ou de forçá-los a deixar de controlar o corpo das pessoas?” Kevin perguntou. “E se eles nos derem uma maneira de melhorar isso? Nós temos que voltar. Bem, eu tenho. Quero dizer, tu podes ficar mais segura se...”

“Se terminares esse pensamento eu dou-te um soco” disse Luna. “*Claro* que eu vou.”

“Mas eu pensei que...”

“Tu pensaste que me ias deixar para trás enquanto tinhas uma aventura sozinho?” Luna quis saber.

Kevin abanou a cabeça. “Eu pensei que finalmente tínhamos chegado a um lugar seguro. Eu pensei que talvez tu não quisesses desistir disso. Eu *tenho* que estar lá para traduzir a mensagem, mas ninguém mais... uouuu!”

Ele esfregou o punho onde Luna o tinha agarrado.

“Eu disse-te que sim” disse ela com um grande sorriso que sugeria que ela não estava remotamente arrependida. “Eu vou contigo, porque *alguém* tem que impedir que sejas agarrado por pessoas controladas. Além disso, se houver alguma coisa que nos permita voltar atrás e dar-lhes uns pontapés no rabo pelo que eles fizeram, eu quero saber.”

Isso era parte do que era tão incrível em Luna. Ela não desistia, mesmo quando tudo dizia que era a coisa sensata a fazer. Ela lutaria contra qualquer coisa, incluindo uma invasão alienígena.

“Alguma vez te disse o quão incrível és?” Kevin perguntou.

“Não precisas de me dizer” disse Luna com outro sorriso irónico. “Eu simplesmente sei. Francamente, tens sorte em poderes ser meu amigo.”

“É verdade” disse Kevin. Ele ficou sério por um momento. “Precisamos de um plano, se vamos voltar.”

“Nós vamos precisar de suprimentos” disse Luna, começando a verificar itens com os seus dedos. “Vamos precisar de comida, talvez ferramentas para entrar, máscaras...”

“A Chloe disse que o vapor tinha desaparecido” destacou Kevin.

“E como é que ela sabe?” Luna ripostou. “Ok, talvez, mas eu prefiro ter uma comigo por precaução. Tu podes ficar com a incumbência de lhe dizer a

ela que nós vamos.

“Talvez ela queira vir connosco” disse Kevin.

Luna fez uma careta. “Acho que é melhor do que a deixar aqui sem saber se ela nos vai deixar entrar novamente. Vou começar a reunir suprimentos. Tu vai, e fala com ela.”

Kevin atravessou o complexo subterrâneo, à procura de Chloe. Demorou algum tempo a encontrá-la nos emaranhados corredores e despensas, mas acabou por a ouvir lá à frente. Ela parecia estar a falar sozinha.

“Eu não posso fazer isso... eu não posso fazer isso...”

Kevin olhou cautelosamente por uma porta e encontrou Chloe sentada no chão de uma despensa. Havia coisas espalhadas por ali de uma forma que não parecia accidental. Parecia que ela tinha varrido com o seu braço uma das prateleiras, derrubando tudo para o chão. Ela tinha a cabeça entre as suas mãos e parecia estar a chorar.

“Chloe?”

Ela olhou para cima quando Kevin se aproximou, enxugando as lágrimas como se temesse que pudessem ser usadas contra ela.

“Eu estou bem” disse ela, antes que Kevin conseguisse perguntar se ela estava bem. “Eu estou bem.”

“Eu costumava dizer que estava bem quando as pessoas me perguntavam sobre a minha doença” disse Kevin, movendo-se para se sentar ao lado dela. “Isso significava principalmente que eu não estava.”

“É só que eu fico... chateada... às vezes” Chloe disse, e Kevin achou que ela tinha escolhido essa palavra cuidadosamente de todas as que lhe tinham ocorrido. “Eu faço coisas sem na verdade pensar. É parte da razão pela qual as pessoas diziam que eu era louca.”

“Eu não acho que tu sejas louca” disse Kevin.

Chloe suspirou. “Ainda não me conheces. Vieste aqui só para ver o quanto eu estava a estragar tudo?”

“Não, claro que não” disse Kevin. “Nós... eu... acho que precisamos de voltar ao instituto de pesquisa da NASA. Com o que vi, pode haver uma mensagem e esta pode ser importante.”

“Queres ir para o meio da cidade, para um lugar que pode estar cheio deles?” Chloe perguntou. “Isso... isso não faz nenhum sentido. Nós

poderíamos ir a qualquer lugar. Há os Sobreviventes em Los Angeles, ou o meu primo no norte...”

“Nós precisamos de fazer isto” disse Kevin. “A Luna está a reunir suprimentos e vamos elaborar um plano para chegar lá em segurança. Podias ficar aqui se quisesse, porém. Não tens de vir connosco se achas que não vai ser suficientemente seguro.”

“Não queres que eu vá contigo?” Chloe perguntou, e agora ela parecia tão chateada quanto tinha parecido antes.

“Não foi isso que eu disse” disse Kevin.

“Mas era isso que querias dizer, não era?” Chloe ripostou.

“Não” respondeu Kevin. “Eu só pensei que tu poderias não *quer* ir. Tu própria disste que poderia ser perigoso.”

Chloe encolheu os ombros. “Como queiras.”

“Chloe” disse Kevin. “Eu não quero...”

“Como queiras” repetiu Chloe, num tom aborrecido. “Faz como quiseres. Tanto me faz. Vai tratar dos teus preparativos estúpidos.”

“Chloe...”

“Vai!” ela retrucou bruscamente.

Kevin foi, com a esperança que, se ele deixasse Chloe sozinha por um tempo, eles conseguissem falar sobre isso novamente mais tarde ou algo assim. Era isso o que as pessoas faziam, não era? Eles conversaram sobre as coisas e fizeram as pazes?

Por enquanto, ele sabia que provavelmente deveria ajudar Luna a encontrar suprimentos para a jornada deles. Eles precisariam de todo o tipo de coisas, desde combustível, para o carro que eles haviam deixado lá fora à espera, a roupa, mapas. Ele passou por uma porta com a palavra “Arsenal” impressa acima e tentou abrir a maçaneta, mas esta estava trancada. Talvez isso fosse bom também. Ele duvidava que ele e Luna conseguissem passar por uma horda de pessoas controladas, independentemente de quantas armas eles tivessem. Além disso, isso fê-lo imaginar a sua mãe a correr na sua direção, ou os cientistas do Instituto ou os pais de Luna. Ele achava que não iria ser capaz de magoar nenhum deles.

Ele ainda estava a pensar nisso quando ouviu alarmes a soarem na direção da sala de controlo.

Kevin correu para lá, esperando que isso não passasse de um falso alarme ou de uma falha menor, mas no fundo, ele sabia que não era. Ele

sabia exatamente quem seria a responsável por aquele alarme e ele não queria pensar no que ela poderia estar a fazer.

Ele correu para a sala de controlo e viu Chloe. Ela estava a pressionar botões nos computadores numa névoa de lágrimas, apunhalando-os com os dedos, como se pressioná-los com mais força os fizesse funcionar melhor.

“Chloe, o que é que estás a fazer?” Kevin quis saber.

“Eu não tenho que fazer o que tu dizes. Não tenho que fazer o que *as outras pessoas* dizem” disse ela num tom determinado. “Tu não me podes manter aqui. Eu preciso de sair!”

“Ninguém está a tentar...”

“Eu pensei que tu gostasses de mim. Eu pensei que tu poderias ser meu amigo, mas tu és como todos os outros. Vou-me embora. Não me podes impedir!”

Ela pressionou outra coisa qualquer e o tom dos alarmes mudou. Palavras geradas por computador soaram nos altifalantes.

“Procedimento de Evacuação de Emergência iniciado. A abrir portas. Por favor, saiam da base de uma forma ordenada.”

“O quê?” Kevin perguntou. “Chloe, o que é que fizeste?”

“O que é que ela está a fazer agora?” Luna perguntou, enquanto corria para a sala. Ela tinha uma mochila sobre um ombro que obviamente ela tinha estado a usar para recolher suprimentos, ainda meio aberta por causa da pressa de chegar ali. Ela não parecia satisfeita.

Não tão insatisfeita quanto Chloe, no entanto. “Tu ias deixar-me aqui sozinha como uma espécie de... de *prisioneira*” ela disse, e o seu tom era frenético, irritado e assustado, tudo ao mesmo tempo. “Tu não me vais manter aqui. Eu vou para o meu primo. Eu vou descobrir o que aconteceu com ele. Depois eu vou até aos Sobreviventes.”

Atrás dela, a grande porta da câmara de ar estava a abrir-se. Para choque de Kevin, o mesmo estava a acontecer com a porta externa, ambas abrindo de uma só vez num caminho claro para o lado de fora. Kevin conseguia ver a estrada da montanha lá fora e as árvores. Pior, ele conseguia ver figuras a deslocarem-se lá fora, voltando-se para o som quase em uníssono.

Praticamente assim que o caminho ficou livre, Chloe desatou a correr para a porta, saindo para a montanha. Kevin estava em choque com tudo o que estava a acontecer, tanto que não tentou detê-la, e Luna estava a colocar a sua máscara de gás apressadamente, obviamente ainda sem saber se devia confiar no ar do lado de fora ou não.

“A porta, Kevin!” Luna gritou enquanto corria para a colocar no lugar.
“Precisamos de fechar a porta.”

Kevin assentiu. “Eu faço isso.”

Ele esperava fazê-lo, pelo menos. Ele conseguia ver as pessoas do lado de fora a avançarem em direção à porta, mais delas do que ele poderia ter acreditado, dado que os alienígenas supostamente tê-las-iam levado. Havia soldados e caminhantes, famílias inteiras a deslocarem-se numa espécie de coordenação silenciosa e pomposa.

Kevin pressionava botões no computador, na esperança de desfazer tudo o que havia sido feito. Nada parecia produzir qualquer efeito. Não ajudava que ele não tivesse nenhuma ideia de como o sistema do computador aqui funcionava. Não era como se tudo estivesse rotulado para quem o quisesse usar. Além disso, ele suspeitava que uma porta de emergência a abrir assim não *deveria* ser fácil de desfazer, no caso de as pessoas ficarem presas lá dentro. Ele batia nas teclas do computador, esperando encontrar alguma combinação que pudesse fazer alguma coisa.

Nada disso funcionava. As portas permaneciam abertas, um caminho desimpedido para o lado de fora, e agora, ao longo daquele caminho, as pessoas controladas pelos alienígenas estavam a seguir em frente.

Eles estavam a vir.

Kevin estava aterrorizado com o que aconteceria a seguir, se eles chegassem ao *bunker*.

CAPÍTULO QUATRO

“Foge!” Kevin gritou à medida que as pessoas que os alienígenas haviam convertido se aproximavam do *bunker*. Luna já parecia estar a seguir o seu conselho, correndo de volta para as confusas profundezas do lugar, tão depressa que Kevin teve que se esforçar para se conseguir aproximar dela.

Eles tinham sempre sido bons a fugir. Sempre que se metiam em sarilhos por estarem em algum lugar onde não deviam estar, conseguiam sempre manter-se à frente de quem os seguia. Bem, na maior parte do tempo. Bem, pelo menos mais do que na metade. Desta vez, porém, Kevin suspeitava que eles iriam conseguir algo muito pior do que um aviso severo se as criaturas por trás deles se aproximassem.

Ele conseguia ouvir o bater dos pés deles no chão do *bunker* enquanto eles os perseguiam, sendo silencioso o som da sua perseguição, exceto pelo barulho das botas contra o cimento. Eles não os chamavam enquanto os perseguiam, não guinchavam, gritavam ou exigiam que Kevin e Luna parassem. De alguma forma, isso tornava tudo mais assustador.

“Por aqui!” Luna gritou, levando-o ainda mais para as profundezas da base. Eles passaram pelo arsenal, e Kevin desejou *efetivamente* ter algum tipo de arma, simplesmente porque parecia ser a única maneira que eles tinham de conseguirem sair dali inteiros. Uma vez que ele não tinha uma, ele resolveu derrubar tudo por onde passava enquanto corria, empurrando um carrinho para o caminho das pessoas que avançavam, fechando as portas atrás de si. Os estrondos diziam-lhe quando elas chocavam com os obstáculos que Kevin estava a colocar no seu caminho, mas até agora nada disso parecia estar a atrasá-los nem um pouco.

“Silêncio” sussurrou Luna, puxando Kevin para outro corredor e diminuindo a velocidade até andarem pé ante pé. Uma multidão de caminhantes e soldados passou apressadamente um segundo depois, movendo-se com toda a velocidade e força que pareciam ser uma consequência de estarem a ser controlados pelos alienígenas.

“Por que é que eles são tão *rápidos*?” Kevin sussurrou, tentando recuperar o fôlego. Não parecia justo, eles serem tão rápidos. O mínimo que

uma pessoa deveria ser capaz de esperar de uma invasão alienígena era conseguir fugir dela apropriadamente.

“Os alienígenas provavelmente estão apenas a fazer com que eles usem todos os seus músculos” disse Luna “não se importando se os magoam. Sabes, como quando as avós libertam as pessoas debaixo dos carros.”

“As avós conseguem libertar as pessoas debaixo dos carros?” Kevin perguntou.

Luna encolheu os ombros. Com a máscara de gás colocada, era impossível saber se ela estava a brincar com ele ou não. “Eu vi na televisão. Já recuperaste o fôlego?”

Kevin assentiu, embora não fosse exatamente verdade. “Para onde é que estamos a ir? Se eles forem espertos, terão deixado pessoas na entrada.”

“Então, nós vamos para a *outra* entrada” disse Luna.

A saída de emergência. Kevin estava tão ocupado a pensar no *bunker* a ser invadido que ele praticamente se tinha esquecido da porta de emergência. Se eles conseguissem lá chegar, então talvez eles tivessem uma hipótese. Eles conseguiriam chegar ao carro e ir até à NASA.

“Pronto?” Luna perguntou. “Ok, vamos.”

Eles correram pelos corredores e, de alguma forma, não ver as pessoas controladas era pior do que as ver. Eles estavam tão quietos que poderiam estar em qualquer esquina, esperando para os apanhar, e se eles o fizessem, o que aconteceria a seguir não valeria...

“Foge!” Luna gritou quando um braço a agarrou na esquina seguinte, conseguindo segurar o tecido da sua blusa. Kevin lançou-se para frente, atirando todo o seu peso contra o braço como se estivesse a tentar atacá-lo.

Ele soltou-a. Kevin e Luna começaram a correr novamente, dando voltas e mais voltas ao acaso, para tentar despistar os seus perseguidores. Eles não conseguiam correr mais rápido do que eles numa linha reta, pelo que tiveram que procurar por espaços onde as pessoas controladas não os conseguissem seguir, e tentar usar a configuração labiríntica do *bunker* contra eles.

“Está aqui” disse Luna, apontando para uma porta.

Kevin teve que acreditar na palavra dela. Naquele momento, ele sentia-se tão perdido que nem conseguia dizer a ninguém o caminho de volta para a sala de controlo. Ele entrou apressadamente na secção do corredor a seguir a Luna, e, depois, fechou a porta atrás deles, pegando num extintor de incêndio, tentando usá-lo para bloquear a porta. Parecia tão frágil quanto papelão em comparação com a força das pessoas controladas.

Agora eles só tinham que abrir a porta da escotilha.

Kevin colocou as mãos na roda, tentando girá-la. Não aconteceu nada; era tão tesa que parecia ter sido feita de rocha. Ele tentou novamente. Os nós dos seus dedos começaram a ficar brancos com o esforço.

“Talvez uma pequena ajuda?” ele sugeriu.

“Mas tu pareces estar a divertir-te” Luna ripostou por trás da sua máscara, antes de se agarrar à roda de bloqueio com ele e puxar. Ainda assim continuava presa.

“Precisamos de nos esforçar mais” disse Luna.

“Estou a tentar o máximo que consigo” assegurou Kevin.

“Bem, a menos que queiras pedir ajuda a uma das pessoas controladas, precisamos de fazer mais. Quando eu disser três. Um...”

Um barulho veio da porta que Kevin havia trancado.

“Três!” ele disse, puxando a roda com toda a sua força. Luna pareceu ter tido a mesma ideia, pendurando praticamente todo o seu peso na coisa.

Finalmente, quando um segundo barulho estridente veio da porta que eles haviam trancado, a coisa deslocou-se. Eles abriram-na enquanto os músculos de Kevin reclamavam, e, então, Luna atirou-se lá para dentro de cabeça, sem esperar para ver se Kevin queria ir primeiro. Ele apressou-se a ir atrás dela, fechando a escotilha a seguir, na esperança de que o corredor parecesse vazio para qualquer coisa que os seguisse.

O espaço era estreito, pouco mais que uma espécie de túnel para rastejar. Se os dois fossem adultos, provavelmente não caberiam ali. Mas assim, havia espaço suficiente para eles conseguirem rastejar de mãos e joelhos, indo apressadamente na direção da outra escotilha no final. Felizmente, *esta* não estava presa, e abriu suavemente, revelando a encosta da montanha.

“Precisamos de ter cuidado” disse Luna suavemente enquanto os dois saíram na encosta da montanha. “Eles podem ainda estar por aqui.”

E estavam, porque Kevin pôde ver figuras mais à frente, subindo a encosta como se para chegarem à entrada da frente. Havia algumas árvores por perto. Ele e Luna deslizaram até lá, mantendo-se agachados e tentando ficar fora de vista.

Eles rastejaram pela montanha acima, tentando descobrir exatamente onde é que eles haviam escondido o carro da Dra. Levin. Se eles conseguissem chegar ao carro, poderiam sair dali e ir para a base, abandonando as pessoas controladas pelos alienígenas.

Kevin avistou-o um pouco mais ao longe, exatamente onde eles o haviam deixado, fora de vista. Ele rastejou em direção ao carro... e foi quando ele viu Chloe a aparecer de uma curva na estrada da montanha, vinda do estacionamento no cume. Um par de turistas, movendo-se com o silêncio estranhamente coordenado dos alienígenas controlados, estava a correr atrás dela e a aproximar-se dela.

“Temos que a ajudar” disse Kevin.

“Depois de tudo o que ela acabou de fazer?” Luna contrapôs. “Devíamos deixar que ela se tornasse numa alienígena também. Ela provavelmente seria menos problemática.”

“Luna” disse Kevin.

“Eu só estou a dizer que ela não merece *de todo* a nossa ajuda” disse Luna.

As pessoas controladas estavam quase a apanhar Chloe agora.

“Provavelmente é verdade” disse Kevin. Ele começou a avançar. “Mas ainda assim eu vou ajudá-la.”

Ele partiu em direção a Chloe e não ficou tão surpreendido por ver Luna correr ao seu lado.

“Eu estou a fazer isto por ti, não por ela” disse Luna.

“Claro” Kevin concordou, correndo mais rápido.

“E podes parar de sorrir” continuou Luna. “Eu só estou a fazer isto porque senão tu irás ficar alienado se eu não ajudar.”

“Alienado?”

“Vou pensar numa palavra melhor depois” disse Luna.

Eles estavam quase a chegar a Chloe agora. Uma das pessoas controladas tentou agarrá-la, mas Kevin e Luna foram mais rápidos, agarrando-a, puxando-a para fora do caminho e descendo para as árvores. A encosta tornava a descida traiçoeira, mas talvez isso fosse uma coisa boa quando uma das pessoas controladas passasse por eles a cair.

“Tu vieste atrás de mim” disse Chloe. “Tu...”

“Pára de falar e continua a correr” Luna retrucou. “O carro está mais à frente.”

E o caminhante restante estava logo atrás, movendo-se com toda a tenacidade de um lobo perseguindo um cervo. Kevin não queria pensar em como este tipo de coisa geralmente terminava, ele apenas continuava a correr, mudando de direção por entre as árvores.

O caminhante controlado por alienígenas agarrou-se a ele e Kevin conseguiu se esquivar. Para sua surpresa, Chloe estava lá, empurrando o homem de lado, fazendo com que ele caísse pela encosta abaixo enquanto lutava para parar a sua queda. Ela sorriu, embora Kevin estremecesse, porque mesmo que houvesse um alienígena a controlar aquele corpo, ele ainda pertencia a alguém, e se eles o recuperassem, provavelmente quereriam que ele não tivesse os ossos partidos.

“Entrem!” Luna gritou lá da frente. Ela estava no carro agora, tendo saltado para o lugar do motorista.

Kevin e Chloe correram para o carro e entraram enquanto Luna começou a girar a chave. Kevin ouviu-a a resmungar baixinho, e foi apenas preciso um momento para perceber o motivo: o carro não estava a pegar. Fazia uma espécie de zumbido, um som de tosse, mas fora isso, nada acontecia, não importando quantas vezes Luna tentasse que ele trabalhasse.

O medo cresceu em Kevin naquele momento, embora ele tivesse sempre estado com medo mais do que suficiente, por ter de fugir de pessoas controladas pelos alienígenas. Ele olhou em volta para as árvores, tentando detetar movimento, procurando por qualquer sinal das pessoas controladas. Não apenas daquelas que tinham caído pela encosta abaixo, porque haveria mais. Parecia sempre haver mais.

“Não está a funcionar” disse Luna.

“Não vai funcionar” disse Chloe. “Tu afogaste-o”

“Como se tu percebesse alguma coisa disso” Luna ripostou.

Parecia uma discussão que demoraria muito e seria demasiado barulhenta; isso iria fazer com que eles ainda estivessem ali sentados quando chegassem mais pessoas controladas Kevin achava que já conseguia ver a agitação das folhas das árvores.

“Temos que ir” disse Kevin. Ele achava que conseguia ver formas para lá dos troncos mais próximos. “Temos que ir *agora*.”

Ele saiu do carro novamente e elas seguiram-no com óbvia relutância. Pelo menos elas seguiram-no, deslizando para o meio das árvores mesmo a tempo. Kevin olhou para trás e viu os caminhantes, soldados, guardas florestais e famílias, a irem na direção do carro numa massa silenciosa e coordenada. Alguns deles olhavam ao redor, parecendo quase estarem a cheirar o ar. Kevin correu para longe o mais rápido que ousou.

“Eles não vão se distrair com o carro por muito tempo” Kevin supôs. “Precisamos de pensar em outra coisa.”

“Há imensos carros lá em cima no estacionamento” disse Chloe.

Luna bufou. “Para os quais não temos chaves.”

“Eu não preciso de uma chave. Era isso que eu estava a fazer lá em cima, até eles irem atrás de mim.” Ela ainda soava como se quisesse provocar uma discussão, mas naquele momento, se eles todos conseguissem sair dali, Kevin conseguiria viver com isso.

“Precisamos de ficar calados” disse Kevin, e elas olharam para ele como se ele tivesse acabado de dizer a coisa mais óbvia do mundo. Todos continuaram a andar para a frente rastejando, subindo a montanha até ao cume e ao parque de estacionamento que existia ali para os visitantes. Por enquanto, pelo menos, parecia estar vazio.

“Podias muito bem tirar essa máscara idiota” Chloe disse para Luna. “Eu disse-te, o que quer que tenha sido que eles colocaram no ar já desapareceu. Ou estás com medo?”

Esta última frase foi o suficiente para atingir Luna. De uma maneira contundente, ela tirou a máscara, pendurando-a no seu cinto.

“Eu não estou com medo” disse ela. “Simplesmente não sou estúpida.”

“Precisamos de encontrar um carro” disse Kevin, interrompendo antes que elas pudessem discutir novamente.

Havia muito por onde escolher, deixados onde quer que tivessem sido estacionados pelas pessoas que visitavam a montanha. Havia SUVs e minivans, carros modernos e antigos em todos os tipos de cores e...

“Aquele” Chloe disse, apontando para uma *pick-up* que parecia tão maltratada que Kevin estava surpreendido por restar ainda alguma coisa dela. A pintura estava a descascar e a ferrugem aparecia em alguns pontos. “Eu vou conseguir por aquele a funcionar.”

Eles foram até lá e viram que uma das janelas estava ligeiramente aberta. Chloe puxou-a ainda mais para baixo, depois pôs a mão lá dentro e abriu a porta.

“Não te preocupa que ela saiba como fazer tudo isto?” Luna perguntou a Kevin.

Chloe olhou para trás. “Nem todos nós temos pequenas vidas perfeitas, líder de claque.”

Kevin ficou quase grato pela visão de um grupo de pessoas controladas a avançarem lentamente, obviamente à procura.

“Rápido” ele disse “para a *pick-up*!”

Eles entraram, mantendo a cabeça baixa. Chloe estava no banco do condutor a trabalhar algo com a ignição. Parecia estar a demorar muito tempo.

“Eu pensei que tu tinhas dito que conseguias fazer isto” sussurrou Luna.

“Eu gostaria de te ver a *tentar*” Chloe retrucou.

“Desde que nos consigas levar para a NASA” disse Luna.

Chloe abanou a cabeça. “Nós vamos para Los Angeles.”

“São Francisco” insistiu Luna.

“Los Angeles” Chloe ripostou.

Kevin sabia que tinha de intervir, porque, se não o fizesse, provavelmente elas ainda estariam a discutir quando as pessoas controladas os alcançassem.

“Por favor, Chloe, nós *precisamos* ouvir esta mensagem. E... bem, se não der certo, *então* talvez pudéssemos ir para Los Angeles. Juntos.”

Chloe ficou calada por um minuto. Kevin ousou dar uma olhadela por cima do painel de instrumentos do carro. Ele esperava que ela tomasse uma decisão em breve, porque o grupo de pessoas controladas estava a aproximar-se.

“Eu acho que vocês *basicamente* salvaram-me a vida da outra vez” disse Chloe. “Ok.”

Ela continuou a fazer o que estava a fazer com a ignição. O motor tossiu. Kevin olhou para cima e viu cada uma das pessoas controladas pelos alienígenas a olhar fixamente para eles agora, com a intensidade de um gato que acabara de avistar um rato.

“Hum... Chloe?”

Eles começaram a correr para a frente.

“Consegues fazer isto ou não?” Luna perguntou.

Chloe não respondeu, limitando-se a continuar a trabalhar no que estava a fazer. O motor gaguejou novamente, e, depois, começou a trabalhar. Chloe olhou para cima triunfante.

“Veem! Eu *disse-vos* que...”

Ela parou logo a seguir quando uma figura bateu na *pick-up*, tentando agarrá-los.

“Tira-nos daqui” disse Kevin, e Chloe assentiu.

A *pick-up* foi aos solavancos para a frente enquanto ela conduzia, aparentemente não se importando se batia nas pessoas controladas ou não. Eles giraram em torno de um carro e um soldado atirou-se para a frente da

pick-up. Chloe não diminuiu a velocidade nem por um momento, e o estrondo quando o atingiram foi horrível. Ele bateu no capô, rebolou e levantou-se, mas nessa altura eles já se tinham afastado.

Ou quase afastado, de qualquer das maneiras. Mas havia limites para a velocidade a que eles conseguiam ir na estrada da montanha, especialmente com o risco de haver carros abandonados no caminho, deixados onde as pessoas estavam quando o vapor converteu os seus ocupantes. Chloe estava a contorná-los, mas, ainda assim, isso estava a atrasá-los ao ponto das pessoas controladas se estarem a aproximar.

“Eles não estão a desistir” disse Luna olhando para trás.

“Eles não se cansam, eles não param” Chloe disse, e houve algo na maneira como ela o disse que sugeriu que ela o tinha aprendido da maneira mais difícil. “Segurem-se.”

Kevin agarrou-se ao painel quando ela acelerou, com a *pick-up* a rolar de forma alarmante enquanto contornava os obstáculos no caminho. Kevin tinha a certeza de que eles iriam bater a qualquer momento, mas de alguma forma, incrivelmente, isso não aconteceu. Chloe puxava o volante de um lado para o outro, e a *pick-up* arrastava-se em resposta.

Eles derraparam para perto da beira da estrada, e Kevin não sabia o que é que seria pior: bater ou ser apanhado. No entanto, Chloe parecia já ter decidido, porque eles não abrandaram. Eles desceram pela montanha e Kevin pôde ver as pessoas controladas a ficarem cada vez mais para trás.

“Conseguimos” disse ele. “Nós sobrevivemos.”

Luna abraçou-o. Por cima do ombro, Kevin pôde ver o olhar no rosto de Chloe.

“Agora tudo o que temos a fazer” disse Luna “é ir para a cidade, entrar num lugar do qual mal conseguimos sair e encontrar uma mensagem de um segundo conjunto de alienígenas sem sermos agarrados pelos primeiros.”

Colocado assim, parecia uma tarefa impossível. Kevin mal conseguia imaginar conseguirem chegar inteiros ao instituto da NASA, mas ainda assim eles precisavam de o fazer.

Era a única esperança que o mundo tinha.

CAPÍTULO CINCO

“Estou tentada a dizer 'já estamos quase lá'” disse Luna, com um sorriso para Kevin.

Kevin deveria ter adivinhado que um dos maiores perigos de uma viagem como esta não era apenas o risco de cair, ou ser emboscado por pessoas controladas por alienígenas, ou qualquer coisa assim. Era a possibilidade de Luna ficar suficientemente entediada para começar a pensar em maneiras de se entreter. Ele não tinha dúvida de que isso significaria uma discussão com Chloe e, como Chloe estava a conduzir, isso não parecia uma coisa boa.

Muitas coisas não pareciam, desde a nave alienígena a pairar no céu, do tamanho da lua e sinistra, até ao silêncio, quase ao vazio, das estradas. Tudo isso apenas o lembrava de quão estranha era toda aquela situação e o quanto o mundo havia mudado quase da noite para o dia.

“Não consegues ir mais rápido?” Luna perguntou.

“Queres mais rápido?” Chloe perguntou e acelerou a fundo.

Kevin segurou-se. Assim que eles saíram da montanha, as estradas alargaram-se um pouco, mas isso não significava que eles conseguiam ir tão depressa quanto queriam. Por um lado, Kevin duvidava que Chloe soubesse conduzir melhor do que ele ou Luna.

Por outro lado, ainda havia muitos carros na estrada para isso.

“Vai mais devagar” disse Kevin, quando eles passaram por um Chevy estacionado no meio da estrada, cujo dono já havia desaparecido há muito tempo. Eles não bateram por pouco numa motocicleta que havia sido deixada na berma, simplesmente abandonada. “Chloe, por favor, vai mais devagar.”

Eles desaceleraram um pouco, e provavelmente ainda bem que o fizeram. Havia carros espalhados por toda parte agora, a maioria apenas deixado onde os seus proprietários tinham sido convertidos, mas alguns deles eram pouco mais que pedaços torcidos de metal onde eles obviamente tinham chocado.

Um camião cisterna estava tombado na beira da estrada, com o combustível a infiltrar-se na terra ao seu redor. Uma faísca tê-lo-ia feito explodir e, naquele momento, Kevin achou que ele entendia o que se sentia.

“Precisamos trabalhar juntos” disse ele, tentando acalmar as coisas um pouco. Ele tentou pensar sobre o que a sua mãe poderia ter dito numa situação como aquela, ou Ted, ou a Dra. Levin. O único problema com isso era que era demasiado doloroso pensar em todas as pessoas que lhe haviam sido tiradas, e que poderiam estar agora na nave que pairava como uma segunda lua no céu.

“Nós... todos os outros desapareceram” disse ele, sufocando a dor. “Todos nós perdemos pessoas. Todos nós já tivemos coisas más a acontecerem-nos. Tal não parecia uma coisa suficientemente grande a dizer para conter todo aquele horror. “Todos nós estamos a sofrer e não podemos discutir só porque é mau. Só vamos superar isso se trabalharmos juntos.”

Elas mantiveram-se caladas durante um pouco.

“Ok” Chloe disse finalmente.

“Sim, acho que sim” concordou Luna.

Eles continuaram a sua viagem, com a antiga *pick-up* a dar sacudidelas e a ressaltar em estradas cheias de detritos dos últimos momentos das pessoas antes dos alienígenas as levarem. Havia caixas de *fast food* e veículos abandonados, animais de estimação deixados a vaguear na berma da estrada e pessoas que jaziam onde haviam caído quando os carros as tinham atingido, tão quietas que era óbvio que não havia nada que pudesse ser feito para as ajudar, mesmo que Kevin tivesse conhecimentos de medicina.

Ele olhou para cima para a nave alienígena em órbita acima do mundo. A sua mãe estaria lá em cima? Ou estaria numa das naves que ele e Luna tinham visto a descer de lá e que pairavam sobre as cidades do mundo? Talvez a tivessem deixado ficar por ali, à espera de algo mais, como tinha acontecido com os caminhantes e os soldados na montanha. Kevin não tinha a certeza de qual opção seria melhor. Nenhuma delas parecia boa.

“Olhem” disse Luna, apontando.

Kevin viu imediatamente o que ela estava a apontar. A grande nave que se havia posicionado acima de São Francisco ainda estava lá, pairando surpreendentemente por cima da cidade, enquanto ocasionalmente formas muito menores saíam de lá disparadas. Depois de tanta quietude nas estradas, esse movimento era quase tão perturbador quanto a situação de haver uma nave alienígena ali.

Quase.

“Estamos mesmo a ir na direção daquilo” disse Chloe. “Isto realmente não parece nada bom.”

“Bem, aqui está uma coisa em que conseguimos concordar” disse Luna.

Era provavelmente a única coisa sobre a qual eles concordavam, mas ainda assim, eles tinham que ir lá. Eles tinham que fazer isso porque, naquele momento, parecia ser a única esperança para todos. Kevin engoliu em seco ao pensar nisso. Era muita pressão; demasiada.

A nave alienígena estava tão alta, acima da cidade, que demorou mais de dez minutos até os prédios abaixo começarem a aparecer, e arranha-céus apontarem para o ar abaixo dela como dedos a tentarem alcançá-la. À medida que eles se aproximaram, as estradas ficaram também mais movimentadas, cada vez com mais carros abandonados, de tal forma que eles precisaram desacelerar, quase até a um ritmo lento, para avançarem com segurança.

“Pelo menos não estamos do outro lado da estrada” disse Luna. Ela tinha razão. A saída da cidade estava tão entupida de carros que parecia impossível que alguém conseguisse atravessar o caos. Parecia que eles tinham saído mesmo a tempo da primeira vez.

“Vai fazer com que voltar a sair da cidade vá ser um pouco difícil” disse Kevin enquanto pensava sobre isso. Ele não gostava da ideia de ficar ali encurralado. Talvez houvesse uma maneira fácil de lidar com os alienígenas assim que eles chegassem à NASA e escutassem o novo sinal, talvez eles não precisassem de se ir embora antes de ficar tudo estar bem. No entanto, olhando para as naves alienígenas, era difícil acreditar nisso.

“É fácil” disse Chloe. “Não há ninguém na estrada, por isso podemos ir pelo lado contrário da estrada.”

Isso seria suficiente. Era estranho, porém, que, mesmo com o que parecia ser o fim do mundo, ainda parecesse errado pensar isso.

“Vamos por onde?” Chloe perguntou.

Kevin apontou, esperando estar certo. Ele tinha morado na NASA durante tanto tempo, mas ele e a sua mãe só tinham ido para lá de carro pouco mais do que algumas vezes. Eles dirigiram-se mais para dentro da cidade, tentando seguir sinais que parecessem que os iriam levar para mais perto de onde eles queriam ir.

A cidade estava estranhamente sossegada. Havia lixo deixado nas ruas e animais vagueando, mas Kevin não via nenhum sinal de pessoas. Ele supôs que ninguém tão longe na cidade tivesse caminhado até ao local onde todos tinham estado parados a olhar para a nave que estava ali pendurada. Ele queria tentar ignorar isso, mas era impossível. Mesmo quando ele tirou os

olhos da nave, isso significou apenas que ele olhou para a forma ainda maior que estava em órbita.

“Quase lá” disse Luna. “Precisamos ir mesmo aqui.”

Kevin supôs que ela estivesse estado a prestar mais atenção às instruções do que ele. Ele estava feliz que pelo menos um deles tivesse certeza do caminho. Eles dobraram a esquina, entraram no distrito de Mountain View, e Kevin viu o centro da NASA à frente.

De alguma forma, conseguia parecer ainda mais vazio do que o resto da cidade à medida que eles se aproximavam. Talvez fosse apenas porque Kevin estava acostumado a que todo aquele lugar estivesse mais ocupado, cheio de pessoas para ver o que estava a acontecer, ou para o ver a si, nas últimas semanas. Quando ele lá tinha estado a transmitir as mensagens na televisão, havia tantas pessoas à espera do lado de fora que tinha parecido que não havia maneira de entrar ou sair. Agora, o caminho para o centro de pesquisa estava silencioso e parado, sem sinal de pessoas em nenhum lugar.

“Há algo triste ao ver isso assim” disse Kevin. Ele pensou em todas as pessoas que estavam a trabalhar lá dentro quando o vapor começou a sair. Será que elas ainda estariam lá? Ele esperava que não.

“Pelo menos significa que não vamos ter que fugir de pessoas controladas por alienígenas” disse Luna. “Espero.”

Eles continuaram a conduzir até à barreira de segurança, e, depois, Kevin e Luna saíram para a abrir. Foram precisos os dois para mover o peso da coisa, levantando-a e deixando-a erguida para que Chloe conseguisse passar com a *pick-up*. Daqui, o centro de pesquisa parecia ainda mais vazio, com o seu tamanho apenas a enfatizar isso. As portas estavam todas abertas, deixadas assim pelas pessoas que tinham saído a correr, controladas pelos alienígenas.

“Precisamos de ter cuidado” disse Kevin. “Ainda pode haver algumas pessoas controladas pelos alienígenas lá dentro.”

“Não vai haver, pois não?” Chloe perguntou. “Eu pensei que, por esta altura, estivessem todas nas naves ou algo assim.”

“Tu não tens de entrar” disse Luna.

“Eu não disse isso.”

Os três avançaram, ficando em silêncio enquanto entravam pela porta aberta. Ainda assim, não havia sinal de ninguém, o que conseguia ser um alívio, mas também um tanto assustador. Todas as portas dentro do lugar

estavam abertas, a maioria delas parecendo terem sido abertas à força enquanto as pessoas controladas lutavam para sair.

“Pelo menos, isso significa que seremos capazes de chegar onde precisamos de ir” disse Luna.

“Onde é que precisamos de ir?” Chloe perguntou, olhando para Kevin. “Vamos por onde?”

“Para o recinto do computador” disse Kevin. Ele tinha estado a pensar nisso a maior parte do caminho. Eles iriam precisar de encontrar uma maneira de fazer com que os computadores reorientassem os radiotelescópios para estabelecer uma correspondência com os números na sua cabeça, e, depois, escutar a transmissão na sala que os cientistas haviam montado para ele fazer exatamente isso.

Ele foi à frente, passando por portas pelas quais ele nunca tinha tido autorização, pensando em todas as pessoas que ele tinha visto a trabalharem em diferentes laboratórios e gabinetes. Agora todas elas tinham desaparecido, com as suas coisas deixadas para trás como se elas pudessem voltar para as irem buscar a qualquer momento.

“É como uma nave fantasma” disse Chloe, ecoando o que ele estava a pensar. “Ou como uma daquelas cidades onde está tudo pronto para o jantar, e as pessoas simplesmente... desapareceram...”

Era definitivamente um sentimento estranho, mas Kevin fez o possível para o ignorar enquanto liderava o caminho até onde eles armazenavam os supercomputadores nos quais o centro de pesquisa tinha estado a trabalhar. Ele não tinha dúvidas de que um deles seria capaz de os deixar ouvir o sinal, mesmo que ele não tivesse certeza de como eles o fariam. Eles teriam que resolver essa parte à medida que iam para lá.

Eles desceram até ao recinto do computador e ali estava tão silencioso quanto o resto do edifício. As luzes que tinham piscado em todas as superfícies antes estavam escuras agora. O antigo zumbido e ruído dos acumuladores de energia e dos ventiladores apenas eram perceptíveis agora que tinham desaparecido. Kevin não esperava por isso; uma parte dele tinha simplesmente assumido que tudo estaria ligado, deixado como estava antes de o pessoal ter sido convertido pelo vapor.

“Podemos ligá-lo novamente?” Luna perguntou, indo até aos computadores como se estivesse à procura de um interruptor de energia.

Kevin também tentou, escolhendo os computadores mais próximos de si e pressionando qualquer coisa que conseguisse encontrar. A princípio, nada

aconteceu em resposta, mas depois as máquinas começaram a ganhar vida, com luzes a piscarem nas suas superfícies. Kevin foi até um dos ecrãs em que ele tinha visto os cientistas a trabalhar, tentando lembrar-se do que eles tinham feito na primeira vez que ele tinha estado aqui, quando eles alteraram o posicionamento dos seus telescópios para estabelecer uma correspondência com o primeiro sinal. Eles tinham estado aqui, a trabalhar neste computador, ele tinha a certeza disso.

Ele olhou para o ecrã, tentando encontrar uma maneira de fazer o que queria, mas, a seguir, sentiu a esperança a esvair-se de si. Estava tudo bloqueado e o ecrã exigia uma palavra-passe.

“O que foi?” Chloe perguntou.

“Eu não consigo entrar aqui” disse Kevin. “Eu não tenho acesso.”

Chloe franziu a testa. “Não tens uma palavra-passe para isto?”

Kevin abanou a cabeça. “Eles não me deram uma. Eles nem sequer me deram o meu próprio cartão-passe para as portas.”

“Então era como se fosses um prisioneiro?” Chloe perguntou.

“Tem que haver uma maneira” interrompeu Luna. “A minha mãe está sempre a apontar as suas palavras-passe porque ela mantém... pelo menos, ela fazia isso.”

Kevin percebeu que ela ficou profundamente triste. Ele gostava de poder resolver as coisas. Talvez quando eles recebessem a mensagem alienígena, eles o conseguissem. Claro que, para fazer isso, eles precisavam de entrar no sistema.

“Nós vamos procurar uma palavra-passe” disse Kevin. “Devíamos...”

“Não digas que nos devíamos separar” disse Luna. “Já viste televisão?”

“A pequena senhora líder de claque está certa” disse Chloe. “Se nos separarmos, o que é que os impedirá de nos agarrarem e nos transformarem sem que os outros saibam?”

“Tudo bem” Kevin concordou. “Nós vamos procurar juntos.”

Eles começaram a percorrer o edifício, sala por sala. Era um sentimento estranho, procurando pelo que quer que os cientistas tivessem deixado nas suas mesas e nos seus armários, especialmente quando havia fotos de famílias ou lembranças de férias; coisas que só serviam para lembrar tudo o que o mundo havia perdido.

“Eu não sei se consigo simplesmente vasculhar nas coisas das pessoas” admitiu Kevin passado um bocado.

“Nós temos que o fazer” disse Luna. “Se há uma hipótese de que isso possa trazer as pessoas de volta, então procurar nas coisas delas não é nada.”

Mesmo assim, ela estava a ser muito gentil a mexer nas coisas, ao contrário de Chloe, que estava a fazê-lo com toda a velocidade e falta de cuidado que ela poderia ter usado se as estivesse a roubar.

Não importava a abordagem que eles adotassem, porque tudo parecia levar à mesma conclusão.

“Não há nada aqui” disse Kevin, depois de eles passarem por todos os gabinetes que conseguiram encontrar e de voltaram para a entrada. “Ninguém tomou nota da sua palavra-passe.”

“Eu acho que eles têm muitas razões para levarem a segurança mais a sério” disse Luna.

“Mas sem uma palavra-passe não conseguimos entrar no sistema” disse Kevin, sentindo-se desiludido “e se não conseguimos entrar no sistema, não conseguimos ouvir a mensagem.”

O que significava que qualquer que fosse a esperança que eles tivessem tido ao chegarem ali, tinha-se desvanecido. Kevin tinha tido tanta certeza de que, se eles conseguissem voltar ao Instituto, isso lhes daria uma hipótese de fazer algo quanto aos alienígenas. Mas aqui estavam eles, sem soluções, incapazes de ouvir a única coisa que talvez os pudesse deixar ajudar. Era mais do que frustrante; era um caso perdido.

Era um caso perdido. Eles não seriam capazes de corrigir nada do que tinha acontecido. Porque é que eles sequer tinham pensado que poderiam conseguir? As famílias deles, os seus amigos, todos tinham desaparecido.

Kevin ainda estava a pensar nisso quando viu as luzes no elevador da entrada a acenderem, com o monitor a mostrar que o elevador estava a subir do nível da cave.

“Está alguém aqui” disse ele. “Está alguém a subir.”

“E se for um *deles*?” Chloe perguntou, olhando em volta como se estivesse a tentar encontrar um lugar para se esconder.

“Precisamos de sair daqui” disse Luna.

“Mas se formos, nunca conseguiremos obter a mensagem” insistiu Kevin.

“Não há mais nada aqui, Kevin” disse Luna. “Não podemos chegar ao sinal se as pessoas controladas nos apanharem primeiro.”

Kevin olhou em volta, tentando encontrar uma maneira de manter os três em segurança. Mas era tarde demais para isso. Kevin prendeu a respiração.

Não havia tempo para fugir, e nenhum lugar óbvio para se esconderem quando o elevador fez soar um tinido, sinalizando a chegada de quem quer *que* estivesse *lá* dentro.

CAPÍTULO SEIS

Sem nenhum lugar para onde fugir ou para se esconder, Kevin olhou em volta à procura de algo para usar como arma. Luna já tinha agarrado uma cadeira, segurando-a como se ela a fosse usar como um taco. Chloe parecia pronta para fugir, talvez esperando que o que quer que viesse pelas portas do elevador quando estas se abrissem, ficasse tão ocupado a atacar Luna que ela seria capaz de escapar.

Uma figura roliça numa camisa de cores vivas saiu do elevador, berrando do alto da sua voz, com um taco de golfe nas suas mãos. Luna gritou também, avançando para a frente com a sua cadeira.

“Espera, és tu, Kevin?” Phil perguntou, saltando para trás a tempo de evitar um golpe da cadeira.

“Phil?” Kevin disse. As pessoas controladas normalmente não falavam, mas mesmo assim, ele estava muito cauteloso.

E, ao que parecia, Luna também.

“Mostre-me os seus olhos” ela gritou.

“Tu mostras-me os *teus* olhos” disse Phil. “Pelo que sei, isto é apenas um truque para eu me aproximar de forma a que tu consigas respirar para cima de mim.”

“Bem, talvez *você esteja* a tentar enganar-*nos*” Luna respondeu, embora não parecesse que sentia o que estava a dizer.

Kevin contornou o problema simplesmente aproximando-se quando Phil estava ocupado com o seu impasse com Luna e examinando o que provavam ser pupilas pretas de aparência comum.

“Ele é normal” declarou Kevin.

“Ele pode ser humano” disse Chloe “mas acho que normal é exagerar.”

“Tudo bem... eu acho” disse Luna, colocando a cadeira para baixo. Ela abriu bem os olhos para que Phil conseguisse ver. “Veja, humana.”

“Como?” Phil perguntou. “Eu pensei... eu pensei que eles tinham apanhado todos menos a mim.”

“Nós fugimos” disse Kevin. “Conseguimos sair. Como é que *você* sobreviveu, Phil?

O investigador tinha sido um dos seus cientistas favoritos, mas Kevin não teria adivinhado que, de entre todos os outros, seria ele que conseguiria escapar inteiro. Phil era muito lento, muito grande, muito bom também... tudo, na verdade.

“Eu consegui entrar no *bunker*” disse Phil. “Eu escondi-me e desliguei o maior número possível de sistemas para que eles não achassem que eu estava lá. Eu tive que esperar enquanto eles... alteraram todos os outros.”

Ele hesitou nas palavras, desviando o olhar com o que parecia ser vergonha.

“Eu deveria ter sido capaz de os ajudar” disse Phil “mas se eu abrisse a porta, eles também me teriam apanhado. Eu nem sequer conseguia pedir ajuda. Os alienígenas que estão a controlar as nossas pessoas não são estúpidos, mesmo que as pessoas que eles levam pareçam assim. Tenho a certeza que eles monitorizam sinais e sinais de vida, para conseguirem perseguir sobreviventes. Foi por isso que vim cá para cima. Eu pensei que poderiam ser saqueadores a passar, a ligar as coisas. Eu pensei que eles os iriam atrair... novamente.”

Kevin não gostou da ideia de que apenas ligar o computador pudesse ter começado a convocar pessoas controladas para eles como traças atraídas por uma chama. Uma parte dele até se queria apressar e desligar todos os ecrãs, mas eles não o podiam fazer. Eles precisavam de fazer isto.

“Se tu fugiste” disse Phil “o que é que fizeste em seguida? “O que é que estás a fazer aqui?”

“Eu escondi-me num dos outros *bunkers*” disse Kevin. “Você mostrou-me um mapa, lembra-se?”

“Conseguiste encontrar um?” Phil perguntou. “Mas tu estás de volta aqui?”

“Há outro sinal” explicou Kevin.

Phil parou por um momento, mas ele tinha trabalhado com Kevin tanto quanto qualquer outra pessoa no que se referia às mensagens alienígenas. Ele tinha de entender o que isso significava.

“Tem que ser dos que nos tentaram avisar” disse ele.

Kevin assentiu. “É isso que pensamos. Eu sei as coordenadas do sinal, mas não conseguimos entrar no computador. Eu não tenho uma palavra-passe.”

“Eu tenho” disse Phil “mas não é assim tão simples.”

Luna franziu a testa ao ouvir aquilo. “O que é que há de tão complicado?” ela perguntou. “Você liga o computador, aponta os telescópios para o sítio certo e nós recebemos o sinal.”

“O que seria ótimo se estes terminais ainda estivessem ligados a fontes externas” disse Phil. “Eu desliguei-os todos para ter a certeza de que as pessoas controladas não vinham aqui novamente, mas, de qualquer forma, não notaste que a televisão, o rádio e as coisas não estão a receber nenhum sinal?”

Chloe não parecia satisfeita com isso. “Então você está a dizer que nós viemos até aqui para nada? Eu disse-te que devíamos ter ido para Los Angeles.”

Kevin fez o melhor que pôde para ignorar a sensação de que ela poderia ter razão. Se até mesmo Phil pensava que eles não iam conseguir receber o sinal, haveria então *alguma* esperança?

“Não estou a dizer que é impossível” disse Phil. “Mas vamos precisar reconstruir o sistema. Vou precisar de cabos e ligações... e vamos precisar de reforçar a ligação. Se ao menos eu conseguisse entender exatamente como é que a rutura está a acontecer...”

“Não são os alienígenas que a estão a obstruir?” Chloe perguntou.

Phil encolheu os ombros. “Eu não tenho a certeza se é isso. Eles estão obviamente a rastrear as comunicações, mas eu acho que é mais do que isso.”

“O facto das naves deles estarem lá não iria afetar as coisas?” Kevin sugeriu. “Elas não... não sei, elas não poderiam estar no caminho ou algo assim?”

Phil bateu com a palma da mão contra o seu crânio. “Claro. Às vezes são as coisas mais óbvias. Eles têm uma grande nave em órbita, certo?”

“E uma de sensivelmente porte médio a pairar sobre a cidade” acrescentou Luna.

“O que significa que não há caminho para um sinal de satélite” disse Phil. “Mas se nós redirecionarmos tudo de forma a saltar de torre em torre...”

Kevin praticamente parou de entender naquele ponto, mas ele sabia que Phil era inteligente o bastante para construir robôs por diversão e piratear os sistemas de computadores do edifício. Se havia alguém que conseguia fazer isso, provavelmente esse alguém era ele.

“Existe alguma coisa que possamos fazer para ajudar?” Kevin perguntou.

“Se eu fizer uma lista de peças, vocês os três acham que me conseguem ajudar a encontrar todas elas?”

“Podemos tentar” disse Kevin.

Phil escreveu a sua lista. Era maior do que Kevin esperava, e ele não tinha a certeza se sabia o que eram todas as coisas. Porém, Luna pareceu entender, apressando-se antes dele e de Chloe enquanto eles tentavam resgatar metros de cabos e peças de máquinas.

“Isso é um monte de coisas” disse Chloe. “Achas mesmo que ele consegue fazer os computadores funcionarem?”

“Acho que ele pode conseguir” disse Kevin. “Eu confio no Phil.”

“Deve ser bom, poder confiar nas pessoas” disse Chloe.

“Eu confio em ti” disse Kevin.

“Não devias” disse Chloe. “Eu fugi do teu *bunker*. Eu sou... eu sou uma porcaria. Eu não sou uma pessoa boa.”

“Tu conseguiste fazer a *pick-up* funcionar” destacou Kevin “e concordaste em vir aqui connosco. Nós não estaríamos aqui sem ti, Chloe.”

“Sim, talvez” disse Chloe. Ela não parecia convencida. “Ainda bem que vim com vocês.”

Eles continuaram a procurar peças, roubando pedaços de cabos onde quer que não parecesse que isso fizesse diferença. Kevin imaginava que o Professor Brewster não iria ficar feliz com o vandalismo, mas se ele alguma vez voltasse a si mesmo o suficiente para reclamar, isso provavelmente contava como uma coisa boa.

Eles levavam as peças até Phil, pelo que gradualmente ele ficou cercado por elas, numa pequena ilha no meio de um mar de reparações. Ele trabalhava com ferramentas e um ferro de soldar, juntando os componentes que eles traziam num emaranhado que não parecia que alguma vez fosse funcionar.

“Muito bem” disse ele. “Eu acho que estamos prontos.”

Ele apertou um botão e olhou para cima com expectativa, como se previsse que os ecrãs entrariam em ação. Kevin também ergueu os olhos, mas os ecrãs continuavam em branco. Nada acontecia.

“Raios... esperem, deixem-me tentar isto...”

Os ecrãs voltaram à vida, e agora Phil estava a escrever.

“Eu preciso enviar o sinal de retransmissor para retransmissor” disse ele. “Nós vamos ter que trabalhar com um conjunto diferente de telescópios, mas se eu apanhar boleia através do espaço extra do servidor... já consegui!”

Uma janela abriu-se num dos ecrãs e Phil olhou para Kevin. “Tens as coordenadas?”

Kevin repetiu-as sem ter que hesitar. Elas estavam claramente no interior da sua mente, ali para quando ele precisasse delas. Ele observou Phil digitar os números no ecrã e as palavras “realinhamento do telescópio” apareceram no ecrã.

“Vou ajustar as coisas de modo a que qualquer sinal venha por estes altifalantes” disse Phil. “Eu não tenho a certeza se o sistema sobreviveria ao envio para a sala onde tu costumavas traduzir as coisas, dado tudo o que eu tive de remendar.”

Kevin esperou, segurando-se a um dos lados de uma das mesas, esperando que isto funcionasse. Então aconteceu.

O sinal transbordou dos altifalantes e as palavras entraram na cabeça de Kevin. Ele soube imediatamente que o sinal não era dos alienígenas que haviam invadido; tinha o tom mais quente e emocional daqueles que os tinham tentado avisar. Ele traduziu quase sem pensar, falando as palavras em voz alta para que os outros conseguissem ouvir.

“Este será o último sinal que vamos poder enviar” disse Kevin. “Eles estão a aproximar-se, e, por isso, devemos tentar contar tudo o que conseguirmos antes que eles nos alcancem. Eles não vão permitir que vivamos, porque ter permissão para viver livre deles é um insulto a tudo o que eles são.”

Kevin conseguia ver os outros a observarem-no enquanto ele falava. Luna tinha o telefone dela de fora para gravar tudo o que ele dizia. Phil estava a ajustar as coisas no computador, mantendo o sinal trancado. Chloe estava a olhar para Kevin estupefacta.

“Eles autointitulam-se de os Puros” continuou Kevin, continuando com a sua tradução. “O mundo deles foi destruído há muito tempo, devastado por guerras entre eles pela disputa da governação. Eles devastaram outros mundos, despojando-os de recursos, levando as pessoas como escravos e fontes de novo ADN. Os seus líderes mudam os seus seguidores usando o que encontram, tornando-se mais fortes à medida que continuam. Pensámos que a única maneira de os deter era queimar o nosso próprio mundo, na esperança de os apanhar na conflagração, mas nem mesmo isso acabou com isto.”

Kevin pôde ver o horror disto nos rostos dos outros. Ele estava igualmente em choque, mas ele não podia parar. Ele tinha que continuar a

traduzir.

“Quando eles terminam o que têm a fazer com um mundo, eles destroem-no” disse Kevin. “Eles não suportam deixar para trás qualquer coisa que não seja deles, que não é *deles*.”

“Nós sabemos que eles são perigosos” disse Luna. “Deve haver mais do que isso.”

Havia.

“Nós tentamos combatê-los” traduziu Kevin. “Nós pensámos que os conseguiríamos deter com armas de energia, com guerra, com doenças. Eles adaptavam-se a cada coisa que nós tentávamos enquanto nós resistíamos, porque eles haviam revistado o nosso mundo. Eles tinham visto o que nós tínhamos e tinham-se preparado.”

“Portanto eles estão a contar-nos coisas que *não* funcionaram?” Chloe perguntou.

“Eles entendem tudo o que tu tens agora” Kevin continuou a traduzir. “Portanto, vai ao passado. Procura doenças há muito desaparecidas, para as quais eles não se tenham preparado, mas às quais a tua espécie seja imune. Aquele que estiver a ouvir isto pode entregá-los à sua nave mundial, pode destruir o coração deles. Tu és a chave, o único que pode parar a destruição que se seguirá. Se estás a ouvir isto, debes fazer o que nós não conseguimos. Debes acabar com isto antes que o teu mundo e muitos outros caiam.”

A mensagem terminou e Kevin lutava para recuperar o seu fôlego. Tinha havido tanta coisa ali, tanto esforço para traduzir tudo aquilo, mas não era só isso. Era o que a mensagem dissera.

“É suposto *eu* deter isto?” Kevin perguntou. “Mas eu não consigo. Quer dizer... eu não sou nenhum tipo de herói, ou um soldado ou... sou apenas eu.”

“Eu acho que tu és um pouco mais especial do que isso” disse Phil. “Tu és o único que tem conseguido traduzir estes sinais.”

“E quando eles te tentaram mudar” disse Luna “nada aconteceu.”

Chloe olhou para ele ainda mais chocada. “És imune? Isso é *incrível*.”

Poderia ter parecido um pouco mais surpreendente se Kevin não se tivesse sentido tão tonto naquele momento, graças ao sinal, ou se ele não tivesse tido uma doença a comer o seu cérebro por dentro, matando-o lentamente.

“O que é que era aquilo sobre encontrar doenças?” Kevin perguntou.

“A guerra biológica faz uma espécie de sentido” disse Phil. “E o mesmo acontece com descobrir vírus realmente antigos. Os humanos ter-se-ão

adaptado a sobreviver a todos os tipos de doenças, mas os alienígenas só se terão preparado para os do mundo de hoje.”

“Mas como é que se encontra uma *doença*?” Luna perguntou.

“Especialmente uma antiga. Não é como se a conseguisses simplesmente encontrar num hospital ou algo assim.”

“Significaria encontrar matéria orgânica preservada” disse Phil. “Não apenas um fóssil, mas o ADN real. A preservação do âmbar é uma fonte óbvia, mas onde?”

“E os poços de alcatrão em Los Angeles?” Chloe sugeriu.

Luna atacou-a verbalmente. “Tu farás qualquer coisa para chegar a Los Angeles, não é?”

“Estou a falar a sério” disse Chloe. “Se vocês querem coisas com milhões de anos, é onde vocês têm de procurar.”

“Acho que Chloe pode ter razão” disse Kevin. Luna olhou para ele com um olhar um pouco desapontado. “Nós queremos coisas da era dos dinossauros, certo? Bem, onde mais é que vamos encontrá-las?”

“Num museu, talvez?” Luna sugeriu.

Phil abanou a cabeça. “Os ossos velhos não servem, e qualquer coisa exposta por muito tempo seria um problema, porque o ADN degradar-se-ia. Os poços de alcatrão são uma boa ideia. Claro, assim que tenhas algo suficientemente velho, há o problema de o colocar na nave alienígena.”

Kevin pensou na nave suspensa acima do mundo. Parecia dominar tudo, mas isso não significava que havia um caminho fácil até lá. Por outro lado, ele estava num centro da NASA. Certamente, se houvesse alguém que sabia colocar as pessoas em órbita, eram eles.

“Nós vamos encontrar uma maneira” disse Luna, com o seu antigo otimismo a fazer-se notar novamente na sua voz. “Vamos encontrar uma forma de chegar lá acima e os alienígenas não saberão o que os atingiu.”

“Nós?” Kevin perguntou. “O sinal dizia...”

“Se eles pensam que eu vou deixar que tu vás sozinho lá acima, eles não sabem *nada*” disse Luna, e Kevin pôde ver que ela estava a falar a sério. Ele ficou contente por isso. Mesmo depois de tudo o que tinha acontecido, Luna ainda estava pronta para lutar contra o mundo inteiro pelos seus amigos.

“A maneira como nós vamos entregar o vírus fica para depois” disse Phil. “Ainda temos que encontrar matéria orgânica adequada, e *só então* é que nos podemos começar a preocupar sobre como chegar aos alienígenas.”

Para Kevin, isso soava a muito. Talvez *demasiado*. Como é que era suposto três crianças e um cientista, que não parecia capaz de lutar contra nada, fazerem tudo aquilo? Mas se eles não o fizessem, quem o faria? A mensagem estava certa - Kevin tinha pelo menos algumas vantagens quando se tratava dos alienígenas. Portanto, talvez tivesse que ser ele.

“Nós temos equipamentos para extrair amostras e analisar o ADN” disse Phil. Ele foi até às instalações por um minuto ou dois, voltando com uma coleção de dispositivos. Ele começou a trabalhar neles, tirando partes de um, adicionando-os a outros e conectando-os a algo que parecia uma combinação entre uma seringa, algum tipo de pistola de água e os restos de um pequeno computador.

“Ok” ele disse “acho que consegui. Se conseguirmos encontrar uma amostra adequada nos poços de alcatrão, tudo o que temos de fazer é colocar lá a seringa e extrair qualquer ADN orgânico que reste, e o computador analisa-o contra o pouco que sabemos sobre os alienígenas. Se esse ecrã ficar verde, então encontrámos algo que pode ser adequado para levar para a nave alienígena para...”

Um alarme tocou e Phil pegou no seu telefone, olhando para ele com o rosto pálido.

“Executámos os computadores demasiado tempo” disse ele. “Eu configurei sensores de proximidade para me dar algum aviso se eles voltassem, e agora eles estão muito elevados.”

“O que é que isso significa?” Chloe perguntou.

Kevin sabia a resposta para isso. “Isso significa que os alienígenas estão a enviar as pessoas que eles controlam para aqui. Muitas.”

CAPÍTULO SETE

“Corram para o *bunker*!” Phil gritou, correndo para desligar as máquinas. Ao redor deles, Kevin conseguia ouvir os estrondos quando as pessoas que os alienígenas controlavam entravam no edifício. A destruição que eles causavam à medida que entravam era o único som.

“Corram” disse Kevin para os outros dois, e parecia que Chloe e Luna não precisavam que lhes dissessem duas vezes.

Todos correram pelo Instituto, dando voltas e reviravoltas enquanto tentavam chegar a um lugar seguro. Kevin conseguia ouvir os estrondos e batidas de corpos a atirarem para o lado qualquer coisa que estivesse no seu caminho, o ocasional barulho do vidro a estilhaçar-se e as batidas das portas contra as suas armações.

Ele vislumbrou um grupo deles naquele momento, seguindo em torno de uma esquina com uma velocidade implacável, o que significou que Kevin teve que se atirar para dentro de um dos laboratórios, agachando-se debaixo de uma mesa quando um deles se lançou para si. Ele correu na direção da porta mais distante, saindo e fechando-a atrás de si. Ele ouviu as pessoas controladas a esbarrarem contra a porta enquanto ele se juntou aos outros.

“Por aqui” disse Phil, liderando o caminho até à entrada. Todos o seguiram, enquanto uma multidão de pessoas vinha atrás deles. Uma das criaturas lançou-se para Luna e Kevin colocou o pé para fora, fazendo-a tropeçar. Eles continuaram a correr.

Uma mão agarrou o ombro de Kevin, puxando-o para trás. Kevin virou-se e viu-se a olhar diretamente para o rosto de um trabalhador da construção civil, com as pupilas brancas e brilhantes que diziam que ele estava controlado. Ele olhou para Kevin como se o estivesse a estudar. Como se o estivesse a *reconhecer*. Ele puxou a mão para trás, onde tinha uma chave inglesa como se fosse uma arma, e Kevin preparou-se para o golpe que estava por vir.

Chloe pegou num extintor de incêndio e pulverizou o homem convertido no rosto. Não o magoou, mas a pressão e a surpresa foram suficientes para fazê-lo soltar Kevin, cambaleando para trás ao fazê-lo. Eles voltaram-se e correram novamente, fechando com força atrás de si as portas da entrada.

Phil fez algo com um cartão-chave para as bloquear, e Kevin ouviu corpos a esbarrarem contra elas do outro lado.

“Isso não vai detê-los por muito tempo” disse Kevin.

“Por tempo suficiente” Phil respondeu. Ele apontou para os elevadores. “Depressa, todos para o *bunker*.”

Ouviam-se pancadas vindas das portas porque as pessoas controladas batiam nelas.

Kevin abanou a cabeça. “Não podemos. Temos que ir até aos poços de alcatrão. Temos que, pelo menos, *tentar* desfazer tudo isto.”

“Podemos esperar até eles se irem embora antes de irmos” disse Phil.

O barulho das pancadas na porta estava a ficar mais alto agora. Kevin suspeitava que as portas se abrissem a qualquer momento.

“E se eles esperarem?” Luna contrapôs. “E se eles decidirem que já não têm nada para fazer com o mundo e o destruírem?”

Kevin ouviu Phil suspirar.

“Olha” disse ele “a verdade é... bem, a verdade é que eu não sou corajoso. Eu *gostaria* de ir com vocês salvar o mundo e tudo mais, mas a verdade é que eu estou com demasiado medo para o fazer. Olhem para mim agora. As minhas mãos estão a tremer só por fugir um pouco das pessoas controladas.”

“As minhas tremem o tempo todo” Kevin salientou, levantando a mão como evidência. Phil era um adulto e não tinha nenhuma doença que o pudesse matar. “Nós precisamos da sua ajuda.”

“Vocês não precisam de mim” insistiu Phil, enquanto Kevin ouviu ao fundo um barulho. “Eu sou demasiado gordo para correr adequadamente, e só tenho alguma utilidade quando há computadores por perto. Toma...” Ele deu o dispositivo que ele tinha feito a Kevin. “Isto irá fazer tudo o que vocês precisam.”

“Então vai deixar isto *connosco*?” Kevin quis saber.

“A menos que queiram descer para o *bunker* e esperar pacientemente que isto acabe?”

Kevin abanou a cabeça. “Nós temos que fazer isto. Mas... nós precisamos da sua ajuda.”

“Eu só vos iria atrasar” disse Phil.

“Deixa-o, Kevin” disse Luna. “Ele tem razão. Ele só nos iria atrasar.”

“Boa sorte” disse Phil. “Eu espero mesmo que vocês consigam. E se alguma vez precisarem voltar aqui...”. Ouviu-se novamente barulho vindo da

porta. “Bem, boa sorte.”

Ele correu na direção do elevador.

“Que covarde” Chloe murmurou.

“Ele já fez muito” insistiu Kevin, segurando o dispositivo que Phil tinha feito.

Luna olhou de volta para a porta. “É melhor sairmos daqui.”

Kevin assentiu. A porta não aguentaria mais que alguns segundos no máximo. Os três correram para a saída, e, quando eles lá chegaram, Kevin olhou para trás e viu lá atrás a porta ceder. Ele viu dezenas de pessoas lá agora, movendo-se com o horror sincronizado que sugeria que os alienígenas os estavam a controlar. Ele parou de olhar para eles e correu para a *pick-up*.

Chloe e Luna já estavam lá dentro, com o motor ligado. Atrás de Kevin, as pessoas controladas estavam a aproximar-se, pelo que ele nem se deu ao trabalho de correr à volta na direção da cabina, limitou-se a saltar para cima da plataforma da *pick-up*. Chloe pareceu entender a mensagem, porque ela acelerou e os pneus guincharam. Do seu lugar na plataforma, Kevin conseguia ver a multidão de pessoas correndo atrás deles, com os braços estendidos como se o pudessem agarrar.

Na verdade, um deles aproximou-se quando eles diminuíram a velocidade para passar pelo portão, e Kevin deu um pontapé para fora, sentindo o pé tocar dolorosamente no rosto da pessoa controlada. Ele desequilibrou-se para trás, e, naquele momento, a *pick-up* acelerou novamente, e, em apenas alguns segundos, eles se já se tinham ido dali embora.

Kevin estava na plataforma da *pick-up*, embalando o dispositivo que Phil lhes dera. Se isto funcionasse, isto dar-lhes-ia tudo o que eles precisavam para derrotar os alienígenas. Iria deter tudo isto. Só de pensar nisso, a esperança aumentava um pouco dentro de si, e não tinha havido muito disso desde o dia em que os médicos lhe tinham dito que ele estava a morrer. Ele guardou-o numa bolsa, na esperança de o manter seguro.

Ele ainda não entendia tanto sobre a sua doença quanto queria. Ele tinha uma espécie de sensação de que até nem mesmo os médicos a entendiam completamente, apenas a rotulavam com um monte de outras doenças raras similares para que ela se encaixasse em algum lugar. Ele ainda não sabia se

ele tinha uma doença genuína que, por acaso, havia mudado o seu cérebro da maneira certa para entender os sinais alienígenas, ou se o que quer que fosse que dentro de si entendia esses sinais era parecido com a leucodistrofia com que ele havia sido diagnosticado.

Kevin ainda estava a pensar nisso quando Chloe encostou a *pick-up* para o deixar entrar na cabina. Ela poderia estar a fazer isso apenas para ser simpática, ou poderia ser porque a ideia de estar dentro da *pick-up* apenas com Luna não era algo que ela quisesse contemplar.

“Então, agora estamos a ir para Los Angeles?” Chloe perguntou.

Kevin olhou para Luna, e, depois, assentiu. “Acho que sim. Se conseguirmos chegar aos poços de alcatrão, talvez o consigamos fazer.

“Não há 'talvez' nisto” disse Chloe. “Não ouviste a mensagem? Os alienígenas acham que tu és a melhor esperança para a humanidade.”

Ela souou como se acreditasse absolutamente naquilo; como se ela tivesse uma espécie de fé de que Kevin ia conseguir. Isso pareceu incomodar Luna tanto quanto Kevin.

“Só porque os alienígenas nos enviaram uma mensagem, isso não significa que eles saibam alguma coisa sobre o futuro” disse ela. “Kevin não é invencível. Temos que cuidar dele.”

“Mas isto vai funcionar.” Chloe insistiu. “Eu consigo *senti-lo*.”

Ela avançou com a *pick-up* novamente, e Kevin ficou grato por isso, porque uma parte dele sentia como se as pessoas controladas ainda estivessem a segui-los. Tinha havido algo no modo como o operário da construção o olhara, com aquela explosão de reconhecimento, que dizia que os alienígenas não se haviam esquecido dele; eles sabiam quem ele era, e se eles o conseguissem apanhar, então eles o fariam.

Eles começaram a percorrer as ruas de São Francisco, tecendo em torno dos carros abandonados e dos destroços deixados pela repentina partida de tantas pessoas. Eles estavam a ir em direção à autoestrada, já que provavelmente seria o caminho mais rápido para Los Angeles.

À medida que eles saíam da cidade, as estradas começavam a ficar mais obstruídas com carros, alternando entre ilhas ocasionais no rio de asfalto e barragens inteiras deles, bloqueando a estrada completamente onde eles tinham colidido ou onde bastantes pessoas os tinham simplesmente abandonado ao mesmo tempo.

“Tenta ir à volta” disse Kevin, ao ver outra fila de carros à frente, esta com metal retorcido suficiente para sugerir que pelo menos uma dúzia de

carros tinham embatido uns nos outros.

“Eu vou virar para a esquerda aqui e ver se a estrada seguinte está mais desimpedida” disse Chloe, rodando o volante e levando-os por uma rua lateral, e depois outra.

Finalmente, eles saíram do outro lado, depois da linha de veículos, mas ainda havia um monte de arbustos mais à frente.

“Para cima do passeio?” Luna sugeriu, apontando para o espaço entre o último dos carros e o edifício adjacente à estrada. Para Kevin, aquele espaço parecia pequeno demais para caber uma *pick-up* inteira.

Chloe assentiu, porém, e virou a *pick-up* para apontar para o espaço. Kevin sentiu o ressaltado quando subiram para o passeio, e, depois, ouvia o barulho do metal contra o metal à medida que a *pick-up* abria caminho pelo espaço.

“Eu sinto-me como se fossemos um tubo de pasta de dentes a ser espremido” disse Luna.

“Isso não faz de nós a pasta de dentes?” Kevin questionou, não querendo pensar sobre como poderia ser se eles acabassem a ser demasiado espremidos. Ele agarrou na bolsa com o dispositivo, querendo mantê-lo seguro.

Eles conseguiram empurrar o carro mais próximo deles para trás alguns centímetros, deixando apenas o espaço suficiente para a *pick-up* passar. A *pick-up* empurrava e forçava o seu caminho pela rua, embora agora fosse quase mais rápido correr do que ficar ali sentado, à espera que Chloe encontrasse o próximo espaço onde o veículo coubesse.

“Isso está a ser muito demorando” Chloe disse, batendo com as mãos no volante.

“Pelo menos ainda nos estamos a mover” disse Luna, obviamente a tentar usar algum do seu antigo otimismo.

Quase na hora, o motor da *pick-up* engasgou-se e, em seguida, fez um barulho, e, depois, uma luz de advertência acendeu-se.

“Tinhas de falar, não era?” Chloe murmurou, quando a *pick-up* parou.

“O que é?” Kevin perguntou. “O que aconteceu?”

Chloe encolheu os ombros. “Acho que estamos sem combustível. Olha.”

Como era de esperar, a agulha no medidor de combustível estava a apontar para o zero.

“Tu não disseste nada antes” Luna salientou. “Poderíamos ter parado num posto de combustível.”

“O mostrador está ali praticamente desde que entramos na *pick-up*” Chloe respondeu. “Eu achei que provavelmente estava partido. Além disso, não é como se eu conduzisse o tempo todo, sabes.”

Luna saiu da *pick-up* sem dizer uma palavra. Kevin colocou uma mão no ombro de Chloe.

“Foi bom chegar até tão longe” disse ele. Chloe parecia precisar de ser encorajada naquele momento.

Ela olhou, sorrindo para ele. “Pelo menos *tu* gostas de mim.”

“Eu acho que a Luna também vai gostar. Tens de lhe dar algum tempo.”

Chloe abanou a cabeça. “Ela odeia-me. É obvio. E eu não me importo. As pessoas odeiam sempre a miúda doida.”

Porque é que continuas a chamar-te a ti própria isso?” Kevin perguntou.

“Porque é o que eu sou. Quer dizer, esse não é o termo que eles usaram, mas é o que eles *queriam* dizer.”

“Quem?” Kevin perguntou.

“Os meus pais obrigaram-me a ir a todos os tipos de terapeutas antes de eu fugir. Deram-me todos os tipos de comprimidos. Mesmo eles não acreditaram em mim quando eu lhes contei... umas coisas.”

Kevin teve a sensação de que uma palavra continha mais do que Chloe queria falar naquele momento.

“Eu tive que ir a uma terapeuta” disse Kevin. “Ela disse-me que eu estava a imaginar que recebia mensagens de alienígenas e tudo o que tinha a ver com eles.”

Chloe sorriu, e, em seguida, gesticulou para a destruição ao redor deles. “Tu deves ter mesmo uma *boa* imaginação.”

“Vamos” disse Kevin. “Nós provavelmente deveríamos decidir o que vamos fazer a seguir.”

Eles saíram da *pick-up* e Luna estava à espera deles.

“Ok” disse ela. “Eu acho que nós vamos ter que roubar outro carro.”

“Chloe, consegues fazer isso?” Kevin perguntou.

Chloe encolheu os ombros. “Eu acho que sim, se encontrarmos algo suficientemente velho, é fácil. É só que...” Ela fez sinal na direção das ruas cheias de gente ao redor deles. “Vale a pena?”

Kevin tinha que admitir que tinha sido muito difícil levar a *pick-up* até onde eles tinham levado. Os carros abandonados significavam que não havia um percurso desimpedido para sair da cidade e, mesmo quando o fizessem, os três tinham visto que tal só piorava em algumas partes da autoestrada.

Chegar, tinha sido passível de ser gerido, mas tinha havido milhares de pessoas a tentarem fugir quando a onda inicial de vapor os atingiu.

“Nós não podemos caminhar até Los Angeles” disse Luna. “Bem, eu acho que nós poderíamos, mas não suficientemente rápido.”

“E provavelmente não sem ter problemas no caminho” Kevin adivinhou. “Nós precisamos de *algo* para nos afastarmos das pessoas controladas. Um carro, uma moto, ou...”

“Ou um barco” Chloe sugeriu, apontando para o oceano.

Kevin conseguiu distinguir o porto ao longe, estendido ao longo da baía de São Francisco. Haveria barcos lá. Mesmo de onde ele estava, Kevin conseguia ver as velas de alguns dos iates.

“Aquelas são velas muito grandes” disse Kevin. Ele nunca tinha velejado; não saberia por onde começar. “Conseguiríamos nós os três controlar algo assim?”

“Se nós escolhermos o barco certo” disse Chloe. “Parece que há muitos lá em baixo por onde escolher.”

“As pessoas velejaram pelo mundo sozinhas” disse Luna, parecendo pensativa. “Eu acho que nós conseguiríamos chegar a Los Angeles, escalando o cordame e coisas.”

Kevin sabia o quanto Luna gostava de trepar coisas no lugar onde viviam. Na verdade, ele também. Era o tipo de problema que tinha sempre contado como diversão para eles. Mesmo assim, a maneira como ela o disse não deu exatamente a Kevin a confiança de que ela sabia o que estava a fazer.

“Vá lá, Kevin” disse Luna. “Um veleiro não precisará de combustível, e não é como se tivéssemos muita escolha. A menos que queiras roubar três motos e tentar pedalar até Los Angeles?”

Kevin sabia que ele nunca seria capaz de o fazer. Mesmo assim, ele tinha que admitir que estava preocupado com a ideia do barco.

“Os barcos podem virar-se e afundar e por aí fora” disse Kevin. “Eles podem ficar fora de controlo e eu não quero acabar na China, na Austrália ou noutro lugar qualquer.”

“Eu sei como chegar aonde estamos a ir” disse Chloe. Ela parecia muito confiante. “Eu sei velejar.”

Talvez algo naquela confiança tenha feito Luna reagir, porque ela falou a seguir.

“Não há muitos lugares onde possas aprender a velejar e a fazer ligação direta a um carro” disse ela.

“Aprendi a fazer ligações diretas depois de me ter vindo embora” respondeu Chloe. “A velejar foi antes, no acampamento. Eu sei como o fazer.” Ela estava a olhar para Kevin agora, não para Luna. “Eu sou *boa* a velejar. E num carro, ainda poderíamos ter um acidente, e teríamos mais hipóteses de nos depararmos com essas *coisas*.”

“Chloe tem razão” disse Kevin, tentando convencer Luna. “Quero dizer, as pessoas que eles controlam conseguem nadar? Conseguem velejar?”

“Eu acho que não” disse Luna. “E eu acho que, pelo menos, podemos descer a costa um pouco, mesmo se não quisermos velejar todo o caminho.”

“E tu podes escalar o cordame” disse Kevin.

“E eu posso escalar o cordame” Luna respondeu com um sorriso.

Chloe encolheu os ombros. “Então acho que já decidimos. Nós vamos velejar.”

Eles iam velejar. De alguma forma, Kevin tinha a sensação de que não iria ser tão fácil quanto Chloe fazia soar.

CAPÍTULO OITO

Caminhar até ao porto era muito mais aterrorizante do que conduzir pela cidade, mesmo quando nenhum deles sabia exatamente como conduzir. Kevin percebeu que tinha havido algo de reconfortante na capacidade da *pick-up* de simplesmente acelerar para sair do perigo, ou de ir contra as coisas sem sofrer nenhum dano, mesmo que Chloe talvez tivesse sido um pouco rápida demais a testar isso.

Agora, eram apenas os três a abrir caminho entre os carros abandonados e as lojas vazias que antes estavam cheias de gente. Isso fazia com que Kevin se sentisse exposto, vulnerável. Se as pessoas controladas os vissem agora, não haveria como os três conseguirem fugir deles.

Ele carregava o dispositivo de ADN na sua bolsa, sendo o seu peso reconfortante e algo a ser protegido.

“Não podemos estar muito longe agora” disse Luna, subindo para o topo do que parecia ser um enorme choque em cadeia num dos cruzamentos para conseguir olhar para mais longe. “Parece que faltam apenas mais algumas ruas.”

“Queres descer daí *antes que* eles te avistem?” Chloe gritou para ela.

“Queres falar mais baixo?” Luna contrapôs.

Kevin olhou em volta. “Eu acho que não há ninguém aqui para nos ver” disse ele. “Mas se calhar devíamos ir andado, ainda assim.”

“Estás a ficar ansioso para velejar?” Luna sugeriu.

Kevin ainda estava menos ansioso do que qualquer uma delas, embora ajudasse saber que Chloe pelo menos sabia uma coisa ou outra sobre como fazer os barcos fazerem o que deviam. Isso significava que toda a ideia de velejar até Los Angeles passava de algo completamente suicida a algo meramente muito improvável, e comparado a algumas das coisas que eles tinham feito recentemente, o improvável não era assim tão difícil.

Eles partiram, tentando manter a cabeça baixa entre os carros. Luna e Chloe eram ambas muito boas nisso - Luna por causa dos anos que os dois tinham passado a esgueirarem-se em espaços em que não deveriam estar, e Chloe porque... bem, por causa do que quer que a sua vida tivesse sido desde que ela tinha fugido. Kevin não conseguia imaginar como isso seria.

Ele quase pensava que não seria capaz de imaginar como seria nunca mais ver a sua casa, ou a sua mãe. Mas a menos que os três conseguissem fazer algo para mudar as coisas, era *exatamente* o que ia acontecer.

“Ali” disse Chloe, parecendo animada. “Olhem, está ali o portão.”

Chloe tinha razão. Mais à frente, havia uma cerca alta com um portão, com o porto logo a seguir. Só precisariam de mais alguns minutos para chegar lá e, a partir daí, seriam capazes de encontrar o barco de que precisavam.

Ela parecia tão entusiasmada com a perspectiva de o conseguir fazer. Kevin não conseguia saber se era por eles irem velejar, se era por eles estarem a sair dali, ou se era pela possibilidade de chegarem a Los Angeles. Kevin supôs que isso não importava. Era definitivamente melhor vê-la assim do que quando ela estava chateada, zangada ou com medo do que aconteceria a seguir.

“Vamos” disse Luna. “Ainda precisamos de entrar ali.”

Eles correram para a cerca. De perto, Kevin pôde ver o quão alta era; mesmo se eles fossem adultos, a cerca seria muito mais alta do que eles. Assim, os elos da corrente pareciam elevar-se sobre eles, cobertos em cima por arame farpado, de uma forma que deixava claro que as pessoas deveriam ficar do lado em que haviam começado.

Luna sorriu. “Eles colam sempre arame farpado nas coisas.”

“Tu estás a gostar disto” disse Kevin.

Luna encolheu os ombros. “É só porque é divertido encontrar forma de entrar nos lugares.”

Ela começou a caminhar pela cerca, parando quando encontrou um local onde havia terra solta, e Kevin pôde ver que a cerca não estava bem presa.

“Eu acho que os animais entraram aqui” disse Luna. Ela puxou a cerca, conseguindo puxar o suficiente para criar uma brecha. Não era um espaço muito *grande*. Na verdade, Kevin não tinha a certeza se alguém conseguiria passar por ali.

Mesmo assim, Luna fê-lo, deslizando a sua mochila por baixo da cerca e depois seguindo-a tão suavemente que ela poderia ter sido uma cobra. Chloe seguiu-a, e parecia que ela estava determinada a passar por qualquer espaço por onde Luna passasse, rastejando sem qualquer problema.

Depois foi a vez de Kevin. Ele ficou de barriga para baixo, empurrando primeiro a bolsa que tinha o dispositivo de Phil, sentindo a maciez da terra enquanto se empurrava para frente. Ele sentia a cerca nas suas costas, e

agora as extremidades afiadas dos elos da corrente estavam a enfiar-se nas suas costas; tanto que, na verdade, ele não se conseguia mexer.

“Vá lá, Kevin” disse Luna.

“Eu acho... acho que estou preso” respondeu ele. Ele tentou não entrar em pânico, mas o problema de tentar não entrar em pânico era que isso apenas lembrava a Kevin que havia *sobre* o qual entrar em pânico. *Ele contorcia-se no lugar, preso ali, incapaz de seguir em frente, sem querer voltar para trás.*

“Aguenta-te” disse Luna. Ela foi até à cerca, agarrando-a. “Anda, Chloe, ajuda-me.”

Chloe ajudou-a e, juntas, as duas miúdas levantaram a cerca. Kevin sentiu-a a elevar-se, não muito, mas pelo menos o suficiente para ele se chegar mais para a frente. Ele ficou ali, ofegando com o esforço.

“Precisamos de encontrar um barco” disse Luna.

Kevin assentiu e conseguiu levantar-se. “Nós sabemos que tipo de barco funcionará melhor?”

Ele olhou para Chloe ao dizê-lo; afinal, ela era a especialista no que respeitava a velejar.

Ela gesticulou. “Não queremos nada *demasiado* grande” disse ela “porque então não seremos capazes de o velejar, mas se for muito pequeno, virar-se-á se formos contra uma grande onda e não haverá espaço suficiente para nós os três.

“Então, petroleiros e barcos a remo, não” disse Luna. “Entendi. Um barco médio a chegar.”

Chloe fez uma careta, mas não disse nada enquanto eles se dirigiam para o porto, tentando encontrar a embarcação perfeita para os levar.

“Acho que podemos não ter tanta escolha, afinal de contas” disse Kevin, olhando para os barcos no porto.

Em tempos, eles provavelmente tinham sido uma coleção intocada de alguns dos melhores barcos das redondezas. Haveria iates e lanchas, barcos de pesca e barcos de turismo. Agora, havia principalmente destroços. De onde ele estava, Kevin conseguia ver lágrimas nas velas, como se alguém tivesse descido por elas, com uma faca e mastros partidos. Havia alguns barcos que se tinham inclinado de uma maneira que sugeria que apenas a presença dos seus vizinhos os mantinha à tona, e outros que pareciam ter sido saqueados até ao último material útil. Kevin não sabia se as pessoas

havam feito isso tentando fugir ou se os alienígenas tinham feito isso para os deter, ou ambas.

“Eles destruíram isto” Chloe disse, parecendo abatida. “Eles destruíram *tudo*.”

“Tem que haver alguma coisa que reste” disse Luna. “Nós vamos encontrá-la.”

“Porquê? Porque é que tem que haver alguma coisa que reste?” Chloe abanou a cabeça.

“Nós deveríamos pelo menos olhar” disse Luna.

Não parecia prometedora, no entanto. Todos os barcos mais próximos das docas estavam em ruínas, com as suas velas reduzidas a farrapos, os seus cascos com buracos perfurados. Pior, Kevin conseguia ver figuras mais distantes nas docas, e algo na maneira como elas se moviam sugeria que elas não eram sobreviventes da invasão dos alienígenas. Eles estavam ocupados a destruírem uma pequena lancha, batendo nela com martelos ou apenas com os punhos, destruindo-a de forma tão sistemática que Kevin imaginou que deveria ter havido um plano para isso.

Kevin, Luna e Chloe foram na direção oposta, esperando que algures em todos os barcos do porto, as pessoas que os alienígenas controlavam se tivessem esquecido de um. A destruição parecia total. Parecia que eles estavam determinados a que ninguém saísse da cidade daquela maneira, ou talvez fosse apenas que os bons barcos já estavam..

“Ali!” Chloe disse, provavelmente mais alto do que deveria, apontando para a água para um barco atracado a pelo menos vinte pés de qualquer um dos outros. Talvez tenha sido o que salvou, porque o iate estava intacto e brilhante, com as velas aparentemente intactas.

Assim que Chloe gritou, as pessoas controladas olharam. Eles olharam para Kevin e para elas como se tentassem descobrir o que eles estavam a fazer ali, quem eram e o que eles deveriam fazer. Para Kevin, quase que parecia que eles estavam à espera de instruções.

“Hum...” Kevin começou.

As pessoas controladas desataram a correr na direção a eles.

“Nadem!” Luna gritou. “Se eles deixaram o barco sozinho, então talvez eles não consigam!”

Ela mergulhou na água. Chloe mergulhou atrás dela e veio à superfície já a nadar em direção ao barco.

A essa altura, as pessoas controladas já tinham coberto metade da distância na direção deles. Sem saber mais o que fazer, Kevin amarrou a bolsa que tinha o dispositivo à sua bolsa, respirou fundo e saltou para dentro de água atrás das miúdas, esperando que o dispositivo se mostrasse à prova de água.

Apesar do sol de São Francisco, a água estava suficientemente fria para sustentar a respiração de Kevin. Ele flutuou por um momento, sentindo-se subindo à superfície e começou a nadar. Era mais difícil nadar com todas as suas roupas do que teria sido na praia, mas ele conseguiu continuar a nadar, pelo menos.

Ele olhou para trás. As pessoas controladas estavam nas docas agora. Um deles adiantou-se e imediatamente afundou-se sem deixar rasto. Os outros pararam ali, como se percebessem que não podiam ir mais longe. Apesar de eles estarem quietos, Kevin não queria perder tempo. Ele nadou o mais rápido que pôde em direção ao barco e conseguiu subir uma escada na lateral.

Luna e Chloe já estavam no convés esperando por ele quando ele chegou lá.

“Por favor, diz-me que este barco é do tamanho certo” disse Kevin, deitando-se no convés e olhando para elas. “Eu acho que nós não vamos ter a hipótese de o trocar.”

“Este barco é *perfeito*” disse Chloe. Ela olhou para trás para o grupo de pessoas controladas na praia e fez um gesto rude. “Vocês deveriam ter aprendido a *nadar*!”

“Talvez não seja de lhes dar a ideia?” Kevin sugeriu.

“Estamos a salvo” disse Chloe. Ela olhou ao redor para o barco. “Vamos, devíamos explorá-lo!”

Kevin olhou para Luna, que encolheu os ombros. “Precisamos de saber o que está no barco que estamos a comandar.”

“A comandar?” Kevin perguntou.

“Soa melhor do que a 'roubar'” respondeu Luna. “Além disso, se estamos a tentar salvar o mundo, acho que deveríamos conseguir comandar as coisas. Eu comando este barco em nome de chegar a Los Angeles.”

Ela riu-se, e parecia relaxada pela primeira vez desde que eles tinham saído do *bunker*. Chloe parecia ainda mais feliz, apressando-se a descer para a cabina do barco. Ela subiu menos de um minuto depois trazendo toalhas, uma das quais ela atirou para Kevin. A toalha que ela atirou para

Luna foi mais atirada ‘*para*’ do que atirada ‘*a*’, mas pelo menos havia uma para ela quando eles se começaram a secar.

“O dispositivo está bem?” Luna perguntou.

Kevin tirou-o, limpando-a com uma toalha e verificando. Quando ele o ligou, o ecrã ficou vermelho. Ele supôs que isso contava como se estivesse a funcionar.

“Eu acho que está bem” disse ele.

“Depois precisas de vir e ver cá em baixo” disse Chloe. “É *tão* espetacular.”

Eles desceram abaixo do convés e Kevin teve que admitir que o barco *era* espetacular. Não era só porque era mais do que suficiente para os três, com uma grande cozinha e área de estar, quartos de dormir lá em baixo, até uma casa de banho e chuveiro na parte de trás. Não era só porque havia uma grande televisão na sala de estar, e parecia ter energia de algum tipo de bateria de reserva.

Não, a *melhor* parte era que alguém obviamente se tinha estado a preparar para uma viagem, ou talvez uma festa, quando tiveram de abandonar o barco. Uma olhadela em alguns dos armários e no pequeno frigorífico/congelador revelaram batatas fritas, bebidas e pizza, ali empilhados e à espera. Depois das refeições prontas a comer no *bunker*, Kevin foi rápido a apanhar um saco de batatas fritas e a começar a comer. Elas também não hesitaram.

“Velejar para Los Angeles aqui será ótimo” disse Luna.

“É o tipo de barco com que eu sempre sonhei no acampamento” disse Chloe. “O tipo de coisa em que eu poderia simplesmente partir a velejar.”

“É bastante bom” Kevin admitiu.

Foi quando Kevin ouviu um latido por detrás de uma escotilha. Ele foi até lá, procurando uma maneira de a abrir.

“Pode estar qualquer coisa aí atrás” Chloe salientou. “Como um Rottweiler faminto ou algo assim.”

Kevin abriu a porta ainda assim. O cão que saiu não era de uma raça raivosa e de aparência perigosa, embora fosse muito grande e muito peludo, com pelo branco e cinzento que fazia com que parecesse um tapete em movimento. Uma coleira declarava que se chamava Bobby. Algures debaixo do seu pelo, os seus olhos observavam Kevin como se tentassem descobrir o que ele estava a fazer ali.

“É um Antigo Cão de Pastor Inglês” disse Luna.

“Ei, rapaz” disse Kevin, estendendo a mão para esfregar o pelo do cão.

Ele lançou-se para frente e, por um momento, Kevin pensou que talvez ele o tivesse avaliado mal. Então uma grande língua rosa lambeu-lhe o rosto, e duas enormes patas arrancaram as batatas das suas mãos. O cão rapidamente começou a comê-las.

“Eu acho que deves estar com bastante fome” disse Kevin, e o cão latiu em resposta.

“Eu vou procurar um pouco de comida de cão para ele” disse Luna.

“Então eu acho que devíamos subir para o convés e descobrir como velejar isto?” Kevin sugeriu a Chloe. “Precisamos de sair daqui antes que as pessoas controladas descubram uma maneira de chegar até nós.”

“Parece uma boa ideia” disse Chloe. Na verdade, ela parecia empolgada com a perspectiva e correu para o convés.

Kevin deixou o dispositivo dentro da bolsa num dos armários quando subiu.

“Acho que podemos estar com sorte” disse Chloe quando ele subiu para o convés. “Parece que foi preparado para uma pessoa poder velejar. Nós os três devemos conseguir fazê-lo facilmente.”

“Talvez isso seja uma coisa boa” disse Kevin, enquanto olhava na direção da costa. Mais pessoas sob o controlo dos alienígenas estavam agora na beira das docas, muitas mais. Pior, a cada momento chegavam mais, olhando para a água como se soubessem exatamente onde Kevin estava.

“Acho que precisamos de sair daqui antes que eles descubram uma maneira de atravessar.”

“Nós só precisamos de içar as velas e levantar a âncora” disse Chloe.

“Sim, sim” Kevin respondeu, com o que ele esperava que fosse o tipo certo de saudação.

Chloe riu-se. “Vamos, eu não gosto da maneira como eles estão a olhar para nós.”

Ela foi à frente até uma manivela para a âncora. Tal deu muito trabalho, mas ela subiu sem problemas. Havia mais manivelas para as velas, com cordas para amarrar e desamarrar para garantir que tudo estivesse seguro. Chloe realmente parecia saber o que estava a fazer, escolhendo as cordas certas e habilmente amarrando-as no lugar.

“Isso é um monte de cordas” disse Kevin.

“Elas não são realmente cordas” disse ela. “Deverias chamá-las de linhas de marcação na água. A menos que sejam estais e por aí fora. Eles

ensinaram-me isso no acampamento.”

“Desde que conheças tudo para nos tirares daqui antes que eles... não sei, formem uma ponte humana ou algo assim” disse Kevin.

Chloe estremeceu e apressou-se. “Obrigada por essa imagem.”

Kevin observou as velas subirem enquanto o vento as apanhava.

Lentamente, quase impercetivelmente a princípio, o barco começou a se mover. Ele sentiu-o a deslocar-se à medida que este acelerou, e gradualmente eles começaram a sair do porto.

“Estamos mesmo a velejar” disse Kevin.

“Estás surpreendido?”

Kevin encolheu os ombros. “Eu apenas nunca pensei que fosse algo que eu iria fazer.”

Mais uma vez, as últimas semanas da sua vida tinham envolvido de tudo, desde ser diagnosticado com uma doença fatal até decifrar mensagens alienígenas e caminhar pela floresta tropical colombiana. Comparado com isso, velejar de São Francisco num barco à vela não era nada.

Luna subiu para o convés, com Bobby o cão pastor vagueando feliz ao seu lado. Kevin também se sentia à vontade, provavelmente pela primeira vez desde que tudo tinha começado.

“Estamos mesmo a ir para Los Angeles” disse Luna.

Kevin assentiu. “Estamos a ir para Los Angeles.”

Quando chegassem lá, as coisas provavelmente seriam difíceis, complicadas e perigosas novamente. Haveria todo o tipo de perguntas sobre como é que eles iriam obter vírus antigos e entregá-los à nave alienígena. Por enquanto, porém, havia apenas o barco, o vento e o mar-alto, para onde parecia que as pessoas controladas não os conseguiam seguir. Kevin ficou ali, a assimilar o entusiasmo de tudo aquilo e a sentir o vento no seu rosto.

Atrás deles, ele conseguia ver as pessoas controladas ainda à espera na beira do porto. De alguma forma, ele sabia que essa viagem era apenas uma breve pausa. Para onde quer que eles fossem, independentemente de quanto tempo eles passassem na água, os controlados iriam estar à espera deles.

CAPÍTULO NOVE

Eles abraçavam a costa enquanto navegavam para o sul, mantendo-a à vista para que não se perdessem. Kevin estava grato por isso. O iate parecia ter bastante equipamento de navegação a bordo, mas Kevin não sabia como usá-lo, e suspeitava que até Chloe só entendesse partes vagas dele.

Ela estava a sorrir quando Kevin olhou na sua direção, de pé na roda do leme da embarcação e parecendo confiante enquanto o velejava.

“Tu sabes que ela olha para ti sempre que ela pensa que tu não estás a olhar?” Luna perguntou.

“Tu simplesmente não gostas muito dela” destacou Kevin.

Luna encolheu os ombros. “Eu só acho que algumas das coisas que ela faz são... bastante estranhas.”

“Eu ouço mensagens alienígenas, e tu provavelmente lutarias contra um exército inteiro deles, se tivesse a hipótese” destacou Kevin.

“Isso é diferente” disse Luna, e, então, apontou para o lado. “Olha.”

Kevin seguiu a linha do dedo indicador dela e viu golfinhos a saltarem da água. Eles mergulharam de novo na água e Luna riu-se. Era bom ouvi-la a rir novamente.

“É tão bonito aqui” disse Luna.

Kevin assentiu. Ele tinha que admitir que era impressionante, com tanta água espalhada ao redor deles. “É fantástico. Eu nunca tinha estado no oceano antes.”

“O quê? Nunca?” Luna perguntou.

Kevin abanou a cabeça. “Eu fui até à praia e tudo, mas a minha mãe não tinha dinheiro para me levar a passear em barcos e coisas assim.”

Pensar na sua mãe fez Kevin estremecer. Durante quase um minuto, ele tinha conseguido não pensar que a sua mãe havia sido controlada pelos alienígenas.

“Estás bem?” Luna perguntou.

Kevin assentiu. “Estava apenas a pensar na minha mãe” ele disse.

“Achas que ela está lá em cima?”

Ele apontou para onde a nave mundial dos alienígenas ainda pairava no céu. Uma sensação de ameaça vinda de lá que Kevin tinha dificuldade em

ignorar.

“Eu não sei” disse Luna. “Talvez ela ainda esteja aqui em baixo, como todos os que nos perseguiram. Talvez os meus pais também estejam.”

Kevin não tinha a certeza se isso era melhor ou pior do que eles estarem na nave. Estariam mais seguros aqui em baixo ou lá em cima?

“Quando eu era mesmo *muito* pequena” disse Luna “o meu pai costumava inventar histórias com monstros para me assustar.”

“Eu aposto que nunca uma história te assustou” disse Kevin.

“Eu fico com medo” disse Luna. “Mas não por monstros estúpidos. Reais, talvez. Fiquei com medo quando me disseste que estavas a morrer.”

Kevin sorriu. “Do que me lembro, gritaste para um grupo de pessoas que não podiam sair por aí a divertirem-se quando eu estava doente.”

Luna encolheu os ombros. “Às vezes é mais fácil ficar com raiva das coisas.” Ela olhou para o céu. “Como eles. Eu estou *definitivamente* com raiva deles. E ainda estou com raiva por tu estares doente. Tens a certeza que estás bem? Parece que estás desequilibrado.”

“Eu acho que é apenas o barco a balançar” Kevin disse, embora não fosse, não inteiramente. Parecia que quanto mais ele tinha que lidar com alienígenas e com as suas mensagens, mais difícil era lidar com a sua doença.

Ele viu Luna a olhar para o mar, observando as gaivotas a mergulhar e as sombras dos tubarões a deslocarem-se logo abaixo da superfície. Ao longe, uma baleia saltou, pulverizando para o ar. Kevin olhou. Era o tipo de coisa que ele só tinha visto na televisão antes.

“Isto é mesmo fantástico” disse Kevin.

“Achas que os alienígenas estão a observar isto?” Luna perguntou.

“Talvez se eles olhassem para o mundo um pouco mais, eles iam perceber o quão incrível é e iam decidir não acabar com ele.”

“Eu acho que não funciona assim” disse Kevin. O tipo de alienígenas que andavam por aí a invadir um mundo após o outro não pareciam o tipo de pessoas que, de repente, iriam decidir parar.

Luna abanou a cabeça com tristeza. “Eu também não. Ei, aqui está um pensamento, talvez os alienígenas estejam por aí. Não é como se nós soubéssemos qual é aspeto deles.”

Esse era um pensamento estranho. Tudo isto, e eles ainda não tinham visto os alienígenas, apenas as pessoas que eles tinham tomado o controlo.

“Já pensaste em como é que eles *podem* ser?” Kevin perguntou. “Eles podem parecer-se com qualquer coisa.”

“Lulas gigantes que sugam cérebros através dos seus tentáculos” sugeriu Luna.

“Pessoas cinzentas com olhos grandes” Kevin supôs, juntando-se ao jogo.

“Tu roubaste essa suposição da televisão” Luna reclamou, mas depois deu ela própria o seu próximo palpite. “Coisas fofinhas que andam por aí montadas nas pessoas que elas controlam.”

“Manchas de limo que se movem por aí como se se *arrastassem viscosamente* de lugar para lugar.”

“Ughh” disse Luna. Ela olhou para onde Chloe estava a dirigir a embarcação, com Bobby, o cão, deitado a seus pés. “Talvez eles apenas pareçam pessoas.”

Kevin demorou algum tempo a perceber o que Luna estava a dizer.

“Luna” disse Kevin. “Já percebi que não gostas da Chloe, mas não podes dizer isso. Ela não é uma alienígena.”

Luna encolheu os ombros. “Eu acho que não. Ei, Chloe, como *é* que tu achas que os alienígenas são?”

“Eu não quero saber” disse Chloe.

“Vá lá, deves ter pensado nisso. E se...”

“Eu disse que não quero saber” Chloe retrucou, e virou bruscamente o leme da embarcação para a esquerda, de tal forma que Kevin e Luna tiveram que se segurar no corrimão lateral.

“O que é que se passa com ela?” Luna murmurou, e, depois, abanou a cabeça. “Eu não quero saber. Vou buscar comida, talvez alimentar o Bobby. Fala tu com ela. Ela *gosta de ti*.”

“Talvez ela também gostasse de ti se tu fosses simpática com ela?” Kevin sugeriu. Ele não conseguia perceber porque é que elas as duas não se conseguiam dar um pouco melhor.

Luna lançou-lhe um olhar surpreendentemente duro. “Tu realmente acreditas nisso, não é? Como é que tu consegues decifrar mensagens de alienígenas e não consegues decifrar *isto*?”

Kevin não tinha a certeza do que isso significava, mas ele não teve nenhuma hipótese de perguntar, porque Luna já estava a ir para baixo, fazendo gestos para Bobby a seguir. O cão pastor correu atrás dela, deixando Kevin e Chloe sozinhos no convés.

“Até o cão gosta mais dela” Chloe disse enquanto Kevin se aproximava.

“O quê?” Kevin perguntou.

“Quero dizer, tu e ela... achava que tu tinhas dito que ela não era tua namorada.”

“E não é” disse Kevin. A ideia de Luna como sua namorada parecia, bem, menos provável do que a ideia de alienígenas a voar para baixo para conquistar o mundo. Era algo em que Luna nunca estaria interessada, apesar de alguma coisa que Kevin pudesse sentir quando ele olhava para ela.

“Então vocês não estavam ali apenas a fazer troça de mim?” Chloe quis saber.

Kevin franziu a testa. “Não, claro que não. Eu não faria isso.”

Ele quase disse que nenhum deles o faria, mas Luna tinha estado a fazer mais ou menos exatamente isso. Kevin sentiu-se culpado por isso, porque provavelmente deveria ter dito mais.

“As pessoas fazem-no” disse Chloe. “Elas fazem troça de mim.”

Parecia-se muito com a conversa que eles tinham tido no *bunker*.

“Bem, eu não faço” disse Kevin. Ele colocou uma mão no seu ombro.

“Eu não te faria isso.”

Chloe olhou para ele e mordeu o lábio como se estivesse a pensar, e, depois, assentiu. “Não, acho que não farias. Bobby foi logo a correr atrás de Luna assim que ela o chamou.”

“Eu acho que ele foi atrás dela principalmente para ela lhe dar comida” disse Kevin.

“Por favor, não faças isso” disse Chloe.

“Fazer o que?” Kevin perguntou.

“Não inventes desculpas para as outras pessoas. É como se estivesses do lado delas, dizendo-me que estou errada.”

“Eu não quero que *haja* lados”, disse Kevin. “Nós os três estamos a ir para Los Angeles juntos. Eu quero que todos nós nos demos bem.”

Chloe suspirou. “Eu acho que consigo fazer isso. É só que... há coisas que provavelmente precisas de saber sobre mim. Tipo, eu afasto as pessoas, porque eu sei que elas se vão embora de qualquer maneira, e eu sei que as pessoas não estão a ser sinceras quando dizem que vão estar lá para mim. E eu odeio quando as pessoas me mentem, ou me chamam louca...”

“Eu sinto que deveria estar a tomar nota de tudo isto” disse Kevin.

“O amigo do meu pai, o Pastor James, costumava fazer essa piada” Chloe disse, com um olhar assombrado. “Os mandamentos de Chloe, ele

costumava chamar a todos eles. O meu irmão costumava dizer que eu precisava de vir com algum tipo de manual de instruções.

“Tens um irmão?” Kevin perguntou.

“Tinha. Ele morreu” respondeu Chloe. “Antes de tudo isto. Antes dos alienígenas. Eu sinto que eu era feliz quando ele estava por perto, mas eu nem sei se isso é real ou apenas um truque que a minha cabeça me está a fazer. Acho que foi o único momento em que me senti segura com outra pessoa. As pessoas encontravam sempre maneira de me mentir, ou de ignorar o que eu estava a dizer, ou de me magoar.”

Kevin percebeu que aquilo a fazia sofrer e soava quase demais para uma pessoa.

“Chloe” ele perguntou “o que aconteceu contigo?”

Chloe abanou a cabeça. “Eu não quero falar sobre isso.”

“Podes confiar em mim, sabes” disse Kevin.

“Não é isso” disse Chloe. “Eu não *quero* falar sobre isso. Ter que recordar algo... é quase como se estivesse a viver tudo aquilo novamente. Como quando eles me obrigaram ir a um terapeuta, simplesmente a ter de o repetir sem vezes sem conta...”

“Tudo bem” disse Kevin, colocando a mão no braço dela.

Chloe abraçou-o praticamente do nada. “Não está tudo bem” disse ela. “Não está mesmo.”

Kevin fez uma pausa, surpreendido pela sensação dela estar abraçada a si. Era impossível não notar como ela era bonita, mesmo sendo muito diferente da maioria das miúdas que ele conhecia. Kevin ficou parado ali, sem saber o que deveria fazer; sem saber se deveria fazer alguma coisa, na verdade.

Foi Chloe que se afastou primeiro, franzindo o sobrolho ao fazê-lo.

“O que é?” Kevin perguntou. “Fiz alguma coisa de errado?”

“Não, nada disso” disse Chloe. “Não sentes? O iate está à deriva.”

Kevin não conseguia sentir nada, mas, olhando para a proa, conseguiu ver o céu a passar pelo barco de ambos os lados.

“O que é que isso significa?” ele perguntou.

“Eu acho que isso significa que há uma corrente forte” disse Chloe. Ela olhou na direção da costa. “Se não quisermos acabar sentados numa praia, acho que vou ter que nos levar para águas mais profundas.”

“Seremos capazes de encontrar o nosso caminho se tu fizeres isso?” Kevin perguntou.

“Não há escolha” disse Chloe. “Eu preciso que ajudes com esta manivela.”

Eles puseram-se a trabalhar, girando o barco. Kevin ajudou Chloe com a manivela, abrindo mais a vela. Eles começaram a afastar-se lentamente da costa. Olhando para trás, Kevin conseguia ver a costa a recuar de vista.

“Já estamos suficientemente longe?” ele perguntou.

Chloe abanou a cabeça. “Ainda não.”

Por fim, a costa desapareceu e, com isso, ao que parecia, também o que a arrastava em direção a ela. O oceano parecia muito maior aqui, uma vasta paisagem de azul na qual o barco deles era apenas uma partícula.

“Devíamos parar aqui” disse Chloe. “Vai escurecer em breve. É melhor ancorar, baixar as velas e esperar pela luz. Além disso, estou com fome.”

“Luna está a preparar a comida” Kevin lembrou-a, e pela primeira vez, a menção de Luna não provocou nenhuma expressão negativa no rosto de Chloe.

“Pizza” Chloe disse com um sorriso.

“Pizza” Kevin concordou.

Eles começaram a baixar as velas, e Luna subiu ao convés para os ajudar. Ela olhou em volta.

“Onde é que estamos?” ela perguntou.

“Tivemos que nos afastar da costa” disse Kevin. “Havia uma corrente.”

Luna parecia um pouco preocupada com isso, mas mesmo assim, ela ajudou-os a puxar as velas e baixar a âncora. Pareceu demorar uma eternidade.

“Há pizza lá em baixo” disse Luna. “Eu acabei de a fazer no micro-ondas.”

Pizza feita no micro-ondas parecia o tipo de comida que a mãe de Kevin não aprovaria, mas isso só fez com que isso soasse ainda melhor. Os três desceram lá para baixo, onde Bobby estava ocupado a comer numa tigela de comida para cão. Luna tirou a pizza e eles comeram batatas fritas e beberam refrigerante.

“Uma coisa boa sobre o fim do mundo” disse Chloe. “Não há adultos a dizerem-nos que não podemos comer toda a pizza que queremos.”

“Talvez não tanto” disse Luna. “Não há assim tanta comida nos armários.”

“Estaremos em Los Angeles antes de a terminarmos, porém” disse Kevin. Afinal eles eram apenas três.

“Talvez.”

Eles começaram a comer e, por um momento, estava tudo bem. Se eles estivessem aqui neste barco por qualquer outro motivo, teria sido uma experiência incrível. Teria sido uma aventura. Kevin supôs que tecnicamente ainda era, mas se esse era o caso, então as aventuras eram grandes e aterrorizantes, e tinham muitas hipóteses de correr mal.

“Lamento sobre o *bunker*” disse Chloe do nada. “Lamento que vos tenha estragado tudo. Eu apenas senti como... como se ninguém me quisesse lá. Como se eu estivesse *presa*.”

“Está tudo bem” disse Kevin. “Se não tivéssemos saído do *bunker*, não teríamos descoberto a maneira de vencer os alienígenas. Teríamos que sair algum dia.”

“Talvez não imediatamente” disse Luna.

“Nós não poderíamos ter ficado lá para sempre” insistiu Kevin. “Nós não poderíamos ter ficado lá até sermos velhos.”

“Os alienígenas teriam feito explodir o mundo antes disso, eu acho” disse Chloe.

“Exatamente” disse Kevin, querendo que ela se sentisse melhor sobre tudo isso.

“Mas *poderíamos* ter ficado lá tempo suficiente para planejar as coisas corretamente” insistiu Luna. “Nós poderíamos ter trazido mais comida. Só há comida de cão que chegue para mais um dia. O que é que o Bobby vai comer?”

Dado o tamanho do cão pastor, Kevin suspeitava que a resposta poderia ser eles se ele tivesse fome suficiente.

“Talvez ele gostasse de pizza” sugeriu Kevin. O cão latiu, profundamente e ecoando na cabina. Kevin atirou-lhe um pedaço de pizza e Bobby comeu-a em duas mordidas.

“Tenho a certeza de que pizzas não são boas para os cães” disse Chloe.

“E não é assim tão boa para nós” disparou Luna. “Não podemos apenas viver de pizza.”

“Consegues comer a maioria das coisas quando precisas” Chloe disse, e havia algo na maneira como ela o disse que sugeria que ela sabia disso por experiência própria. Quão más tinham sido as coisas para ela, fugindo?

“Nós não teríamos de o fazer se tivéssemos tido tempo para trazer comida connosco” disse Luna.

Kevin tinha que admitir que Luna tinha razão. Se Chloe não tivesse fugido do *bunker*, eles poderiam ter trazido toda a comida que conseguissem levar com eles. Desta forma, ele não tinha a certeza do que eles fariam para comer. Ele não disse nada, mas apenas porque não queria mais aborrecer Chloe.

“Eu disse que lamentava” disse Chloe.

Luna encolheu os ombros. “Isso não nos deixa voltar atrás para ir buscar mais comida.”

“Quanto tempo falta para chegarmos a Los Angeles?” Kevin perguntou, tentando mudar de assunto. Foi a única coisa que ele se conseguiu lembrar para evitar uma discussão.

“Eu não sei” disse Chloe.

“Não sabes?” Luna ripostou. “Eu pensei que tu soubesses tudo sobre barcos.”

“Depende do vento, das correntes e se te atiramos ao mar para aliviar o peso.”

“Experimenta” disse Luna.

O resto da refeição passou com as duas obviamente zangadas uma com a outra e Kevin não sabendo o que dizer. Ele não entendia porque é que elas tinham ficado tão depressa com uma aversão uma pela outra. Era quase como se elas estivessem a lutar sempre que ele estava por perto, mas isso não fazia *qualquer* sentido.

“Eu vou para a cama” disse Luna finalmente. Ela agarrou na última fatia de pizza, e foi para as cabinas. Deixou Kevin e Chloe lá no espaço da cozinha. Kevin conseguia ver Chloe a deter as lágrimas.

“Eu não queria estragar as coisas” disse Chloe. “Eu queria. E eu sei *mesmo* o que estou a fazer.”

“Está tudo bem” disse Kevin.

Chloe abanou a cabeça. “Não está. Eu sou passo de uma pessoa horrível.”

“Não, não és” disse Kevin.

“Sou. Tu é que ainda não viste. Chloe ficou ali, e Kevin não conseguia pensar em nada para a consolar. Ele suspeitava que, se ele lhe dissesse que ela era uma das melhores pessoas que ele conhecia, ela só o acusaria de mentir.

“Devíamos dormir um pouco também. Vai ser difícil chegar a Los Angeles se estivermos exaustos” disse Chloe.

Ela estava obviamente a tentar impedir que Kevin dissesse qualquer outra coisa, mas a verdade era que ele não conseguia pensar em nada *para* dizer. Ele sentia-se um pouco incapaz de lidar com a situação no que respeitava a Chloe e Luna, e no que respeitava a tentar entender o que quer que fosse que estava a acontecer.

“Tudo bem” disse ele. “E talvez as coisas melhorem de manhã. Talvez Luna veja que as coisas não são tão más quanto ela pensa.”

“As coisas são quase sempre piores do que uma pessoa pensa” Chloe disse com um sorriso triste.

“Eu espero que não” disse Kevin. “Porque eu acho que, com tudo isto da invasão alienígena, as coisas estão muito más.”

“Sim” disse Chloe. “Eu acho que estão.”

“Talvez possamos melhorá-las” disse Kevin. Ele esperava que sim, embora parecesse que havia muito para fazer. Eles ainda tinham que conseguir chegar a Los Angeles, encontrar algo que pudesse ter um vírus antigo dentro lá dentro, e encontrar uma maneira de o libertar dentro da nave mundial dos alienígenas.

Era muito para fazer e, mesmo estando as coisas calmas agora, Kevin ainda conseguia sentir o perigo à espera deles. Ele esperava que eles estivessem dispostos a lidar com isso, e ele pensou que era meio idiota que três crianças como eles tivessem ficado com a segurança do mundo nas suas mãos. Mas eles tinham, no entanto, e Kevin faria o que fosse necessário para recuperar as coisas, mesmo que isso o matasse.

CAPÍTULO DEZ

Kevin entrava e saía do sono, com o balanço do barco sempre que uma onda grande passava, a trazê-lo de volta para um espaço que estava apenas meio acordado. No meio, imagens de alienígenas cintilavam na sua mente, às quais era impossível de escapar.

Ele estava a correr pelas ruas cheias de pessoas que ele em tempos tinha conhecido. Os olhos dessas pessoas eram brancos como o gelo, e enquanto as pessoas que os alienígenas controlavam eram normalmente silenciosas, estas falavam enquanto o perseguiam.

“Tu sabes que isso dos alienígenas não existe, Kevin” disse a Dra. Linda Yalestrom, a psicóloga a quem o tinham levado, enquanto corria atrás dele. Kevin entrou num edifício para fugir dela e descobriu que, de alguma forma, era a escola dele. Os seus professores estavam lá.

“Tens faltado às aulas, Kevin” disse o diretor. “Hoje, estamos a aprender sobre quão maravilhosos são os Puros e como é perfeito servi-los. Devias juntar-te a nós.”

Ele começou a andar em direção a Kevin e este fugiu novamente. Pelo menos nos seus sonhos, ele era mais rápido do que eles, embora isso significasse apenas passar a correr por outro conjunto de portas, saindo noutro local. Desta vez, ele estava de volta à Colômbia, na conferência de imprensa em que o Professor Brewster anunciara ao mundo a cápsula alienígena. Desta vez, porém, Kevin era o único no palco, e o público era composto de pessoas com olhos brancos fixos.

“Porque é que os ajudaste a nos enganarem, Kevin?” um repórter perguntou, levantando-se para fazer a sua pergunta.

“Eu não sabia” disse Kevin.

“Como é que não sabias?” outro repórter perguntou, segurando o microfone na direção dele. “Tu és supostamente o rapaz que sabe tudo. Tu és supostamente o escolhido.”

“Eu fui enganado” disse Kevin. “Fomos *todos* enganados.”

“Mas se tu não tivesses dito nada, nenhum de nós saberia” disse o Professor Brewster, levantando-se com um microfone seu. “Se não tivesses

vindo ter connosco com o que viste, a cápsula ainda estaria enterrada. O mundo estaria seguro.”

“Estás tão envergonhado de ti mesmo quanto eu?” a mãe dele perguntou, pronta para apontar a resposta dele num caderno.

Ted levantou-se, com os olhos brancos e puros a brilhar. “Porque não nos salvaste?”

“Porque não nos salvaste?” os outros ecoaram, enquanto avançavam em direção ao palco. “Porque não nos salvaste?”

Desta vez, Kevin não conseguiu correr. Não havia como passar por eles quando eles o agarraram e o puxaram para o chão, com as suas bocas a abrirem-se para expirar vapor até encher o mundo de Kevin...

Ele estava a andar através da névoa agora, e naquela névoa, ele viu a nave mundial dos alienígenas. A sua mente disparou para perto dela, e ele viu criaturas tanto horríveis como lindas, disformes e remodeladas de mil maneiras diferentes. A sua mente percorreu a superfície do lugar e mergulhou fundo no seu coração. Aqui, havia pessoas que pareciam brilhar com beleza, de tal modo que quase doía olhar para elas. Havia algo frio naquela beleza, como se a emoção lhes tivesse sido tirada. Eles olharam para ele e Kevin sentiu o peso do medo a crescer dentro de si...

“Kevin, acorda!”

Os olhos de Kevin abriram-se de repente e viram Luna de pé sobre o seu beliche. Era uma sensação estranha, ter uma miúda no seu quarto enquanto ele dormia. Ok, era Luna, e eles já tinham partilhado um canto do dormitório gigante do *bunker*, mas mesmo assim, parecia um pouco... estranho tê-la a olhar para si daquela maneira.

“Estavas a gritar tão alto enquanto dormias que eu consegui ouvir-te no quarto ao lado” explicou Luna. “Eu achei que provavelmente seria melhor acordar-te. “Estás bem?”

“Apenas um pesadelo” disse Kevin. Pelo menos, ele esperava que não passasse disso. “Que horas são?”

“É bastante cedo” disse Luna. “O sol está mesmo a nascer.”

Kevin levantou-se e eles subiram até ao convés. Como Luna havia dito, o sol estava a começar a nascer, em tons de vermelho e roxo que se estendiam pelo horizonte, brilhando na superfície do oceano à medida que se elevava. Era uma das coisas mais espetaculares que ele tinha visto, parecendo cercá-los e encher o mundo.

“É lindo” disse Luna, o que apanhou Kevin um pouco de surpresa. “O que é que foi? Eu posso apreciar o nascer do sol.”

“Mas provavelmente tu irias espancar quem dissesse que o deverias fazer” destacou Kevin.

“Isso é só porque eu não gosto que as pessoas me digam o que tenho de fazer” disse Luna. “Isto é bom, porém. Isto faz-me pensar que talvez vá correr bem.”

“Achas que devíamos acordar a Chloe?” Kevin perguntou. “É ela que sabe pôr o barco a andar.”

Luna abanou a cabeça. “É provavelmente mais tranquilo se não o fizermos.”

“Se não fizermos o quê?” Chloe perguntou, aparecendo da popa do barco.

“Já estás acordada” disse Kevin. “Nós pensávamos que ainda não estavas.”

Chloe encolheu os ombros. “Eu tenho estado acordada... bem, venham ver.”

Ela foi à frente até à popa, onde Kevin viu um equipamento de pesca desportiva montado.

“Eu acho que quem possuía este barco gostava de pescar” disse Chloe. “Eu vi as canas de pesca e pensei que talvez pudesse compensar tudo com comida.”

Ela fez sinal para uma caixa de gelo onde estavam vários peixes recém pescados, enquanto Bobby estava sentado ao lado, mastigando um da mesma maneira que um outro cão podia roer um osso.

“Isso é incrível, Chloe” disse Kevin. Isso significava que eles não iriam passar fome. Até mesmo Luna parecia satisfeita por Bobby ter algo para comer, acariciando o cão enquanto ele continuava a mastigar o seu pequeno-almoço.

“Parece que vais conseguir comer algo sem ser pizza” Luna disse-lhe, e ele ladrou alegremente.

“Obrigada, Chloe” disse Kevin, pondo a mão no ombro dela.

“Tudo bem” disse ela, encolhendo os ombros como se não fosse nada, mas Kevin captou o sorriso quando ela se virou. “Nós devíamos ir. Ainda é um longo caminho até Los Angeles, e eu não sei bem se gosto da aparência do céu.”

“Não gostas?” Luna perguntou, com um olhar aguçado em direção ao horizonte. “É o nascer do sol.”

“É mais do que isso” disse Chloe. “Olha para ele.”

Kevin olhou para o horizonte, tentando entender o que Chloe estava a dizer. Por um momento ou dois, ele não conseguiu; era exatamente a mesma faixa vermelha e roxa que se tinha estado a expandir desde que ele tinha acordado. Então ele percebeu que estava muito mais roxo do que antes, ficando mais escuro, transformando-se em nuvens com cor de contusão que começavam a preencher o horizonte.

Uma tempestade estava a chegar, e se eles não saíssem do caminho, eles estariam precisamente no seu trajeto.

“Precisamos içar as velas” disse Chloe. “Se tivermos sorte, talvez consigamos antecipar-nos ao clima.”

“Queres tentar fugir de uma tempestade?” Luna perguntou, com o seu tom a dizer a Kevin o quão má ela achava que essa ideia era.

“É isso ou ficarmos aqui à espera que ela nos atinja” disse Chloe.

Kevin assentiu. “Acho que temos que fazer isto. Vou levantar a âncora.”

Levantar a âncora era muito mais difícil do que baixá-la tinha sido. A manivela não era pesada, mas isso significava que Kevin tinha que enrolar sem parar, e esse trabalho duro fê-lo ofegar com o esforço. Ele conseguia ver Chloe e Luna a trabalharem nos dois lados de uma manivela em direção ao mastro, levantando as velas e amarrando-as no lugar. Assim, sem tempo para discutir, elas pareciam trabalhar bem juntas.

Kevin conseguia sentir o vento ao redor deles. Este sacudi as velas, puxando-as com violência, empurrando o iate para a frente muito mais depressa do que no dia anterior. Ao longe, Kevin viu relâmpagos a saltar entre as nuvens à medida que avançava. Um par de espigões a cair em ziguezagues desajeitados na superfície do oceano. Ele não queria mesmo ser apanhado aqui quando a tempestade chegasse, especialmente não tão longe da terra.

“Acho que precisamos de nos apressar” ele gritou para elas.

Chloe já estava ao leme da embarcação. “Vou tentar nos afastar do seu caminho. Segurem-se!”

Ela levou o barco num percurso que parecia projetado para os levar para longe das nuvens, embora sem terra à vista, Kevin não conseguisse ter a certeza se isso significava que eles estavam a voltar em direção à costa, mais longe, ou a percorrê-la paralelamente.

Uma coisa que eles não estavam a fazer era a fugir da tempestade. Ela aproximou-se como uma mão gigante a tentar agarrá-los. Os longos tentáculos de nuvens encheram o céu tão rapidamente que não havia mais nenhum lugar para onde fugir. O vento veio também, e Kevin sentiu-o a empurrá-lo, golpeando-o, enquanto o mar se elevava em ondas que pareciam demasiado pontiagudas e altas.

“Vamos, Bobby, vamos levar-te lá para dentro” disse Luna, levando o cão para a cabina antes de voltar para o convés.

“Porque é que não *estamos* lá em baixo?” Kevin gritou.

Chloe respondeu. “Porque se não controlarmos o barco, vamos todos morrer! Ajudem-me, vocês os dois!”

Kevin e Luna correram para o leme, agarrando-o e tentando segurá-lo com firmeza. Foi precisa toda a sua força para o manter no lugar, e nem isso foi suficiente. Kevin ouviu um estalido, e o leme arrancou-se das suas mãos. Eles mal conseguiram soltá-lo a tempo enquanto ele girava descontroladamente, os manípulos movendo-se tão depressa que ele tinha a certeza de que se alguém enfiasse a mão para agarrar uma delas partiria um braço, ou pior.

“Não podemos deixá-lo virar de lado para as ondas!” Chloe gritou. “Nós...”

Mas era tarde demais, porque o iate escolheu esse momento para começar a tombar, virando-se com a lenta inevitabilidade de uma árvore a cair. O seu mastro tombou em direção às ondas. Kevin tentou agarrar-se à amurada enquanto a chuva batia contra si, sentindo como se estivesse a tentar arrancá-lo do convés. Chloe e Luna treparam sobre o corrimão, para cima da lateral do casco quando o barco se virou. Kevin conseguiu enganchar um pé por cima da amurada, mas escorregou, pelo que precisou de, pelo menos, duas tentativas antes de conseguir puxar o seu peso para cima.

“Vamos afundar-nos?” Kevin gritou.

“Não sei!” Chloe gritou de volta. O vento uivava tão alto que Kevin mal a conseguia ouvir, mesmo quando ela gritava.

O barco balançava e as ondas batiam nele de lado, pelo que era impossível distinguir o que era água do mar e o que era chuva. Eles

agarraram-se ao casco, segurando-se à amurada com todas as suas forças.

“Precisamos de puxar!” Chloe gritou, apoiando-se contra o casco enquanto se segurava às amuradas.

“Somos ao menos suficientemente pesados?” Luna gritou de volta para ela.

“Devia haver coisas no casco que por si só o fizessem endireitar. Nós apenas temos que ajudar. É isso ou vamos afogar-nos, líder de claqué!”

Kevin deu o seu melhor a copiar Chloe e, para seu alívio, Luna também. Eles arrastaram-se novamente para o casco do barco, puxando-o com o pouco peso que tinham entre eles. Por um momento, parecia que nada ia acontecer. Mas, depois, Kevin sentiu algo ceder no barco, que se endireitou-se a si próprio como uma rolha a flutuar à superfície. Os três treparam para cima do convés, mantendo-se abaixados, porque era a única maneira de não serem levados pela água.

“Eu estava errada” Chloe gritou. “Precisamos das velas para baixo, não para cima!”

“Precisamos de ter a certeza de que não vamos cair deste barco” gritou Luna. “Deve haver arneses de segurança em algum lugar aqui, certo? Para escalar o cordame e outras coisas? Ou talvez coletes salva-vidas?”

“Tenta encontrá-los” disse Kevin. “Eu vou ajudar Chloe a baixar as velas.”

Ele conseguiu perceber que já era uma causa perdida para pelo menos uma das velas. A vela principal havia sido arrancada pelo vento ou pela subida repentina da água. Kevin e Chloe começaram a trabalhar nas cordas para puxar as velas mais pequenas e secundárias, mas Kevin ouviu um som de algo a rasgar-se e uma delas soltou-se completamente.

“Não adianta.” Chloe gritou. “Não sobrou nada.”

Luna estava lá então, com arneses de segurança de cores vivas. “Eu não consegui encontrar nenhum colete salva-vidas” disse ela por cima do vento “mas talvez se os colocarmos, possamos amarrar uma corda à volta do mastro e prendermo-nos a ele?”

“Boa ideia” disse Kevin, e até mesmo Chloe assentiu. Todos pegaram num dos arneses, colocando-os e apertando-os o mais rápido possível.

Um olhar de preocupação passou pelo rosto de Luna. “E Bobby? Quando o barco se virou, a água não terá entrado na cabina? Nós devíamos tirá-lo de lá.”

“Ele não ficaria em segurança no convés” Chloe insistiu.

“Ele ficaria se nós colocássemos outro arnês à volta dele” insistiu Luna. “Nós poderíamos prendê-lo ao mastro também.”

Chloe assentiu.

“Eu vou lá” disse Kevin. “Vejam se conseguem encontrar algo para nos prender ao mastro.”

Kevin correu até às portas das cabinas e ficou aliviado ao ouvir latidos vindo de dentro. Isso significava que Bobby estava lá em baixo e ainda estava bem. Kevin abriu as portas e o cão correu para ele, segurando algo na sua boca.

“Lindo menino, Bobby” disse Kevin, ao ver que o cão segurava um arnês de cão e um colete de flutuação. Presumivelmente, o dono do barco havia-o treinado para o trazer se o mar se tornasse violento. Seria muito melhor do que lhe tentar colocar um arnês para pessoas.

Kevin trabalhou rapidamente, colocando o arnês no cão e depois agarrando-o para o levar lá para fora. Por impulso, ele foi até ao armário onde estava guardado o dispositivo, tirando a sua bolsa e prendendo-a a si. Eles precisavam de o manter em segurança. A embarcação estava a balançar violentamente agora, com as suas velas em farrapos enquanto a tempestade soprava através delas. Kevin teve que lutar para percorrer o convés com Bobby até onde o mastro estava. Luna e Chloe já tinham prendido os seus arneses a uma fita que elas tinham colocado à volta do mastro, segurando-se contra a tempestade.

Kevin trabalhava para prender o arnês de Bobby também, com as suas mãos a atrapalharem-se com o grampo devido à água e ao vento. Ele conseguiu colocá-lo no lugar, esperando que fosse suficientemente forte para aguentar enquanto ele se movia para prender a sua própria fita a si...

A embarcação ressaltou e Kevin desequilibrou-se, deslizando pela superfície escorregadia do convés em direção ao oceano que esperava. Ele tentou abrir os braços e as pernas para conseguir parar ou pelo menos para diminuir o ritmo o suficiente para se agarrar a algo. Ele conseguiu agarrar a amurada rapidamente, mas sentia que esta estava agora demasiado escorregadia. Ele já não se ia conseguir segurar por muito tempo. Quando o barco se inclinou com outra onda, ele teve uma visão do oceano que esperava abaixo de si.

“Aguenta-te, Kevin!” Chloe gritou, soltando o arnês da fita e correndo até ele. Ela agarrou o braço dele, ajudando a puxá-lo para cima, enquanto ao redor deles o mar continuava a bater no barco. Juntos, eles foram de volta

até ao mastro, onde Luna estava pronta com os braços estendidos para os agarrar. Ela puxou-os e Kevin conseguiu prender o arnês na fita de segurança enquanto o mar continuava a contorcer-se com uma ondulação forte.

“Nós vamos morrer” disse Chloe.

“Se realmente acreditasses nisso, não me terias salvado” disse Kevin.

“Claro que teria” Chloe respondeu, fazendo parecer como se a ideia fosse ridícula. “Mas agora vamos afundar, e vamos afogar-nos e ser comidos por tubarões e...”

“Chloe, estás em pânico” disse Luna ao lado deles. “Não fiques em pânico e aguenta-te firme. Nós vamos ultrapassar isto. Nós vamos ter de o fazer.”

Sebastian suspeitava que não seria tão simples quanto isso. O barco estava a subir e a descer de maneira alarmante agora com as ondas. Sempre que o barco descia o seu estômago revirava-se. A chuva açoitava-os e o vento levava o barco descontroladamente para outras direções. Mesmo se Kevin conseguisse chegar à corrente da âncora agora, ele suspeitava que largá-la para o mar não serviria de muito.

A única coisa que eles podiam fazer agora era enfrentar a tempestade e esperar que esta não os matasse.

CAPÍTULO ONZE

Kevin despertou para a quietude e ousou respirar aliviado, porque pelo menos ele estava vivo... não era? O mundo parecia quase bonito demais esta manhã para ser real. O céu estava azul e calmo, as únicas nuvens fofas e brancas em vez de enormes e cheias de tempestades. À distância, vislumbrava-se terra, embora Kevin não tivesse a mais pequena ideia de onde estava.

Bobby aninhou-se contra ele e Kevin acariciou o cão, levantando-se e soltando-os a ambos do mastro.

“Lindo menino” disse Kevin. Todo o seu corpo lhe doía naquele momento.

Elas pareciam estar no mesmo estado também. Tanto Chloe como Luna estavam a dormir. A cabeça de Chloe estava no ombro de Luna de uma maneira que provavelmente as iria incomodar quando elas acordassem. Por um segundo, ocorreu a Kevin que talvez não estivessem a dormir e talvez não acordassem. Aquele momento foi mais assustador do que qualquer coisa que tivesse acontecido na tempestade. Mas ambas estavam a respirar; isso era a única coisa que importava. Elas tinham alguns cortes e muitas contusões, como ele, mas ambas estavam vivas.

“Não tenho a certeza se o barco está assim em tão bom estado” disse Kevin para Bobby, que ladrou de volta. “Vem, vamos ver se há alguma coisa para te alimentar, e, depois, vamos ver o quão mau o barco está.”

Quando Kevin desceu até à popa, a geleira tinha percorrido o convés levando a maioria dos peixes com ela. Um deles ficou lá, desamparado, e Bobby sentou-se em frente a ele, olhando para Kevin com a boca entreaberta.

“Sim, podes comê-lo” disse Kevin, e o cão mastigou e engoliu-o em questão de momentos.

Não sobrava muito do equipamento de pesca para substituí-lo; apenas uma única cana de pesca e linha. Mas isso parecia o menor dos problemas do iate. Ele estava a inclinar-se um pouco para o porto, inclinando-se para a esquerda e deslizando lentamente ao longo do caminho. As velas estavam em farrapos, mais como longas bandeiras e flâmulas do que como verdadeiros

meios para deslocar o barco por aí. Elas estavam emaranhadas no cordame e o topo do mastro parecia ter sido arrancado algures durante a noite.

“Vamos ver se resta alguma pizza” disse Kevin para Bobby, e o cão foi atrás dele até às portas da cabina. Ela abriu-as, começou a descer e depois parou. A cabina estava praticamente cheia de água. Não admira que o iate estivesse lento. Com tanta água lá dentro, era incrível como é que não se tinha afundado.

“Eu acho que foi bom nós te termos tirado dali” disse Kevin para o cão. Automaticamente, ele verificou a bolsa que continha o dispositivo que Phil havia construído, tirando-o e ligando-o. O seu ecrã ligou-se. Parecia que tinha sido bom ele ter tirado aquilo de lá também.

Ele voltou até elas. Ambas Chloe e Luna estavam acordadas agora, soltando-se do mastro e levantando-se com o tipo de rigidez que dizia que provavelmente elas tinham sido golpeadas pela tempestade tanto quanto Kevin.

“Dói-me o ombro” disse Chloe, esticando-o. “Eu devo ter batido com ele.”

“A mim dói-me *tudo*” respondeu Luna.

“Pelo menos estamos vivos” disse Kevin. “Porém, o barco está em mau estado.”

Chloe olhou para ele bruscamente e Kevin pôde ver o medo ali. “Muito mau?”

Kevin não tinha a certeza do que era pior: o estado da embarcação ou a preocupação de Chloe sobre isso. Se ela estava com tanto medo, o que é que isso significava para as hipóteses que eles tinham de chegarem inteiros a Los Angeles?

“As velas estão destruídas e há água no barco” disse Kevin.

Chloe mordeu o lábio. “Precisamos descobrir o quão mau é. Se o barco se estiver a encher de água, poderemos ir ao fundo.” Ela colocou a cabeça entre as mãos. “Não... não, porque é que nada corre bem?”

“Depois encontramos algo para fazer sobre isso” disse Luna. “Eu não sei sobre ti, mas eu não estou aqui à espera para acabar no oceano. Vá lá, Chloe, tu és quem tem mais hipóteses de saber o que está a acontecer.”

“Eu... não sei se consigo” disse Chloe. “Pára de me pressionar.”

“Tu consegues, Chloe” disse Kevin.

Demorou mais um minuto antes de Chloe assentir. “Ok. Acho que podemos ver o quão mau é.”

Kevin foi à frente à volta da embarcação para lhes mostrar o que ele tinha visto. “As velas estão rasgadas e acho que falta um pedaço do mastro” disse ele, apontando.

“Talvez pudéssemos amarrá-lo” sugeriu Luna. “Eu posso subir e tentar, pelo menos.”

“E depois há a água” disse Kevin. Ele mostrou-lhes o espaço da cabina.

“Isto é mau” disse Chloe. “Eu *acho* que não há água a entrar, porque senão já teríamos ido ao fundo, mas ainda assim é demasiado. Deve ter entrado com todas as ondas. Deveria haver uma bomba para a tirar, mas se não estiver a funcionar, teremos de a tirar à mão.”

“Além disso, tenho a certeza de que a pizza está estragada” disse Kevin. Ele quis dizer isso como uma piada, mas Chloe estremeceu como se ele tivesse gritado consigo.

“O que significa que não temos nada para comer, exceto os peixes que pescarmos, nem água potável” disse Chloe. “E pelo modo como o leme estava a girar na noite passada, tenho a certeza de que o nosso leme também é lixo. Eu não consigo lidar com tudo isto. “Eu...”

Kevin ia ter com Chloe para a consolar, mas para sua surpresa, Luna impediu-o. Ela colocou as mãos nos ombros de Chloe. “Chloe, ouve-me. Eu tenho a certeza de que nós não vamos ser amigas nunca, mas *vamos* trabalhar juntas. Tu não precisas de fazer tudo isto, porque nós vamos todos fazê-lo. E assim, vamos chegar a Los Angeles. Ok?”

“Ok” Chloe disse, em voz baixa.

“Então, qual é a primeira coisa a fazer?”

Chloe parecia prestes a entrar em pânico novamente. “Há tantas coisas...”

“Qual é a primeira?” Kevin perguntou-lhe, ecoando Luna. “O que é que precisamos de fazer agora?”

“Precisamos de tirar a água do iate” disse Chloe “caso contrário, há uma hipótese de nos podermos afundar.”

“Isso seria muito mau agora” disse Luna, apontando. “Vejam.”

Kevin olhou para a água para onde ela apontava. Viam-se barbatanas a saírem da água, com sombras cinzentas por baixo, maiores do que Kevin.

“Suponho que aqueles não são mais golfinhos?” ele perguntou, embora soubesse que não eram. Um dos tubarões cutucou o barco, fazendo com que este balançasse ligeiramente como se estivesse a testar se afundaria em breve. Só de pensar nisso, Kevin ficou cheio de medo.

“Nós precisamos *mesmo* de bombear o porão” disse Luna.

“Eu vi na televisão uma vez que as pessoas não são tão atacadas por tubarões quanto pensam” disse Kevin, tentando tranquilizá-la. “É muito raro.”

“Então, vamos ser uma estatística pouco comum?” Luna contrapôs. “De qualquer das formas, alguma coisa me diz que esses não são o tipo de tubarões que vêm muita televisão.”

Como se em resposta a isso, outro tubarão roçou a lateral do barco.

“Ok” disse Chloe. “Acho que encontrei a alça para a bomba do fundo do porão. Nós só precisamos de trabalhar até conseguirmos tirar um pouco da água para fora.”

Ela fez sinal para um manípulo que estava num dos lados do convés, e, depois, começou a manuseá-lo para cima e para baixo, bombeando para fora a água que estava lá em baixo. Parecia um trabalho duro para Kevin, e, em apenas alguns minutos ela virou-se para ele.

“Agora és tu, Kevin. Vou ver se consigo descobrir onde estamos.”

Bombear a água era tão difícil quanto parecia, talvez pior. Foi preciso um esforço para mover a bomba, mas era mais do que isso, devido ao grande volume de água envolvido. Isso significava que o trabalho parecia ser interminável, com o esforço repetitivo para manter a alavanca em movimento. Pelo menos Kevin conseguia ver um pouco da água a sair do casco, um pouco de cada vez.

“Eu vou subir e ver se consigo desembaraçar alguma das velas” disse Luna.

Fazia sentido que ela o fizesse, já que ela era a melhor trepadora que ali estava. Mesmo assim, Kevin sentiu ficou apreensivo quando ela começou a subir o mastro inclinado, subindo da mesma maneira que ela subiria a uma árvore. Luna chegou ao topo, e então começou a trabalhar nas velas, libertando as secções, desembaraçando outros nós e amarrando o que restava para que, pelo menos, tivessem parte de uma vela a funcionar.

“Esta parte está presa” disse Luna, puxando uma secção de corda. “Deixem-me só...”

Uma onda atingiu o barco no momento em que ela puxou, e o coração de Kevin pulou no seu peito quando ele a viu esbracejar, tentando agarrar alguma coisa, ou manter o equilíbrio, *qualquer coisa* para não cair. Isso não ajudou, porém, e, um segundo depois, ela estava a cair no oceano como uma pedra.

A inclinação do iate significou que ela não atingiu o convés. No entanto, bateu na água com tal impacto que a água salpicou com toda a sua força. Luna desapareceu de vista por um momento, depois apareceu de novo, sem se mover na superfície da água. Barbatanas circulavam em volta dela, ameaçadoramente próximas.

“Luna!” Kevin gritou, pronto para abandonar o que estava a fazer e saltar atrás dela, independentemente do perigo dos tubarões.

Bobby impediu-o. O cão ladrou e rosnou, mergulhando na água e nadando para perto dela. Ele mordeu algo que se aproximou de Luna e uma barbatana deslizou para longe, mas Kevin sabia que era apenas uma questão de tempo.

“Aguenta-te” disse Kevin “estou a ir!”

Ele começou a andar até à beira do barco, esperando chegar a tempo de a salvar. Chloe estava lá, a segurar uma longa vara com um gancho na ponta.

“Isso vai funcionar melhor, e há menos hipótese de ser comido” disse ela. Ela deitou-se no convés. “Prende as minhas pernas para baixo para eu não escorregar. Eu não vou ver comida por causa da líder de claque.”

Kevin não reclamou de Chloe chamar isso a Luna, porque ele estava muito ocupado a tentar certificar-se de que nenhum deles caía do barco. Ele colocou-se sobre as pernas de Chloe, prendendo-a ao lugar, enquanto ela pescava por Luna como alguém pescava um pato numa feira.

“Quase que consegui” disse Chloe. “Ali!”

Ela puxou o gancho e Luna veio com ele, exatamente no momento em que um tubarão saltou e emergiu da água onde ela tinha estado um momento antes. Kevin desejava poder ajudar a puxar Luna, mas ele sabia que não podia soltar Chloe, ou ambas poderiam ir para a água. Em vez disso, ele teve que esperar enquanto Chloe usava o gancho para arrastar Luna cada vez para mais perto do barco. Bobby saltou para o convés, ainda a ladrar e a rosnar na direção da água.

“Ela está perto o suficiente” disse Chloe. “Agarra-a!”

Eles avançaram e agarraram os braços de Luna, puxando, mas Luna parecia mais pesada do que deveria, por causa da água do mar, e incapaz de ajudar a subir a bordo. Kevin viu na água outra barbatana a avançar para eles, e isso pareceu dar-lhe a força que precisava para puxar com mais força. Ele e Chloe puxaram-na para o convés, com o tubarão a dirigir-se para eles no último momento, sentindo que a sua presa já não estava lá.

Luna ficou deitada no convés por um momento, depois ofegou, resmungando enquanto se virava para o lado e tossia o que parecia ser um oceano de água do mar.

“O que... eu lembro-me de ter caído...”

“Caíste na água” disse Kevin. “Caíste do mastro. Chloe puxou-te para fora antes dos tubarões conseguirem chegar até ti.”

“Chloe puxou-me para fora?” Luna perguntou, e Kevin assentiu.

“Quero dizer, Bobby e eu ajudámos, mas foi ela quem resolveu como o fazer” disse Kevin.

Luna agitou o pelo agora molhado de Bobby. “Lindo menino.”

Ele respondeu sacudindo aquele pelo e encharcando-os a todos novamente.

“E obrigada, Chloe” disse Luna passado um momento. “Eu acho que fico em dívida para contigo.”

Chloe encolheu os ombros. “Acho que sim.”

Os três ficaram ali por um tempo, com o barco a flutuar, até que Kevin se lembrou de que deveria estar a trabalhar na bomba do fundo do porão. Ele voltou para esse trabalho, desejando que, no fim, eles tivessem tirado a água suficiente para fora do barco e que não corressem o risco de afundar. Não parecia provável, naquele momento.

“Eu odeio estragar o bom ambiente” disse Luna “mas ainda estamos à deriva num barco que não podemos velejar, sem a menor ideia de onde estamos. Quero dizer, estou feliz por não estar prestes a ser comida por tubarões, mas... estamos prestes a flutuar ao redor do mundo?”

Colocado assim, as coisas ainda pareciam muito sombrias.

“Conseguiste descobrir onde estamos?” Kevin perguntou a Chloe.

“Eu acho que estamos muito perto de Los Angeles” disse ela.

“Porquê?” Kevin perguntou.

Chloe apontou para a margem. Kevin olhou e demorou um pouco a ver o que Chloe via. Lá, bem no horizonte, onde havia uma pequena faixa de terra, ele conseguia ver arranha-céus e praias, colinas atrás deles e palmeiras nas bordas da areia.

“A tempestade deve ter-nos trazido para perto” disse Kevin. “Estamos quase lá.”

“Nós só temos que encontrar uma maneira de chegar até lá” disse Luna, e um pouco do antigo otimismo estava de volta à sua voz.

Chloe encolheu os ombros. “Eu acho que a maré está a ir na direção certa, mas ainda precisamos de um leme, e precisamos de arranjar *algum* tipo de vela do que sobrou.”

“Talvez se nós prendêssemos o gancho a algo, o pudêssemos usar como leme?” Kevin sugeriu. Ele tentou lembrar-se de tudo o que havia lá em baixo “Talvez como uma porta de um armário ou algo assim?”

“Poderia funcionar” disse Luna. “E eu baixei a maioria das velas antes de cair, pelo que temos apenas que terminar de arranjar uma.”

“Não te importas de subir lá novamente?” Kevin perguntou.

Luna assentiu. “Eu quero fazê-lo. Nenhum barco *me* vai vencer.”

“Precisamos continuar a bombear água para conseguirmos entrar e tirar algo para usar como leme” disse Chloe. “Continua, Kevin.”

Ele fez o melhor que pôde, revezando-se com Chloe para bombear a água. Por fim, Chloe assentiu.

“Acho que podemos entrar lá agora” disse ela. Eles foram até à cabina e olharam para dentro. Para Kevin, ainda parecia que havia muita água ali, mas agora estava suficientemente baixa para eles, pelo menos, conseguirem entrar. Juntos, eles arrancaram a porta de um dos armários, acrescentando-lhe outra só para terem a certeza. Em vez de usarem a manivela, eles pegaram num pedaço do mastro danificado, amarraram a madeira com cordas e amarraram a coisa toda na parte de trás do barco o melhor que conseguiram.

“Provavelmente não é um leme fantástico” Chloe disse enquanto tentava. “Ajuda-me aqui a virá-lo.”

Era pesado o bastante para os dois, mas o iate pareceu efetivamente deslocar-se em resposta, virando-se um pouco à medida que a corrente o arrastava.

Acima deles, Luna parecia ter acabado de amarrar uma espécie de manta de retalhos de velas, com todos os fragmentos que ela conseguiu encontrar ligados ao mastro e a ondular ao vento. Ela desceu com um olhar satisfeito, e Kevin suspeitava que tinha tanto a ver com ela ter subido no mastro depois de cair como com a reparação da vela.

Lentamente, ainda se inclinando para um lado, eles começaram a ir em direção a Los Angeles. Ajudava que a corrente os estivesse a puxar na direção certa agora, mas Kevin queria acreditar que as reparações deles haviam ajudado a tornar isso possível. Eles tinham ficado presos, e eles

ainda iam chegar aonde estavam a ir. Se eles conseguiam fazer isso, eles conseguiam fazer qualquer coisa.

Ele olhou para o lugar onde a nave do mundo alienígena pairava no céu. Ele *esperava* mesmo que eles fossem capazes de fazer qualquer coisa, pelo menos. A ideia de enfrentar um mundo inteiro de alienígenas era suficiente para lhe causar um arrepio na espinha.

Mas primeiro, eles tinham que conseguir entrar no porto de Los Angeles, e, com o leme a tremer sob as mãos de Kevin, isso era tudo menos certo.

CAPÍTULO DOZE

Kevin aguardava na proa do barco enquanto Chloe trabalhava no leme e Luna trabalhava nas velas. Ele agarrava a podadeira, olhando para a água. Em teoria, o seu trabalho era orientá-los na entrada, tendo atenção a tudo em que pudessem bater pelo caminho. Na verdade, ele não tinha a certeza de quão facilmente eles conseguiriam desviar-se de qualquer coisa. Ele tinha o dispositivo dentro da sua bolsa por cima do ombro, tentando mantê-lo em segurança.

“Eu consigo ver uma praia adiante” ele gritou.

Estendia-se diante deles, e tinha um cais com uma roda-gigante e uma montanha-russa, a brilhar em cores vivas como se alguém as tivesse deixado a funcionar quando as abandonaram. Para Kevin, era como um farol, dando-lhes algo para onde apontar e desejavelmente não colidir.

“É o Cais de Santa Monica” Luna gritou do cordame. “Os meus pais levaram-me lá uma vez quando todos nós fomos para Los Angeles.”

“Talvez pudéssemos ir para o cais e eu pudesse prendê-lo lá?” Kevin sugeriu. “O que achas, Chloe?”

“É difícil levar o barco para onde eu quero” Chloe gritou da popa. “A maré está a puxar-nos.”

“Desde que não nos leve para o mar” disse Luna.

Kevin sorriu por elas finalmente não estarem a discutir. Talvez Chloe ter salvado a vida de Luna tivesse ajudado cada uma a ver que a outra não era assim tão má, embora ele não soubesse se isso iria durar. Naquele momento, ele estava demasiado ocupado, desviando do caminho com o gancho um pedaço de madeira e depois um grande recipiente de plástico.

Havia mais destroços à medida que eles se aproximavam da praia, ou porque tinham sido arrastados para ali pela tempestade ou porque tinham sido deixados para trás por tudo que havia acontecido no mundo. A única parte boa disso era que Kevin já não conseguia ver os tubarões. Parecia que o barco deles os deixara para trás juntamente com o alto mar.

“Continua” Kevin gritou. “Não estamos longe agora.”

Faltava só um pouco, o suficiente para que Kevin sentisse que poderia pôr os pés na praia com um pouco mais de esforço.

“Não tenho a certeza se consigo” disse Chloe. “Parece que a maré está a mudar.”

Kevin olhou para a praia e, como era de esperar, alguns dos destroços transportados pela maré estavam a ser arrastados de volta para as ondas. Se eles tivessem tido um pouco mais de vela, ou mesmo algo para usar como remos, talvez eles conseguissem ter trabalhado contra isso para chegar à costa, mas aquele iate debilitado não tinha qualquer hipótese de atracar ali naquele cenário. O melhor que eles poderiam almejar era largar a âncora e esperar que a embarcação resistisse até que a maré mudasse novamente, mas Kevin não sabia o que iria acontecer antes disso. Talvez o barco se afundasse. Talvez os tubarões voltassem. Nenhuma das hipóteses parecia boa.

“Acho que temos que nadar até à costa!” ele gritou para elas.

“Vamos conseguir?” Luna gritou de volta.

“Podemos encontrar algo que flutue” sugeriu Chloe. “Kevin, vê o que consegues encontrar. Eu vou manter-nos o mais perto possível.”

Kevin procurou pelo iate, fixando-se rapidamente em duas boias de plástico laranja. Ele amarrou-as uma à outra, esperando que fossem suficientes, e, depois, foi até Bobby, segurando no arnês do cão.

“Vamos lá, rapaz, vamos nadar.”

Elas foram até à proa do barco.

“Esta parece ser uma péssima ideia” disse Chloe, olhando para a praia.

“Porém, eu acho que é melhor do que flutuar de volta para o mar” disse Luna. Ela pendurou a sua mochila ao ombro.

Eles pegaram na boia e saltaram juntos para a água.

Mesmo depois da tempestade, tal foi suficiente para tirar o fôlego de Kevin por um momento. Ele deu impulso com os pés até à superfície, segurando-se à boia com uma mão, enquanto segurava Bobby com a outra. O cão grande parecia perfeitamente feliz por estar a nadar, remando ao lado dos três enquanto Kevin, Luna e Chloe batiam os pés para chegarem à praia.

Era difícil. A maré estava a lutar contra eles, e depois de tudo o que tinha acontecido, Kevin imaginou que nenhum deles estivesse tão forte quanto poderia estar. Era muito cansativo dar aos pés para seguir em frente, e Kevin não tinha a certeza de quanto tempo mais seria capaz de continuar a fazê-lo.

“Continuem!” Luna gritou. “Estamos quase lá!”

“Tens de ser sempre tão *positiva*?” Chloe quis saber. Kevin deveria ter adivinhado que elas não seriam capazes de se darem muito tempo sem discutir, mas pelo menos elas continuavam a dar aos pés na direção da praia.

As ondas empurravam-nos para trás, e Kevin sentia-se como se estivesse a ser levado para a frente e para trás com a maré. Ele sentiu o esforço que era preciso para deslocar a boia para a frente pela água e ficou feliz por esta estar ali. Sem a boia, ele não tinha a certeza de que eles conseguiriam avançar.

Assim, eles avançaram juntos pela água, com as pernas de Kevin a pontapear em uníssono com as pernas delas. Kevin conseguia ver a espuma das vagas que rebentavam adiante, ver as ondas a baterem contra a costa enquanto ele pontapeava com toda a energia que lhe restava, tentando chegar à praia.

Finalmente, Kevin sentiu o chão sob os seus pés, deixando-o seguir com dificuldade pelas ondas. Eles cambalearam em direção à praia, com a água a baixar à medida que se aproximavam. Depois de todo o esforço que tinha sido necessário para chegar ali, ele rastejou as últimas jardas de mãos e joelhos no chão até à praia e deitou-se de costas na areia, exausto demais para se mexer naquele momento.

Bobby estava ali, lambendo-lhe o rosto com uma longa língua rosa. Kevin estremeceu.

“Eu estou bem” Kevin assegurou ao cão. Ele olhou para elas. “Estão as duas bem?”

Luna assentiu. “Eu estou bem.”

Chloe sentou-se. “Vou sentir falta do barco.”

Kevin olhou para a água. O barco deles já estava a voltar para o mar, com as ondas a arrastá-lo de volta para os vastos espaços abertos do oceano. Isso significava que não havia como voltar atrás, e que o breve e feliz momento de liberdade que eles tinham tido antes da tempestade já havia passado.

“Talvez possamos comandar outro mais tarde” disse Luna.

“Já consideraste a possibilidade de poderes ser secretamente uma pirata?” Kevin sugeriu. “Tu pareces realmente querer tirar os barcos aos outros.”

Luna encolheu os ombros. “Não é como se eles fossem sentir a falta deles. Por falar de coisas que as pessoas não vão sentir falta...” Ela fez sinal para o cais. “Aposto que há comida lá em cima. Talvez até algumas roupas.”

Depois do tempo que tinham passado no oceano, Kevin ficaria grato por qualquer uma das coisas. Mesmo assim, pensar nisso não o fez sentir-se ótimo.

“Seria roubar” ele salientou.

Luna riu-se. “Tenho a certeza que as regras não contam quando se trata do fim do mundo.”

Chloe assentiu. “Faz-se o que se tem que fazer para sobreviver. As pessoas que gerem estes lugares não se irão importar. Elas desapareceram. Se eles de alguma forma conseguirem voltar, um pouco de comida que tenha desaparecido não os vai incomodar. Vamos.”

Eles subiram até ao cais, com as suas luzes brilhantes a fazer todo o lugar parecer uma bugiganga berrante na beira da cidade.

“Achas que há alguém aí?” ele perguntou, pensando nas pessoas controladas pelos alienígenas que tinham estado a vaguear pelo cais onde eles tinham conseguido o barco. “Achas que há pessoas que ficaram para trás?”

“Talvez” disse Luna.

Quase em uníssono, os três começaram a mover-se com mais cautela, agachando-se para não serem vistos por ninguém que estivesse a ver do cais. Até mesmo Bobby se esgueirou, mantendo-se baixo no chão enquanto eles avançavam.

“Não há ninguém aqui” disse Chloe depois de um tempo.

“Talvez” disse Kevin.

“Não, eu estou a falar a sério, este lugar está deserto.” Ela levantou-se e falou alto. “Olá, está alguém aí? Vêm, ninguém.”

Kevin ficou tenso ao pensar em todas as coisas que lhes poderiam acontecer se houvesse alguém ali a ouvir, e ele conseguia ver Luna atirando a Chloe um olhar irritado. Mas o cais permaneceu em silêncio e imóvel, sem nada se mover e sem nenhum sinal de que isso fosse acontecer.

Eles foram por entre os edifícios do cais, encontrando-os destrancados e abertos, deixados justamente da mesma forma como quando as pessoas os abandonaram. Havia um restaurante lá, que tinha toda a comida que os três poderiam querer, e Kevin ficou mais do que feliz ao apanhar uma chávena e beber refrigerante da máquina, antes de escolher cachorros-quentes e

começar a tentar cozinhá-los. Não eram tão bons quanto a pizza no barco, mas depois de não comer desde a tempestade, ele estava com fome mais do que o suficiente para se não importar.

“Isto é *bom*” disse Luna, comendo gelado diretamente de um pote de plástico. Chloe havia encontrado alguns hambúrgueres para Bobby e estava a comer frango de um balde.

“As minhas roupas estão muito estragadas” ela disse. “Talvez haja algumas por aqui também?”

Eles foram procurar entre as lojas à beira-mar até encontrarem uma que vendia roupas, pegando em *t-shirts* e jeans novos, meias que não tinham ficado encharcadas no oceano, e tudo mais que eles pudessem querer. Luna e Chloe desapareceram para os vestiários, enquanto Kevin rapidamente vestiu as suas roupas novas e agarrou numa bolsa nova, menos gasta pelo mar, para o dispositivo de extração de ADN de Phil.

Luna saiu primeiro. Ela tinha adicionado um blusão que parecia um rosa chocante e provavelmente deliberado, ao seu conjunto, e tênis novos que apertavam muito menos que os antigos quando ela andava. Chloe saiu vestindo jeans pretos e uma *t-shirt* azul escura, com um casaco castanho de couro envelhecido.

“Escolheste um visual discreto” disse ela para Luna.

“Eu acho que tudo o que vestimos provavelmente acabará coberto de lama, sangue ou algas, de qualquer maneira” respondeu Luna “então eu devo começar com uma cor que não me faça parecer que estou a concorrer para um filme de terror.”

“Eu acho que vocês as duas estão ótimas” disse Kevin. Parecia ser a resposta que era menos provável de causar problemas, e a verdade era que tanto Luna como Chloe estavam *mesmo* fantásticas, de maneiras diferentes.

Luna parecia muito bonita e doce, o seu blusão cor-de-rosa de recém “comandante” provavelmente correspondia a isso, e era apenas quando se a conhecia que era fácil ver que ela também era dura e propensa a brigar com qualquer um que assumisse como ela se comportaria apenas por causa da forma como ela gostava de se vestir.

Chloe *parecia* mais forte, mas, ainda assim, ela estava muito bonita, e talvez esse fosse o objetivo. Talvez essa fosse a sua maneira de dizer às pessoas para não lhe darem atenção, ou de tentar se disfarçar. De qualquer maneira, Kevin viu-se incapaz de desviar o olhar de qualquer uma delas.

“Nós devíamos ir” disse Luna. “É um longo caminho até aos poços de alcatrão.”

Kevin assentiu, seguindo enquanto ela saía. Os três começaram a andar entrando em Santa Monica, com Bobby a andar ao lado deles. Ao redor deles, a cidade parecia arruinada. Havia janelas partidas por toda a parte e algumas paredes haviam colapsado. Até parecia que algumas áreas haviam sido destruídas pelo fogo.

“O que é que aconteceu aqui?” Kevin pensou em voz alta. Os danos não faziam sentido para ele.

“Podem ter sido os alienígenas” disse Luna. “Imagina os danos eles devem ter feito, tentando chegar às pessoas para as transformarem em coisas como eles. Ou talvez as naves deles tenham feito isto.”

“Ou podiam ser apenas saqueadores” disse Chloe. “As pessoas são capazes de fazer coisas tão más quanto qualquer alienígena. Enquanto eu estava a ir para o *bunker*, vi tumultos enquanto as pessoas lutavam para conseguirem a comida que restava numa cidade pequena, ou eles acusavam-se mutuamente de estarem já convertidos, ou...”

Ela parou, deixando Kevin a pensar no que mais ela tinha visto. Isso também fez com que ele se perguntasse como é que eles iriam chegar aos poços de alcatrão vivos.

“Pelo menos não há nenhuma nave sobre a cidade” disse Kevin, apontando para o céu.

“Talvez houvesse” sugeriu Luna. “Talvez já tenha ido.”

“Ou talvez não esteja aqui ainda” Chloe deu um palpite. “Talvez a de São Francisco venha para o sul. Eu até que espero que isso aconteça.”

Nenhuma daquelas opções parecia boa a Kevin.

“Queres uma nave alienígena aqui por cima?” ele perguntou, sem entender.

“De que outra forma vamos conseguir colocar na nave grande o que encontrarmos?” Chloe perguntou.

Chloe tinha razão, e era um pensamento preocupante.

“Ainda precisamos de fazer muito” disse Kevin. “Qual é a distância até aos poços de alcatrão?”

“Cerca de dez milhas, acho eu” disse Luna. “O caminho é pelo meio da cidade.”

“E mesmo parecendo vazia, não sabemos se haverá pessoas controladas ao longo do caminho” disse Chloe. Ela estremeceu. “As pessoas que eles

convertem são assustadoras, não dizem nada, e continuam a chegar...”

“Nós conseguimos fazer isto” disse Luna. “Nós conseguimos chegar até aqui, portanto, um pouco mais longe não é assim tão mau.”

Kevin conhecia Luna suficientemente bem para saber quando ela estava a tentar ser corajosa. Luna tinha que saber o quão difícil e perigoso isto era. Passar assim por Los Angeles, a pé. Havia muitas coisas que poderiam correr mal, havia muitas maneiras daquilo tudo se poder tornar em algo mais perigoso e de eles não conseguirem dar conta disso. Sim, eles tinham conseguido chegar até aqui, mas mesmo isso quase os tinha matado.

Kevin ainda estava a pensar nisso quando ouviu o som de motores ao longe.

“Pessoas!” Luna disse.

“Ou pessoas controladas por alienígenas” destacou Kevin.

“Eu tenho a certeza de que os alienígenas não conduzem” disse Luna.

“De outra forma, não haveria carros abandonados em todas as estradas. Há pessoas a chegarem.”

“As pessoas nem sempre são uma coisa boa” disse Chloe. “Devíamos nos esconder.”

Kevin suponha que aquela reação vinha do seu tempo como fugitiva, quando esconder-se a teria mantido segura de todos os predadores das ruas.

“E se acontecer que eles nos possam ajudar?” Luna perguntou.

“E se eles nos quiserem fazer mal?” Chloe ripostou.

Ambas olharam para Kevin com expectativa, como se cada uma esperasse que ele tomasse o lado delas, uma contra a outra. Kevin abanou a cabeça.

“Nós não sabemos quem são essas pessoas” ele disse “nem mesmo se são pessoas. Quero dizer, se os alienígenas conseguem pilotar naves espaciais, eles *deviam* ser capazes de conduzir. Portanto, precisamos de nos esconder.”

“Sim!” Chloe disse vitoriosa.

“Mas só por um momento” disse Kevin. “Só até conseguirmos olhar bem para eles e ver quem eles são e o que querem.”

“Sim!” Luna ripostou.

“Isso nem sequer era o que tu querias fazer” reclamou Chloe.

Kevin fez sinal na direção de um dos edifícios. “Seja o que for que vamos fazer, acho que precisamos de fazê-lo rápido. Esses motores estão a fazer cada vez mais barulho. Vamos, Bobby.”

Kevin conseguia ouvi-los, não como um único rugido surdo agora, mas como uma coleção inteira de sons individuais. Soavam mais como motocicletas do que como carros, e ele achou que fazia sentido; em São Francisco, não havia espaço para os carros passarem.

“Aqui” disse Chloe, entrando à frente numa loja. Havia manequins e cortinas, tornando fácil espreitar para fora sem ser visto. Parecia que Chloe era boa a escolher esconderijos. Eles agacharam-se, com Bobby sentado quieto ao lado deles.

O som das motos aproximou-se, e agora eles já os conseguiam ver. Havia lá de todos os tipos, desde *choppers* compridas e inclinadas para trás até motos de todo-o-terreno, motos de corrida de aparência cara e coisas que pareciam como se a ferrugem fosse a única coisa que as mantinha inteiras. O surpreendente eram as pessoas que as pilotavam.

“Eles são todos miúdos como nós” disse Luna.

Ela tinha razão. Todos pareciam ser crianças em idade escolar, a maioria da mesma idade que eles os três. Talvez alguns fossem um pouco mais velhos, mas dificilmente algum deles parecia suficientemente velho para que eles devessem estar a anda de motocicleta, e nenhum deles parecia adulto.

Um deles, um rapaz que parecia um par de anos mais velho que Kevin, tirou com o pé o descanso de suporte da moto e ficou parado ali, olhando em volta.

“Tens a certeza que viste alguma coisa aqui em baixo, Joey?” ele perguntou a outro dos rapazes, que encolheu os ombros.

“Eu disse-te, Leon, havia um barco a vir em direção ao cais. A mim pareceu-me ter visto pessoas nele.”

“Então devíamos chegar até eles antes dos controlados chegarem” disse o primeiro rapaz. “Nós não queremos que mais ninguém vá acabar nos campos de escravos.”

Luna fez uma expressão triunfante. “Eu disse-te que eles não seriam pessoas controladas. E eles vieram aqui para ajudar. Eles devem ser bons.”

“Ou eles iam pilhar o barco” Chloe disse, mas sem verdadeiramente acreditar nisso.

Kevin fez sinal com a cabeça na direção da rua. “Eu acho que vale a pena o risco” disse ele. “Talvez eles nos consigam ajudar a chegar aos poços de alcatrão.”

Esperando estar a tomar a decisão certa, ele levantou-se, levando Bobby com ele e saindo para a rua. Se ele estivesse errado, ele acabara de matar as

suas amigas, ou pior.

CAPÍTULO TREZE

Quando Kevin e os outros saíram da loja abandonada, houve uma onda de atividade na frente deles. As crianças nas motos enfiaram as mãos nos seus blusões, tirando uma série de armas que fizeram Kevin congelar de medo só de olhar para elas. Eles tinham tudo, desde correntes e tacos, a machetes e até algumas armas. Onde é que crianças como ele tinham conseguido tudo aquilo?

Mais importante, teria tinha acabado de levar Luna e Chloe para a morte? Esse pensamento fez Kevin se afastar, com os braços no ar.

“Quem és tu?” o rapaz líder, Leon, perguntou. “Diz alguma coisa, agora.”

“Como o quê?” Luna ripostou, soando como se ela fosse lutar contra todos eles se tivesse que o fazer. “Sabes como é difícil pensar em algo para dizer quando alguém diz 'diz alguma coisa'?”

“Hum... eu sou Kevin” Kevin disse, supondo porque é que o outro rapaz estava a perguntar isso. “Estas são Luna e Chloe. Nós não estamos controlados pelos alienígenas, se é isso que estás a confirmar. Olha para os nossos olhos.”

“Sabes sobre os olhos?” Leon perguntou. “Chegaste tão perto deles e sobreviveste?”

“Tivemos sorte” disse Kevin. Ele não explicou tudo, porque ele não tinha a certeza de como aquelas crianças iriam reagir à presença daquele que tinha provocado tudo aquilo, dizendo-lhes para abrir a rocha.

“Nós fugimos muito” disse Chloe. “Quem são todos vocês?”

“Eu sou Leon” o rapaz disse, mas eles já sabiam disso. “O resto de nós... bem, eles chamam-nos os Sobreviventes.”

“Os Sobreviventes?” Chloe perguntou. “Mas eu pensei... eu pensei que eles seriam...”

“Mais velhos?” Leon perguntou.

“Bem... sim, eu acho” disse Chloe.

“Todos os adultos que conhecíamos foram levados” disse Leon “e os que sobreviveram... bem, nós não os conhecíamos nem sabíamos o que eles queriam. Nós não podemos confiar neles.”

Kevin não tinha tanta certeza sobre isso. Ele pensou em Phil. “Há alguns em quem podemos confiar.”

“E como sabemos quais são quais?” Leon contrapôs. “Há gangues por aí, e caçadores, e pior. Há pessoas que pensam que, porque não há mais nada do mundo, elas podem magoar quem elas quiserem. É melhor estarmos aqui só crianças.”

Um rapaz acenou do telhado de um edifício próximo.

“Precisamos de ir” disse Leon. “Aquele é um dos nossos vigias. As criaturas estão a aproximar-se demasiado. Têm sorte em não terem entrado mais para dentro de Los Angeles.”

“Sorte” disse Luna. “Olha, nós estamos a tentar chegar...”

“Nós podemos falar sobre onde vocês estavam a ir naquele barco quando estivermos em segurança” disse Leon. “Por enquanto, vocês podem subir, ou podem correr riscos com as criaturas quando elas chegarem.”

Colocado assim, não havia muita escolha. Kevin subiu para uma moto atrás de uma miúda que havia encontrado equipamento completo de corrida de algum lugar. Ele viu Luna a montar atrás de um rapaz numa moto todo-o-terreno, e Chloe instalou-se nas traseiras de uma moto que parecia ter vindo de um museu. Até Bobby teve um lugar, sentando-se no *sidecar* de uma moto, ficando ali com a língua pendurada.

“Porque é que eu levo o cão?” o motociclista reclamou.

“Porque és tu que tens um *sidecar*, Reed” disse Leon. “Agora, estão todos prontos?”

Ele não esperou por uma resposta antes de dar a volta com a moto e ligar o motor.

A cidade acelerou quando o comboio de motos passou por ela. Por ruas secundárias, Kevin vislumbrou grupos de pessoas estranhamente sincronizadas que tinham de estar controladas pelos alienígenas. Nos outros lugares, ele ouvia o som de tiros e gritos ocasionais, mas essas coisas soavam tão barulhentas por causa da quietude do resto da cidade.

Eles percorreram cidade na direção das colinas ao redor. Isso preocupava um pouco Kevin, porque parecia que eles estavam a afastar-se de onde queriam ir, e não a aproximar-se. Mesmo assim, ele segurou-se e não disse nada. Eles tinham que acreditar que os Sobreviventes os poderiam ajudar, e que eles estariam dispostos a fazê-lo se pudessem.

Os sobreviventes rapidamente saíram da estrada numa área repleta de grandes casas, mas ignoraram-nos, indo para um espaço entre as colinas,

onde uma série de pedregulhos estava à frente de um desfiladeiro. Olhando para cima, Kevin conseguia ver mais crianças a vigiar nas colinas, novamente, com as armas prontas.

Havia uma caverna sensivelmente a metade do caminho, com mais pedregulhos esperando perto da entrada, como se estivessem prontos para serem rebolados se os inimigos aparecessem.

Para todos os lugares para onde Kevin olhava, havia crianças como eles. Havia centenas ali, algumas sentadas por aí, algumas parecendo que estavam a tentar treinar com as armas que haviam trazido, algumas parecendo tentar cultivar o espaço limitado que tinham.

“O que é tudo isto?” Kevin perguntou quando pararam.

“É onde moramos” disse Leon, descendo da sua moto. “Nós tentamos as casas lá em baixo, mas é demasiado fácil para eles chegarem até lá.”

Houve algo na maneira como ele o disse que fez com que Kevin achasse que eles tinham descoberto isso da maneira mais difícil.

“Então vocês estão seguros aqui em cima?” Chloe perguntou, parecendo como se ela não acreditasse nisso. Talvez a ideia de algum lugar verdadeiramente seguro fosse algo que ela achasse difícil de entender.

“Tão seguros quanto possível” disse Leon. “Eles ainda não nos encontraram, e quando eles vieram atrás de nós pela cidade... nós impedimos alguns deles.”

Impediram. Eles tinham matado pessoas controladas pelos alienígenas. Kevin não sabia se devia ficar satisfeito ou horrorizado, porque aquelas pessoas ainda eram *peessoas*. Ele tinha que acreditar que eles ainda estavam lá em algum lugar, ainda capazes de voltar. Como teria sido se tivesse sido a sua mãe, ou os pais de Luna, ou uma das crianças da escola?

“Como é que vocês sobreviveram todos ao vapor?” Kevin perguntou.

“De todos os tipos de maneiras” disse Leon. “Algumas pessoas estavam em espaços fechados quando isso aconteceu; alguns usavam máscaras; alguns ouviram falar a tempo de *conseguirem* máscaras. Foi diferente para cada um de nós. O que importa é que nós *efetivamente* sobrevivemos, e começamos a vir para aqui, um por um.”

“As pessoas ouviram falar de vocês e começaram a vir procurar ajuda?” Kevin supôs.

“Mais ou menos. Venham, entrem”, disse Leon. “Vamos mostrar-vos o lugar, e vocês podem contar-nos como acabaram num barco para Los Angeles.”

Ele foi à frente e os três seguiram-no, com Bobby a caminhar ao lado de Kevin. Dentro da caverna, parecia que tudo estava iluminado por velas, ou por espelhos inclinados para refletir a luz do sol.

“Não podemos arriscar demasiadas coisas eletrónicas” disse Leon. “Temos um rádio que usamos para entrar em contacto com outros grupos, mas mesmo assim, vamos para a cidade antes de o usar. Não os podemos deixar rastrear a nossa localização.”

Kevin olhou para onde uma miúda estava a tratar de uma série de rampas de água que pareciam irrigar plantas, colando-as com fita isolante.

“Estamos a revolver o que podemos da cidade” disse Leon. “Maisy, o que é que se passa com o alimentador de plantas?”

“Partiu-se novamente” disse a miúda. “Eu consigo arranjá-lo, mas não é o mesmo sem Barnaby.”

“Eu sei” disse Leon. “Faz apenas o melhor que conseguires.”

Ele foi à frente até um pequeno círculo que tinha fogo ao meio. Havia cadeiras ao redor, de tantos estilos que parecia óbvio que tinham sido roubadas de uma dúzia ou mais de lugares diferentes. Havia espreguiçadeiras e cadeiras de jardim, uma poltrona antiga e um conjunto de cadeiras de jantar diferentes. Kevin tentou imaginar aquelas crianças a trazerem tudo de volta para o acampamento na parte de trás das suas motocicletas, e não conseguiu. Se *ele* tentasse mover um enorme sofá de couro usando apenas uma motocicleta, ele sabia que quase certamente cairia.

“Venham e sentem-se” disse Leon. “E então podem contar-nos como chegaram aqui e fazerem quaisquer perguntas que tenham.”

Kevin, Chloe e Luna sentaram-se. Um grupo dos outros juntou-se a eles, interrompendo o que estavam a fazer para olhar para eles, avaliando-os.

“Não podemos *todos* parar” disse Leon. “Nós ainda precisamos descobrir o que temos das últimas lojas que nós revolvemos, e Kieran, eu tenho a certeza que é a tua vez de estar de serviço.”

Um grupo de miúdos separou-se do grupo, voltando rapidamente para as tarefas que eles tinham estado a fazer antes, mas ainda deixando muito para trás. Para Kevin, isso era impressionante; ele não conseguia imaginar ter tantos miúdos da mesma idade a trabalharem juntos assim.

Luna parecia igualmente impressionada. “Portanto, tu és o líder aqui?”

“Mais ou menos, acho” respondeu Leon. Ele encolheu os ombros. “As pessoas parecem escutar-me. Eu apenas tento manter as coisas a funcionar, tento manter todos ocupados.”

Manter todos ocupados era uma maneira de tentar lidar com coisas com as quais não se conseguia lidar. Finjir que estava tudo bem, e esperar que, com esforço, no final ficasse tudo bem. Kevin tinha tentado isso por um tempo quando lhe disseram pela primeira vez que ele estava doente. Era o tipo de coisa que não poderia funcionar para sempre, mas poderia funcionar por enquanto.

“É difícil ser responsável por tudo” disse Kevin.

“Acho que sim” disse Leon com um encolher de ombros. Uma das miúdas mais nova veio até ele e sussurrou algo. “Kayla, está bem, mas... tens a certeza?”

Ele olhou para Kevin e, naquele momento, Kevin sabia que eles haviam descoberto quem ele era. De certa forma, era surpreendente que tivesse demorado tanto tempo. Talvez, depois de ter flutuado no mar, ele parecesse muito diferente de quando tinham participado nas conferências de imprensa na televisão.

“Tu és Kevin McKenzie” disse Leon. Já não era sequer uma pergunta.

Kevin assentiu e ouviu um murmúrio ao redor do grupo.

“Eles dizem que ele descobriu tudo sobre os alienígenas” disse um rapaz.

“Ele estava lá quando isso aconteceu, e ele sobreviveu” uma miúda murmurou.

“Se ele está aqui, isso deve significar alguma coisa.”

O murmúrio continuou, até que, por fim, Luna levantou-se. “Ei, nós estamos *aqui*, sabem? Nós conseguimos ouvir todas as palavras que vocês estão a dizer.”

“Desculpem” disse Leon. “É só que... a ideia de que tu estás aqui, Kevin... é muito importante. *Demasiado* importante.”

O rapaz mais velho parecia quase deslumbrado com ele agora, embora Leon fosse capaz de gerir todo esse acampamento de adolescentes.

“E vocês as duas também, obviamente” Leon disse, fazendo sinal para Chloe e Luna. “É fantástico que vocês tenham vindo, mas Kevin...”

“Talvez ele esteja aqui porque o boato do antídoto é verdade” uma miúda sussurrou.

Um rapaz abanou a cabeça. “Será sobre os campos de escravos.”

“Talvez seja porque eles continuam a deslocar as naves. Talvez ele saiba onde elas irão estar.

“Nós sabemos onde eles estão, estúpidos. Há uma das maiores em Sedona exatamente agora.”

Kevin abanou a cabeça. Ele realmente não se sentia confortável com o ar de espera que ele estava a obter das outras crianças. Ele já havia falhado ao mundo uma vez. “Por favor, eu não sei nada disto. Eu não sou uma espécie de super-herói que vai entrar a correr e fazer tudo ficar melhor.”

“Eu não sei” disse Chloe. “Dado o que estamos realmente aqui para fazer...”

“Esperem” disse Luna. “Alguém tem um antídoto para o que os alienígenas estão a fazer?”

Leon abanou a cabeça. “É só um boato. Dizem que há algum laboratório a trabalhar nisso, ou algum cientista a deslocar-se de um lugar para o outro, os detalhes mudam sempre que ouvimos falar disto.”

“Pode ser real” disse Chloe. “Kevin, tu disseste que lhes eras imune, pelo que, então, talvez haja uma maneira de fazer o mesmo acontecer com outras pessoas?”

“Esperem” disse Leon. “És imune?”

Kevin assentiu com relutância. “Eu acho que sim.”

“Então talvez *haja* um antídoto”, disse Leon. “Eu quero acreditar que é real, mas...”

“Quem é que vocês perderam?” Luna perguntou.

Kevin sabia a resposta para isso. “Toda a gente, Luna. *Todos* perdemos toda a gente.”

Essa era uma sensação horrível: que não restaria nenhum miúdo na Terra que não tivesse perdido a sua família, nenhum pai ou mãe que não conhecesse a dor de perder os seus filhos. Os alienígenas tinham vindo e levado todos, tudo. Não restava nada.

“Eu continuo a perder pessoas” disse Leon. “Essa é a parte difícil de ser um líder. Talvez tu saibas o que é isso, Kevin.”

Kevin ouviu Luna bufar.

“Kevin é meu amigo, não é meu líder.”

Chloe assentiu. “Eu não gosto que me digam o que fazer.”

“Eu estava a pensar sobre a parte em que ele fez o mundo inteiro acreditar” disse Leon. “Eu estou a perder menos pessoas, mas ainda assim dói. Às vezes as pessoas que eles converteram apanham mais pessoas. Às vezes eles se deparam com gangues. Há campos de escravos nas montanhas,

com tantas pessoas. Um dos nossos miúdos, Barnaby, foi levado no outro dia. Nós pensámos que não havia como recuperá-lo, mas se *tu estás aqui...*”

Kevin abanou a cabeça apressadamente. “Leon, eu não sou mesmo nada de especial.”

“Tu és imune ao que eles podem fazer. E consegues ouvir mensagens deles.”

“Isso não ajuda aqui” disse Kevin. Eles precisavam de algum tipo de soldado, ou ninja, ou algo assim, não dele. Eles precisavam de alguém como Ted, mas Ted tinha desaparecido com todos os outros.

“Tu não sabes” insistiu Leon.

“Nós temos as nossas próprias coisas para fazer” disse Kevin.

“Nós temos uma *missão*” concordou Luna.

Leon franziu a testa. “Que tipo de missão?”

“Nós vamos aos poços de alcatrão” disse Chloe. “Kevin ouviu uma nova mensagem.”

“Dos alienígenas?” Leon perguntou.

Kevin fez o melhor que conseguiu para explicar. “Dos alienígenas bons, não dos maus. Dos que nos tentaram avisar. Eles acham que, se nós encontrarmos algo suficientemente velho, tal terá vírus que os alienígenas não conhecerão. Se o conseguirmos colocar na nave deles, isso poderá detê-los.”

“Então vocês vão para os poços de alcatrão” disse Leon. “E depois vocês vão para Sedona?”

Kevin encolheu os ombros. Ele não tinha pensado tão à frente.

“Sedona é o único lugar que sabemos que tem uma nave de carga suficientemente perto para lá chegarmos” disse Leon. “Eles continuam a mover-se. Eles ficam por alguns dias, juntam pessoas, levam-nas para a nave do mundo e depois vão para outro lugar. “

“Limitando-se a remover tudo o que está lá” disse Chloe. Naquele momento, ela pareceu odiá-los. “Como gafanhotos.”

“Vocês não vão conseguir chegar aos poços de alcatrão sem a nossa ajuda” disse Leon, parecendo chegar a uma decisão. “E *definitivamente* não vão conseguir chegar a Sedona.”

“Então ajudem-nos” disse Luna. “Nós estamos a tentar salvar o mundo.”

“E eu estou a tentar salvar o meu amigo. Essa coisa com o vírus e o resto pode funcionar, mas talvez não, e aconteça o que acontecer, todos aqui precisamos de Barnaby. Ele é esperto. Ele sabe como fazer as coisas. É

suposto eu manter as pessoas em segurança e eu preciso da ajuda dele para o fazer.”

“Portanto, estás a dizer que temos que te ajudar a trazê-lo de volta ou então não nos vais ajudar?” Kevin perguntou.

Ele viu Leon acenar e isso magoou-o.

“Isso é chantagem!” Luna retrucou.

“Tecnicamente, eu acho que é extorsão” Chloe disse “mas eu concordo com Luna desta vez. Não nos podes obrigar a fazer algo assim. Nós já estamos a fazer bastantes coisas estupidamente perigosas.”

“Seja como for” disse Luna. “Quero dizer, nós não sabemos nada sobre esses poços de escravos, não temos nenhum tipo de *plano* ...”

“Vamos tratar dos preparativos, obviamente” disse Leon. “Nós vamos ajudar o máximo que pudermos. Há lugares perto do campo de escravos onde podemos dar uma boa olhada e elaborar um plano adequado.”

“Eu continuo a dizer que isso soa a estúpido” disse Luna.

“O que me dizes, Kevin? Leon perguntou.

Kevin ficou ali, tentando pensar. Ele supôs que Leon estivesse a falar a sério sobre não ajudar se ele se recusasse, e pior, ele tinha a certeza de que *não* iriam conseguir chegar aos poços de alcatrão sem ajuda. Ambos eram motivos bastante fortes para fazer o que o outro rapaz queria, mas havia outro, maior: era a coisa certa a fazer.

“Se te ajudarmos a trazer de volta o teu amigo, ajudas-nos?” Kevin perguntou.

Leon assentiu.

“Mesmo se nós formos e ele não estiver lá; eles levaram-no lá para cima, ou algo assim? Kevin apontou para a nave do tamanho da lua que ainda pairava no céu.

“Ok” disse Leon.

Kevin olhou em volta para elas. “Acho que o devíamos fazer” disse ele. “Eu acho que é a única maneira de conseguirmos chegar aos poços de alcatrão, e precisamos de o fazer para salvar o mundo.”

Chloe hesitou por alguns segundos, obviamente não gostando, e, depois, assentiu. “Ok, se não há outra maneira, acho que temos que o fazer.” Ela olhou para Leon. “Eu odeio *mesmo* que me mandem fazer coisas.”

Kevin olhou para Luna. Ela assentiu.

“Ok” disse ela. “E eu quero deixar uma coisa clara: se isto nos matar, eu culpo-te, mas isso ainda não faz de ti o líder, ok?”

“Ok” disse Kevin.

Ele tentou não pensar sobre o quão provável era que isto os *mataria* a todos. Parecia demasiado provável naquele momento.

CAPÍTULO CATORZE

Kevin segurava-se com firmeza enquanto eles subiam nas motos até às montanhas, sem saber o que esperar quando chegassem ao seu destino. Uma coisa era concordar em ajudar os Sobreviventes a recuperar o seu amigo, mas Kevin não tinha a certeza de como exatamente ele ia começar a fazê-lo.

Como ele tinha dito a Leon, ele não tinha nenhuma habilidades em especial. Ele não era nem mais forte nem mais rápido do que qualquer outro rapaz da sua idade, não tinha nenhum poder especial, não era nada *diferente*, exceto na parte em que ele conseguia traduzir mensagens alienígenas, e que ele parecia estar imune à tentativa alienígena de transformar pessoas.

Ainda assim, ele prometera agora, e ele achava que não seriam capazes de chegar aos poços de alcatrão sem a ajuda dos Sobreviventes.

“Já não estamos longe” gritou Leon, da frente da pequena fila de motos. Ele apontou para um trilho que partia da estrada principal e foram juntos. “Nós não podemos ir mais longe nas motos, ou eles virão procurar-nos, e alguns dos guardas humanos são bem espertos.”

“Guardas *humanos*?” Luna perguntou. “*Pessoas que* trabalham com os alienígenas? Nem convertidos nem nada?”

“Não tanto quanto conseguimos perceber” disse Leon. “Achamos que eles conseguiram fazer algum tipo de acordo com eles.”

“O quê, trabalha para nós e nós vamos transformar-te em Zômbis alienígenas por último?” Luna perguntou.

“Como é que eles o fizeram se não falam?” Kevin pensou em voz alta.

“As pessoas que eles convertem não falam” disse Chloe. “Eu acho que os alienígenas verdadeiros falam. Quero dizer, eles contactaram-nos com o sinal deles. Talvez agora eles estejam aqui, talvez eles tenham descoberto como falar diretamente com as pessoas.”

Fazia bastante sentido, embora a ideia de que as pessoas trabalhariam de bom grado para os alienígenas definitivamente não fizesse. Talvez por as pessoas terem ficado muito desesperadas agora, acreditariam em qualquer tipo de promessa ou não hesitariam em aceitar qualquer oportunidade de poder.

“Venham e vejam” disse Leon, indo à frente até ao trilho. “Precisamos descobrir como vamos fazer isso, de qualquer das maneiras.”

Kevin e os outros seguiram Leon quando ele subiu a encosta, até um ponto em que era possível olhar para baixo para o que parecia ser uma pedreira adiante. Edifícios ficavam numa extremidade, enquanto uma cerca ficava ao redor de todas as partes abertas do perímetro.

Havia pessoas lá, a trabalharem arduamente em pilhas de escombros com picaretas, e a fazerem outras coisas que não faziam sentido. Alguns pareciam estar a fazer corridas de obstáculos, enquanto outros estavam a trabalhar à frente de computadores. Havia até um tipo de espaço médico onde parecia que estavam a tirar sangue de várias pessoas, ou a injetarem-lhes produtos químicos.

“Eles estão a testá-los” disse Chloe.

Kevin assentiu. Era a única explicação que fazia sentido, exceto que *não* fazia sentido. Testando-os para o quê e porquê? Naquele momento, ele estava menos preocupado com isso do que com a composição da pedreira abaixo. Um pequeno número de pessoas movia-se nas bordas, demasiado quietas em relação às outras, obviamente convertidas. Ainda mais pessoas estavam a usar máscaras de gás e estavam armadas: guardas humanos. Eles estavam nas entradas da pedreira, obviamente para garantir que ninguém conseguia escapar.

Improvavelmente, Kevin viu uma das pessoas convertidas aproximar-se de um dos guardas mascarados, segurando algo para dar ao guarda.

“O que é aquilo?” Kevin perguntou.

“Parece um rádio” disse Leon. Ele estava a olhar através de binóculos agora, a olhar atentamente para o acampamento como se estivesse à procura de algum tipo de fraqueza.

“Talvez seja assim que os alienígenas estão a comunicar com os guardas humanos?” Luna sugeriu. “Eles enviam mensagens e os guardas fazem o que eles querem?”

“E se não o fizerem, são convertidos também” disse Chloe. “Isso significa que eles têm pessoas que farão coisas complexas para eles, sem que os seus comandantes tenham que prestar atenção o tempo todo.”

Leon fez-lhe sinal com o cotovelo e passou o par de binóculos, apontando para um lugar no chão da pedreira. “Aquele ali é Barnaby.”

Kevin olhou e viu um rapaz apenas alguns anos mais velho do que ele, que devia ter idade para, no máximo, frequentar o liceu, com óculos e cabelo

curto espetado. Ele era esguio e não tinha um aspeto assim tão forte, vestindo uma camisa e calças que pareciam mais adequados para alguém muito mais velho.

“Ele é meio *nerd*, mas ele é o rapaz mais esperto que eu conheço” disse Leon. “Ele foi admitido na UCLA cedo, porque ele sabe muito.”

Kevin mal podia imaginar poder dar-se ao luxo de ir para a faculdade, quanto mais ser inteligente o bastante para o fazer quando ainda era apenas uma criança. Não admira que Leon quisesse que Barnaby voltasse. O único problema era como é que eles iriam fazê-lo.

“Há muitos guardas lá em baixo” disse Kevin. “Não é como se fosse suficiente conseguir entrar.”

“Se fosse assim tão fácil, já o teríamos feito” disse Leon.

“Precisamos de uma maneira de nos livrarmos deles. Uma distração ou algo assim” disse Luna. “Talvez se todos vocês fizerem muito barulho num lado do acampamento?”

Leon abanou a cabeça. “Os guardas só fazem o que os rádios lhes dizem.”

“Então precisamos de um desses rádios” disse Kevin. Ele observou um guarda afastar-se do acampamento, fazendo uma caminhada lenta pelas colinas circundantes para vigiar. “Precisamos tirá-lo a um dos guardas sem fazer soar o alarme.”

“Isso não é um problema” disse Chloe. Ela partiu por uma rota que a colocaria diante do guarda dentro de alguns minutos. Kevin não tinha a certeza do que ela estava a planear, mas ele correu atrás dela, esperando que ela soubesse o que estava a fazer.

“Não deixes que te vejam” disse ela. Em seguida, foi até um lugar no trilho e, assim que o guarda apareceu no seu campo de visão, sentou-se a segurar o seu tornozelo.

Kevin, Luna e Leon agacharam-se atrás de algumas pedras perto do trilho. Kevin não tinha bem a certeza se isto era uma boa ideia, especialmente quando o guarda levantou a arma e a apontou para Chloe, mas agora já era tarde demais para mudar alguma coisa.

“Tu aí! Quem és tu e o que estás a fazer aqui? Ele avançou em direção a Chloe.

“Por favor, não dispares” disse Chloe. Kevin viu Luna sair a rastejar de detrás do esconderijo deles, agarrando numa pedra adequadamente grande.

“O que é que estás a fazer aqui?” O guarda quis saber novamente, pegando no seu rádio.

“Sinto muito, eu não deveria estar aqui, eu sou... eu sou apenas a distração.”

O guarda começou a virar-se, e Luna esticou-se para lhe acertar com a pedra na cabeça, com força. Ele caiu tão depressa que parecia que alguém tinha desligado algum tipo de interruptor dentro de si.

“Eu acho que o matei” disse Luna, parecendo preocupada, mas Kevin conseguia ver o peito do guarda a subir e a descer.

“Não, acho que ele está bem” disse Kevin. Ele olhou para Chloe. “Isso foi realmente perigoso. Poderias ter sido ferida.”

“*Ela* poderia ter sido ferida?” Luna perguntou. “Ela praticamente anunciou que eu ia apanhá-lo de surpresa.”

“Eu não queria que a arma dele apontasse para mim quando tu lhe acertasses” disse Chloe.

“Mas apontar para *mim* não tinha importância?” Luna perguntou.

“Nós temos um rádio agora, não temos?” Chloe contrapôs.

Eles tinham. Kevin tirou o rádio ao guarda juntamente com a sua máscara. Através do rádio, ele podia ouvir as vozes dos outros guardas, juntamente com ruídos ásperos e discordantes que ele reconhecia muito bem como sendo a língua dos alienígenas. A isso seguiu-se uma voz plana e monótona dando ordens, e para Kevin, isso era como ouvir a mesma coisa duas vezes. Parecia que os alienígenas haviam aprendido o suficiente sobre linguagem humana para traduzir para as pessoas que trabalhavam para eles.

“*Operacional um, traz o indivíduo vinte e seis... Operacional três, vai para o portão dois.*”

“Agora só precisamos ver o quão convincentes conseguimos soar como alienígenas” disse Kevin. Ele provavelmente tinha ouvido mais do tom monótono dos alienígenas do que qualquer outra pessoa viva. Conseguiria copiá-lo, pelo menos bem o suficiente para enganar um bando de guardas humanos?

“Precisamos de criar essa distração” disse Kevin.

Leon apanhou a arma do guarda. “Se eu a disparar, eles vão ouvir.”

Kevin assentiu. “Dá-me alguns minutos para chegar ao acampamento, e, depois, dispara. Vou tentar enviar o maior número possível de guardas para verificar, pelo que vocês precisam de fugir antes que eles cheguem.”

“Eu vou fazer isso de mais longe” disse Leon. “Mas tira Barnaby dali.”

Kevin assentiu e voltou na direção do acampamento. “Luna, achas que há alguma maneira de atravessar a cerca?”

Ela assentiu. “Há sempre uma forma de atravessar, ou de passar por cima ou de contornar.”

Ela disse-o com a confiança de alguém que tinha conseguido entrar em todos os tipos de lugares quando eles tinham andado por aí a explorar juntos. A maioria deles não tinha sido guardado por nada mais do que talvez um zelador idoso ou um guarda de segurança, mas este não era o momento para se preocupar com isso.

Eles desceram para a pedreira, tentando manterem-se escondidos sempre que possível.

“Aqui” disse Luna, apontando para uma junta na cerca. “Vêm como está fraco? Se puxarmos com força, acho que se vai partir.”

Kevin sabia que não devia questionar os conhecimentos de Luna quando se tratava de invadir espaços em que eles não deviam estar, e, portanto, eles esperaram perto da cerca, e esperaram...

O som de tiros encheu o ar, vindo do outro lado do acampamento. Kevin sabia que este era o momento. Acionando o rádio, ele falou nos tons mais planos e alienígenas que conseguiu.

“Todos os operacionais, este local está sob ataque, desloquem-se para interceptar a ameaça” disse ele. “Repito, este local está sob ataque. Desloquem-se para as montanhas e enfrentem a ameaça.”

Ele ficou quieto no lugar, mantendo a esperança que os guardas estivessem com medo suficiente dos seus mestres alienígenas para não fazerem perguntas. Eles pareciam estar parados lá, verificando os seus rádios, e Kevin começou a pensar que tinha avaliado mal a situação. Claro que eles não responderiam a uma mensagem casual de rádio sem verificar. Claro que eles fariam perguntas...

Então o primeiro deles começou a correr para a saída que levava até às montanhas, e o seguinte, até que, em pouco tempo, todos eles estavam a correr na direção do tiroteio. Até mesmo algumas das pessoas controladas pelos alienígenas pareciam estar seguindo, como se estivessem a tentar decidir o que estava a acontecer.

“Rápido” disse Kevin. “Nós não temos muito tempo.”

Os três agarraram a cerca de arame, puxando com toda a força. Como Luna havia previsto, esta cedeu exatamente onde tinha sido ligada, criando

um espaço que não teria sido suficientemente grande para um adulto, mas através do qual os três conseguiriam perfeitamente passar.

Kevin foi até ao local onde Barnaby estivera e conseguiu identificá-lo entre a multidão de outras pessoas que ali estavam. As pessoas pareciam uma mistura estranha. Havia algumas que pareciam atletas ou culturistas, algumas que pareciam mais como se tivessem sido arrancadas do meio de um laboratório ou biblioteca, e algumas que pareciam estar ali aleatoriamente. Mais uma vez, Kevin teve a sensação de que tudo isto era algum tipo de teste, mas ele não conseguia descobrir o que poderia ser. Não havia tempo para pensar nisso; eles tinham que encontrar Barnaby.

“Barnaby” ele gritou. “Barnaby, Leon mandou-nos!”

O rapaz aproximou-se, olhando ao redor com óbvia surpresa.

“Eu não vos conheço” disse ele.

Luna agarrou-lhe o braço. “Eu sou Luna, esse é o Kevin e essa é a Chloe. Ótimo, todos nos conhecemos. Agora, queres sair daqui?”

“Hum... sim?” Barnaby disse. “És sempre assim?”

“Frequentemente” disse Kevin. “O que é que eles te estão a fazer aqui? Parece que estão a fazer algum tipo de testes.”

“Na verdade, eu tenho algumas ideias fascinantes sobre...”

“Talvez devêssemos deixar esta conversa para quando estivermos lá fora” sugeriu Chloe. Kevin assentiu e todos correram para a cerca.

Eles estavam provavelmente a metade do caminho quando o rádio de Kevin tocou, com o tom monótono da voz dos alienígenas a chegar.

“Nós não vos demos ordens” disse a voz. “Vocês foram enganados. Voltem para o lugar imediatamente e tratem dos intrusos.” Houve uma breve pausa. *“Nós sabemos que és tu, Kevin McKenzie. Nós conhecemos a tua voz. Nós vamos ter contigo.”*

“Fujam!” Kevin disse, atirando para longe dele o rádio roubado.

Os outros não precisaram de qualquer encorajamento, começando logo a correr de volta em direção à cerca partida o mais rápido que conseguiam. Kevin ouviu gritos atrás de si e viu alguns dos guardas humanos a voltarem para o acampamento, erguendo as armas para disparar. Kevin baixou a cabeça e correu em direção à cerca, quando a primeira bala passou, numa rajada de tiros.

Chloe gritou à frente, caindo, e Kevin correu em direção a ela. Havia sangue ao seu lado e ao ver isso Kevin sentiu-se estonteado por pensar que ela poderia ter ficado ferida.

“Está bem?” ele perguntou. “Chloe, é grave?”

“Eu acho que só me tocou de raspão” Chloe disse, estremeando de dor e forçando-se a levantar novamente. Kevin colocou um braço em volta dela e eles continuaram a correr.

Os quatro chegaram até à cerca, e Luna passou primeiro antes mesmo de Kevin se aperceber, esperando do outro lado por eles e olhando para trás com óbvia preocupação. Barnaby foi o seguinte a passar para o outro lado. Ele parecia estar sem fôlego.

“Tu agora” disse Kevin, empurrando Chloe na direção da passagem. Ela passou e Kevin foi o último a passar, com mais balas a sibilarem nas rochas ao redor deles. Eles correram pela encosta, indo para o local onde as motos estavam.

Ele conseguia vê-los adiante agora, os Sobreviventes à espera deles, com as suas armas apontadas para repelir quaisquer inimigos que chegassem perto demais. Apenas um pouco mais e...

Kevin virou-se ao ouvir o som do cascalho e uma das pessoas que os alienígenas controlavam saltou da encosta, dirigindo-se diretamente para Chloe e Luna, com a boca já aberta para expirar o vapor. Kevin fez a única coisa que podia naquele momento, e atirou-se para a criatura.

Ele foi contra ela com o peso que tinha. A criatura expirou o vapor para cima dele, com a nuvem a fazê-lo tossir e engasgar, mas não mais do que isso. A criatura agarrou-o, movendo-se para arremessá-lo para o lado, para atacá-lo, e Kevin agarrou-se a ele, sem lhe dar qualquer espaço para ela o magoar. Ele girou à volta dela, tentando pelo menos torná-la mais lenta o suficiente para que os outros conseguissem fugir.

Ele sentiu o pé escorregar na encosta e, em seguida, os dois caíram.

O mundo girava em torno de Kevin, para cima, e, depois, para o lado errado, sem parar. Algures durante a queda, o alienígena largou-o, e os dois se separaram, como duas bolas lançadas em diferentes direções numa máquina de *pinball*. Kevin viu a criatura a afastar-se cambaleando, ouviu os seus ossos a partirem-se e viu-a a parar de se mover. Kevin sentia pedras a baterem-lhe no corpo, e ele podia sentir a dor a desabrochar em si enquanto batia no chão reiteradamente. Ele continuou a rebolar, com o mundo impossível de acompanhar.

Então ele bateu em algo ao fundo, e não teve que acompanhar nada quando desmaiou.

CAPÍTULO QUINZE

Kevin gemeu quando acordou, sentindo cada parte de si doer. A sua cabeça parecia que ia explodir naquele momento, o mundo ao seu redor cheio de luzes e cores. O seu corpo tremia, e ele não conseguia fazê-lo parar de tremer, com a dor a disparar através de si a cada movimento.

“Está tudo bem, Kevin. Estás em segurança.” A voz de Luna surgiu de algum lugar que parecia muito distante.

“Estamos mesmo aqui” disse Chloe, de algum lugar próximo.

Kevin desejou conseguir responder, mas naquele momento era como se o seu corpo não fizesse o que ele queria. *É uma convulsão*, ele pensou, *estou a ter uma convulsão*. Mas e se não fosse? E se isto fosse como ele era agora? Ele não sabia o que sua doença faria sem tratamento; até os médicos tinham sido vagos, dizendo que a doença era tão rara que cada caso progredia à sua maneira. O medo apoderou-se de Kevin naquele momento. E se eles tivessem chegado até aqui, e o resultado final fosse que ele estava preso em algum lugar, encurralado dentro do seu próprio corpo, incapaz de fazer alguma coisa?

Kevin teve outro pensamento horrível: era assim com as pessoas que os alienígenas controlavam? Eles sentiam-se encurralados dentro de si mesmos, olhando para fora como se estivessem a ver através de vidro distorcido, incapazes de fazer alguma coisa sobre isso?

“Ele está muito doente.” Kevin reconheceu a voz de Barnaby do fosso dos escravos. “Eu acho que a queda lhe desencadeou tudo o resto. Mas a convulsão deve passar... eu acho.”

“Vais ficar bem, Kevin” disse Chloe. Ao longe, Kevin sentiu-a a abraçá-lo.

“Chloe, precisas de lhe dar espaço para ele se mexer” disse Luna.

“Podias magoá-lo.”

“O que é que tu sabes sobre isto?” Chloe retrucou. “Estou apenas...”

“Nós estamos ambas preocupadas com ele” disse Luna. “Ele vai ficar bem.”

Claro, o problema era que mesmo se ele estivesse bem hoje, um dia ele não estaria. Um dia, tudo isso aconteceria e não haveria retorno. Ou seria um

deslizamento mais lento para isso, passo a passo, sem retorno. Até que algo assim acontecesse, era fácil esquecer que ele ia morrer em breve. Agora, porém, era tudo em que Kevin *conseguia* pensar.

O mundo parecia demorar uma eternidade para voltar para ele. As cores vivas ficaram pálidas e Kevin sentiu o seu corpo a acalmar-se. Não completamente, mas pelo menos ele sentia que tinha algum tipo de controle sobre si mais uma vez.

Ele arfou, e Luna estava lá com uma garrafa de água com uma palhinha. Kevin tomou um gole, e soube-lhe como uma das melhores coisas que ele tinha provado. Ele esforçou-se para se sentar e Luna e Chloe ajudaram-no. Olhando ao redor, Kevin viu que estava numa cama, e um telhado rochoso sugeria que ele estava algures de volta à caverna que os Sobreviventes chamavam de lar.

Barnaby e Leon estavam um pouco mais atrás, enquanto Kevin conseguia ver um bando de crianças mais novas na porta, olhando como se tentassem entender o que estava a acontecer. Kevin não tinha a certeza se ele sabia, então ele não tinha a certeza de como eles poderiam.

Bobby também estava lá. Ele correu para frente e lambeu a mão de Kevin.

“Eles têm estado a olhar para ti desde que chegaste aqui” disse Luna. Ela virou-se para eles. “Kevin não é um projeto de mostrar e contar. Saíam daqui e vão fazer outra coisa qualquer.”

Ela disse-o com tanto poder que as crianças se foram embora dali rapidamente, a maioria parecendo um pouco culpada enquanto fugiam.

“Está tudo bem” Kevin conseguiu dizer. Foi até preciso um esforço para falar. “Eu não me importo.”

“Eu importo-me” disse Luna.

“Não está certo” disse Chloe. Kevin conseguia ver que as bordas dos olhos dela estavam vermelhas, como se ela estivesse estado a chorar.

“Depois de tudo o que acabaste de fazer, e tu estás a... morrer.”

“Não é justo” concordou Luna.

“Acho que ninguém disse que seria” disse Kevin.

Luna assentiu, mas ela não parecia satisfeita com isso. “Eu só acho que... bem, eu pensei que talvez, com tudo isto, tudo o que tu estás a fazer, acabaria por haver uma maneira de melhorar isto.”

Uma parte de Kevin esperava praticamente a mesma coisa - que isto acabasse por não ser a doença fatal que todos pensavam ser, mas apenas

algum sintoma de conseguir sintonizar mensagens alienígenas. Ele tinha esperança que algures no final disto houvesse realmente uma hipótese de sobreviver a isto. Momentos como este eram assustadores, porque eles o lembravam que isso não aconteceria.

“Ele está bem?” Leon perguntou a Barnaby.

Barnaby encolheu os ombros. “Eu *não* sou propriamente um médico, Leon.”

“Mas ias ser, eles tinham-te admitido na UCLA.”

“Só o ano de caloiro” insistiu Barnaby, como se ainda não fosse massivamente impressionante que um rapaz da idade deles já estivesse a ir para a faculdade. “E não esse tipo de médico. Eu ia ser cientista.”

“E não conseguias decidir de que tipo, então estavas a fazer três especializações ao mesmo tempo” destacou Leon. “Vá lá, Barnaby, se alguém é inteligente o suficiente para entender isto, és tu.”

“Olhem, *eu acho que* ele provavelmente está bem. Kevin, lembras-te do que estava a acontecer quando desmaiaste?”

“Uma das pessoas controladas agarrou-me” disse Kevin. “Nós rebolámos pela colina abaixo. O que aconteceu a seguir?”

“Nós conseguimos tirar-te de lá” disse Luna. “Nós tivemos que te trazer no *sidecar*. Eu tive que trazer Bobby.”

O cão ladrou, como se para o confirmar.

“Ficaste inconsciente durante algumas horas” Chloe disse. A sua preocupação era óbvia.

“Eu estou bem” disse Kevin, embora, na verdade, ele não se sentisse assim tão bem. Ainda estava abalado e fraco, mas ele não queria que nenhum deles se preocupasse. “O que é que aconteceu enquanto eu estava a dormir?”

“Barnaby estava a contar-nos sobre os poços de escravos” disse Luna. “Mas não precisas de te preocupar com isso agora.”

Kevin abanou a cabeça. “Eu quero saber.”

Barnaby olhou para Leon e Kevin viu-o encolher os ombros.

“Eles estavam a testar-nos” disse Barnaby. “Eles usavam-nos para as minas, mas, estavam sempre a testar-nos. Eles obrigavam-nos a correr ou a levantar coisas, ou davam-nos problemas para resolver. Era como se eles estivessem à procura do melhor de nós, daqueles que tivessem talentos que eles pudessem usar.”

“Para puderem tirar-lhes o seu ADN” Kevin supôs.

“Exatamente” disse Barnaby. “Aqueles que falhassem nos testes... eram aqueles que eles convertiam.”

Kevin não podia imaginar como deveria ter sido, passar por teste após teste, com o medo de se tornar numa das pessoas controladas.

E, mais uma vez, talvez ele *conseguisse* imaginar isso.

“Acho que Kevin provavelmente deveria ficar na cama durante um tempo e descansar” disse Barnaby.

Kevin teria gostado muito disso, mas ele abanou a cabeça de qualquer maneira.

“Eu não posso” disse ele. “Precisamos de ir até aos poços de alcatrão.”

“Pode esperar um pouco” insistiu Leon.

Kevin abanou a cabeça novamente. “Isto não vai melhorar, e enquanto esperamos, há mais pessoas a serem levadas pelos alienígenas. E se eu ainda estiver a descansar e eles decidirem destruir o mundo porque já acabaram?”

Leon ficou calado ao ouvir aquilo, assimilando o horror de tudo aquilo. “Eles não o fariam...”

Barnaby parecia quase calmo, como se fosse um problema para ser removido. “Eu suponho que faz algum sentido que eles o fizessem. Eles poderiam despir a atmosfera de gases, então talvez explodir o planeta se eles quisessem recolher minerais profundos...”

Ele fez com que tal soasse tão lógico e tão óbvio, que o medo de tal foi suficiente para tirar Kevin da cama. Claro, tanto Chloe quanto Luna tiveram que o segurar um momento depois.

“Temos que fazer isso” disse Kevin.

Luna assentiu. “Eu sei. Eu simplesmente odeio isso.”

“Disseste-nos que nos levarias até aos poços de alcatrão se ajudássemos” disse Chloe. “Barnaby está aqui. É a tua vez.”

“Ok” disse Leon, com um aceno de cabeça. “Eu disse que o faria. Vocês têm algum plano para quando lá chegarmos?”

“Encontrarmos algo suficientemente velho para que talvez tenha um vírus” disse Kevin. “Nós... eu não sei, testá-lo?”

“Se conseguirmos encontrar o equipamento, eu poderia ser capaz de isolar qualquer vírus” disse Barnaby “mas o que te faz pensar que *haverá* algum? Mesmo se encontrarmos material vivo antigo, não há garantia.”

“Os alienígenas, os *bons* alienígenas, não teriam enviado a mensagem se não houvesse uma hipótese” insistiu Kevin. “Temos que, pelo menos, tentar.”

Leon assentiu. “Ok” disse ele. “Vamos. Vamos em grupo. Dessa forma, se tivermos problemas, conseguiremos avançar.”

Ele foi à frente até às motos. Kevin teve que se apoiar em Chloe e Luna durante a maior parte da caminhada até as motos, mas no final, parecia que ele tinha recuperado força suficiente para, pelo menos, fazer aquilo sozinho.

Uma dúzia ou mais de crianças foram com eles. Até Barnaby subiu para uma moto.

“Não achas que vou sentir falta disto, pois não?” ele perguntou. Eles encontraram outra moto com um *sidecar*, e Kevin sentou-se num em vez de ter que se sentar atrás e segurar-se a alguém. Pelo menos significava que ele poderia descansar enquanto eles estivessem a descer até Los Angeles. Talvez esse fosse o objetivo.

As motos contornaram os carros e camiões parados, entrando na cidade. Elas iam rapidamente, não diminuindo o suficiente para que qualquer pessoa controlada os alcançasse, de tal modo que, para Kevin, a cidade parecia passar num borrão de lojas e casas, espaços abandonados que pareciam quase fantasmagóricos, sem pessoas neles.

“Os poços de alcatrão devem estar logo ali” Leon gritou para eles. “Cuidado com as pessoas controladas. Quanto mais entrarmos na cidade, mas delas haverá.”

Apesar do aviso de Leon, o espaço ao redor dos poços de alcatrão parecia vazio de todos os sinais de vida. Os prédios dos museus dos Poços de Alcatrão de La Brea estavam escuros e mortos, enquanto os portões permaneciam abertos, abandonados, movendo-se suavemente com a brisa.

Eles entraram com as motos, parando num dos parques de estacionamento. Leon olhou para Kevin.

“E agora?” ele perguntou.

“Não tenho a certeza” admitiu Kevin. “Estamos a tentar encontrar algo que possa ter material vivo antigo, eu acho.”

“A menos que queiras ir pescar nos poços, isso significa as escavações de pesquisa ou os museus” disse Barnaby.

“Vamos tentar as escavações primeiro” Kevin sugeriu.

Eles atravessaram o parque, passando pelas estátuas de mamutes e outras criaturas da Era Glaciar, passando pelas poças borbulhantes de alcatrão que pareciam mal pertencer a este planeta. Era um mundo que parecia tão estranho quanto qualquer outro mundo alienígena, separado deles pelo tempo, em vez de por anos-luz de distância.

Também parecia o tipo de lugar que seria bom visitar com a sua mãe, e pensar nisso causava-lhe sofrimento. Kevin não tinha a certeza se algum dia se acostumaria com a ideia de que ela não estava lá.

“As escavações ativas devem ser por aqui” disse Barnaby, liderando o caminho até um lugar onde estava um poço cercado por mesas com o que parecia ser um equipamento de pesca. Havia redes em longos postes e garras, e, até mesmo, um pequeno barco de fundo achatado. Havia sulcos na terra ao redor, com ferramentas de escavação abandonadas e papéis que pareciam desenhos do que quer que eles tivessem tirado para fora. As pessoas tinham abandonado o que pareciam ser as lancheiras ao lado dos espaços em que estavam a trabalhar, dando a todo o lugar a sensação de um lugar do qual só se tinham afastado por um momento ou dois.

“Cheira como se fosse a gaveta das meias de alguém” disse Luna, franzindo o nariz.

“O que é que devemos fazer agora?” Chloe perguntou. “Pescar no alcatrão até encontrarmos alguma coisa?”

“Acho que podemos tentar” disse Kevin, mas tinha sido exatamente o que ele tinha esperado evitar. A ideia de que eles encontrariam o que precisavam no alcatrão parecia muito improvável.

Mesmo assim, ele pegou numa das longas redes e começou a dragar o alcatrão com ela. O peso era complicado com o quão fraco ele ainda se sentia. O alcatrão espesso tornava difícil arrastar a rede através dele, e Kevin teve que o sacudir quando ficou preso. Ele sentiu o final da vara tocar em algo numa das mesas, e olhou para trás a tempo de ver uma das lancheiras cair no chão, abrindo-se.

Porém, o que saiu para fora da lancheira não foram as sanduíches de alguém. Em vez disso, Kevin viu fragmentos de sílex e de ossos preservados, tão pequenos que estavam apenas a um passo de serem pó.

“Estas caixas deviam ser para as coisas que eles encontravam” disse Kevin. “Nós devíamos ver o que têm dentro. Talvez eles tenham encontrado algo que possamos usar.”

“Parece mais provável do que pescando algo do alcatrão” concordou Luna.

Eles começaram a trabalhar nas caixas de achados das pessoas de lá, e a principal coisa que Kevin percebeu foi o pouco que encontraram num dia normal. Muitas das caixas estavam vazias, enquanto as que não estavam

continham apenas pequenos pedaços de coisas que não pareciam ter qualquer utilidade.

Havia um osso num, e Kevin pegou no dispositivo que Phil lhes dera, pressionando a sua seringa no meio do osso. O pequeno ecrã acendeu uma luz vermelha. Não era o que eles estavam à procura.

Eles continuaram a procurar nos achados, e sempre que alguma coisa parecia até mesmo vagamente orgânico, Kevin pressionava o dispositivo nela. Uma e outra vez, o ecrã ficava vermelho.

“Ei, pessoal, eu acho que vocês precisam de ver isto” disse Chloe. Ela estava a olhar para dentro de uma das caixas com uma expressão de deslumbramento.

Luna aproximou-se e ficou ao lado dela. “Ok, isso é fantástico.”

“O que é que encontraste?” Kevin perguntou, e foi olhar. Quando ele se aproximou das duas miúdas, ele também parou.

Dentro da caixa havia um pedaço de âmbar perfeitamente preservado que devia ter dezenas de milhares, talvez *milhões* de anos de idade. Dentro havia um inseto parecido com um louva-a-deus, com a pose do ato de atacar a presa e parecendo tão perfeito agora como deve ter sido há tanto tempo atrás que Kevin mal conseguia imaginá-lo.

Ele tirou para fora o pedaço de âmbar, segurando-o enquanto pressionava o dispositivo nele. A pausa que se seguiu prolongou-se até Kevin começar a se perguntar se ele o poderia ter partido de alguma forma. Então o verde encheu o pequeno ecrã e ele atreveu-se a respirar novamente.

“Barnaby” disse Kevin “achas que isto pode funcionar?”

O outro rapaz assentiu. “Isso é... é mais do que poderíamos esperar. Precisamos examiná-lo e descobrir como extrair o ADN que precisamos.”

“Onde?” Leon perguntou.

Barnaby fez sinal para o museu. “Este lugar é concebido para estudar este tipo de coisas. Se algum lugar tem as ferramentas para fazer o que precisamos, é este o lugar.”

O pequeno grupo juntou-se, indo em direção ao museu. As portas estavam abertas, mas o edifício parecia uma concha. Não havia nada vivo lá dentro, apenas os fósseis e as estátuas de criaturas mortas há muito.

“Precisamos de encontrar um laboratório” disse Barnaby.

“Por aqui” respondeu Luna, apontando para uma secção com um grande sinal à frente que dizia “Somente Pessoal Autorizado”. Havia uma porta

trancada lá, mas Luna rapidamente pegou num machado de incêndio de uma estação de emergência e bateu nela até ela se abrir.

“Ela consegue ser bem direta” disse Leon.

“Nem tens ideia” assegurou-lhe Kevin. Isso era apenas uma parte do que fazia ser tão incrível estar perto de Luna.

Uma série de gabinetes e laboratórios ficava atrás das portas, alguns preenchidos pela metade com os materiais em que os pesquisadores estavam a trabalhar, alguns contendo apenas planos para a próxima série de passeios, ou o que parecia a Kevin como os restos de uma reunião inacabada. Um continha pilhas de ossos velhos, e Bobby ficou a olhar para aquilo com esperança, até que Luna o chamou.

Eles encontraram um laboratório vazio e entraram, levando o pedaço de âmbar com eles. Barnaby levava-o com cautela.

“Eu farei o meu melhor” disse ele. “Porém, vocês têm que entender... eu sou inteligente, mas isso não significa que eu saiba como fazer tudo. Vou tentar colocar o louva-a-deus no âmbar, ver se há bactérias ou vírus, e tentar fazer uma amostra deles que possa ser mais útil, mas...”

“Faz o que conseguires” disse Kevin. “Algo me diz que farás um trabalho melhor do que eu conseguiria. Talvez devesses ter sido tu a ouvir todas as mensagens, e assim não estaríamos neste problema.”

“Ou talvez fosse pior” sugeriu Barnaby. “Eu não sou bom a andar por aí a tentar resolver coisas. O máximo que consigo fazer é coisas assim.”

“Com alguma sorte, é tudo o que precisamos que tu faças” disse Kevin. “Precisas de alguma ajuda?”

Barnaby abanou a cabeça. “Eu trato disto.

Kevin e os outros saíram, ficando a vigiar qualquer sinal de pessoas controladas a chegarem. Bobby foi e sentou-se diante de uma das estátuas dos mamutes, olhando para ela e ladrando como se esperasse que ela fizesse alguma coisa. Dado tudo o que havia acontecido até agora no mundo, uma parte de Kevin observava nervosamente, apenas caso isso acontecesse.

“Não te preocupes” disse Leon. “Barnaby vai conseguir. Ele é mais inteligente do que ele acha que é, e isso é muito inteligente.”

“Ele precisa de ser para isto” disse Kevin. Depois de todos os recursos do instituto da NASA, parecia estranho confiar num rapaz superinteligente e num laboratório num museu.

“Precisamos de falar sobre o que vais fazer de seguida” disse Leon.

“Precisamos levar para a nave alienígena principal o que Barnaby conseguir extrair” disse Kevin.

“O que significa colocá-lo numa das naves do tamanho da cidade quando esta voltar para entregar o próximo lote de pessoas” disse Leon.

Kevin assentiu. “Estás a pensar na neve em Sedona.”

Leon enfiou a mão nos bolsos, tirando um mapa e alguns conjuntos de chaves. “As duas motos com os *sidecars* são tuas” disse ele.

“A sério?”

“Nós podemos revolver mais” assegurou Leon. “Além disso, parece que pode ser a nossa única esperança.”

“Obrigado” disse Kevin, pegando nas chaves. Ele levou-as até Chloe e Luna.

“Oh, ótimo” disse Luna enquanto pegava numa das chaves.

“Vou conduzir, não vou ficar sentada num *sidecar*” Chloe insistiu.

“Tudo bem” Kevin assegurou-lhe. De qualquer das maneiras, ele não tinha a certeza se ele teria sido uma boa escolha para conduzir agora, dada a sua condição. E se ele desmaiasse ou tivesse outro ataque enquanto estivesse a tentar conduzir?

Parecia que eles estavam à espera há imenso tempo, e Kevin estava consciente do quão vulneráveis eles estavam ali. Ele sentia cada momento a passar, sentia o calor do sol enquanto esperavam. Leon poderia ter os seus vigilantes lá fora, mas isso não impedia Kevin de se preocupar que as pessoas controladas pudessem estar a aproximar-se a cada minuto que passava.

Ele ainda estava a pensar nisso quando Barnaby saiu do museu. O rapaz mais velho parecia exausto, com o suor a escorrer-lhe da testa. Ele estava a segurar na sua mão um frasco de um líquido claro.

“Eu acho que... eu acho que consegui.”

Kevin agarrou nele gentilmente.

“Tem muito cuidado com isto” disse Barnaby. “Eu tirei algumas amostras do âmbar, e olhando para elas, acho que pode haver algum tipo de vírus aí.”

“A mensagem alienígena estava certa” disse Chloe.

“Mas eu não sei exatamente o que é” disse Barnaby “e tu provavelmente não vais querer partir o frasco para descobrir. Numa situação normal, tu cultivarias algo assim numa placa de *petri* durante alguns dias, mas eu acho que terá tempo para crescer durante o teu caminho para o entregar.”

“Obrigado, Barnaby” disse Luna.

“Obrigado por tudo” disse Kevin, olhando para Barnaby e Leon. “Nós não o teríamos conseguido sem vocês.”

“Bem, nós não teríamos Barnaby de volta sem *ti*”, disse Leon. “Não tenho a certeza se te conseguimos agradecer o suficiente por isso.”

“Agradeceste-nos quando nos deste o frasco” disse Kevin.

Luna olhou para o frasco quase avidamente. “Nós conseguimos. Finalmente temos algo que os pode matar.”

Kevin olhou para o frasco, tentando ver um pouco da letalidade que havia lá dentro. Parecia tão claro para ele, tão puro, que era quase difícil acreditar que Barnaby tivesse feito qualquer coisa com o louva-a-deus preso no âmbar que eles haviam encontrado. Porém, ele tinha que confiar nisso; os alienígenas haviam-lhe prometido que isso funcionaria.

“Agora” disse Kevin “só temos que o levar para onde o possamos *usar*.”

CAPÍTULO DEZASSEIS

Eles instalaram-se nas duas motos para irem até Sedona, com Kevin no *sidecar* da moto de Chloe e Bobby no de Luna. Sentado assim, Kevin sentia todos os ressaltos da Autoestrada 10 enquanto eles a percorriam para leste, passando pelos carros abandonados e pelos camiões que haviam sido deixados no meio da rua, os destroços ocasionais e os pedaços de entulho que tinham sido derramados na estrada.

“Como é que o tráfego de Los Angeles ainda é um problema quando não há pessoas aqui?” Chloe quis saber.

“Talvez já faça parte da cidade” Kevin sugeriu, o que fez Chloe sorrir. Isso era bom. Parecia que, na maior parte do tempo, recentemente, ela tinha estado tudo menos feliz.

Claro, todos eles sabiam o motivo dos carros abandonados, e não havia nada de feliz nisso. O máximo que eles podiam fazer era desviarem-se deles, tratando-os como obstáculos em algum tipo de jogo.

Por fim, os carros diminuíram um pouco e a estrada alargou.

“Vamos ver quem chega primeiro” Luna gritou para Chloe, e depois acelerou a todo o gás.

“Não é justo!” Chloe disse, e depois apressou-se para a acompanhar.

O vento soprava no rosto de Kevin, fazendo-o sentir como se eles estivessem a cerca de um milhão de milhas por hora. Ele conseguia ver que, no *sidecar* da moto de Luna, Bobby parecia perfeitamente feliz com isso, com a sua língua pendendo enquanto ele ofegava.

As duas motos iam quase lado a lado, desviando-se sem esforço dos poucos carros que ainda estavam por ali. Kevin não tinha a certeza de quem estava a ganhar, e suspeitava que as duas miúdas afirmariam ter ganhado no final.

“Posto de gasolina” Luna gritou, diminuindo a velocidade e acenando para um lado da estrada. Como era de esperar, havia um posto de combustível à frente, as bombas desertas. “Nós devíamos abastecer as motos.”

“E levarmos todos os suprimentos que conseguirmos.” disse Chloe. “Além disso, eu ganhei.”

“Não ganhaste” Luna ripostou de volta. “Eu só abrandei para o posto de combustível.”

“A sua desaceleração significa que eu ganhei” Chloe disse, com um olhar satisfeito.

Eles entraram no posto de combustível, de qualquer das maneiras, parando as motos junto das bombas de combustível e levantando os bocais. Nada aconteceu que Kevin conseguisse ver.

“Talvez haja um interruptor para ligar as bombas?” Luna sugeriu.

“Vou verificar” disse Kevin. “Vamos, Bobby. Talvez haja alguma comida para ti lá também.”

Eles entraram, deixando Luna e Chloe lá fora junto das motos. No interior, o posto de combustível estava semivazio, como estivessem lá estado pessoas antes deles. Mesmo assim, havia comida em algumas das prateleiras, enquanto sobre o balcão, Kevin viu uma série de interruptores com números de bombas. Ele olhou lá para fora, e verificou os números das bombas. Em seguida, ligou os interruptores, ouvindo o barulho do sistema a iniciar.

Ele foi até às prateleiras a seguir, vendo o que havia ali que lhes fosse útil. Kevin encontrou um par de sacos de plástico no balcão e começou a enchê-los com coisas que poderiam precisar. Ele levou um par de garrafas de água, um pouco de carne seca, algumas barras de chocolate...

“Este *lugar* é meu!” uma voz ao balcão gritou. Seguiu-se um estrondo e uma secção da parede perto da cabeça de Kevin desfez-se quanto balas de espingarda a atingiram. Kevin olhou para cima e viu um homem com um equipamento completo de camuflagem a sair disparado de uma sala ao fundo. Ele parecia ter pelo menos sessenta anos, e houve algo na sua expressão que era simplesmente louco quando ele levantou a espingarda que segurava para outra tentativa.

Kevin atirou-se para o chão e a prateleira atrás dele explodiu numa rajada de comida enlatada.

“Chegou o momento de nos irmos embora, Bobby” Kevin disse, mas parecia que o cão tinha outras ideias. Quando o homem mais velho apontou a espingarda novamente, Bobby saltou para ele de lado e derrubou-o para o chão, enquanto a arma disparava, e sentou-se sobre ele, com os dentes à mostra. Kevin não tinha percebido o quão intimidante o cão poderia ser até aquele momento. Sob todo aquele pelo, era fácil esquecer que ainda havia ali um cão grande com dentes muito grandes.

“Desculpe” disse Kevin. “Eu não me apercebi que isto era, hum... o seu lugar.”

“Espera só até eu me levantar” disse o homem. “Eu vou-te matar a ti e ao teu vira-lata!”

O mais assustador era que ele soava como se estivesse a falar a sério. A melhor coisa que Kevin conseguiu pensar fazer foi apanhar a espingarda que estava agora no chão, levando-a enquanto recuava para a porta o mais rapidamente que conseguia. Tanto quanto ele poderia dizer, a arma estava vazia agora, mas ele ainda não sentia vontade de dar ao velho a hipótese de a recarregar. Ele abriu a porta e saiu, mesmo abandonando os suprimentos que tinha roubado com a pressa.

“Vamos, Bobby” Kevin chamou, e o cão correu para ele. Kevin fechou a porta com força e fez o melhor que pôde para usar a arma para a calçar, já que a arma não era muito útil sem os projéteis. Ele achou que não aguentaria por muito tempo.

“Precisamos de sair daqui” ele disse. As miúdas olharam para ele como se fossem argumentar, mas Kevin abanou a cabeça. “Imediatamente.”

Bobby saltou para o *sidecar* de Chloe, e então Kevin agarrou o de Luna. Chloe e Luna subiram para as suas motos e os três fugiram exatamente quando o som do tiroteio recomeçou atrás deles.

“O que é que foi aquilo?” Luna perguntou.

“Um homem louco com uma arma” disse Kevin, respirando com dificuldade. “Bobby salvou-me dele. Eu tive que deixar lá tudo o que tinha tirado.”

“Pelo menos temos combustível” disse Luna. “Devemos conseguir chegar a Sedona facilmente.”

Eles continuaram a seguir para leste, e ao redor deles, a paisagem rapidamente se transformou em deserto, com colinas e montanhas estendendo-se na distância além da estrada, sem nenhum sinal de ninguém por perto quase até onde era possível ver a princípio.

“É lindo aqui” Chloe gritou da sua moto. “Um pouco seco, mas não é nada como no lugar onde eu morava.”

“Onde é que moravas?” Kevin perguntou.

Chloe abanou a cabeça. “Isso não importa. Eu nunca vou voltar de qualquer maneira.”

Eles continuavam, e Kevin tentava ver os mapas que Leon lhes dera para ter uma ideia de onde estavam. Era meio estranho, ter que contar com um

antigo mapa de papel como este em vez de num telefone. Mas mesmo que esse sistema ainda funcionasse, Kevin não tinha um telefone com ele, e ele não queria arriscar que os alienígenas soubessem onde ele estava mesmo se ele tivesse um telefone.

Então, eles tinham que contar com o mapa e, felizmente, a rota parecia bastante simples: eles seguiam para leste até chegarem ao acesso para a cidade de Brenda, depois passavam por uma série de pequenas cidades, indo para nordeste. Era simples e evitava ir até Phoenix, onde Kevin não tinha dúvidas de que haveria os mesmos perigos que em Los Angeles.

“Estou entediada” disse Chloe depois de um tempo. “Não há *nada* aqui.”

“Eu pensei que tinhas dito que era lindo” Luna contrapôs enquanto eles continuavam.

“Pode ser lindo *e* entediante” Chloe retrucou.

Um sinal apareceu na estrada. No início, Kevin supôs que estaria a anunciar alguma paragem para descanso ou uma pequena cidade no caminho. Mas depois ele viu um corpo amarrado a ele, com sangue a cobri-lo. Mais sangue cobria o que quer que fosse que o sinal dissesse originalmente, substituindo-o pelas palavras “*Território de Falcões Demoníacos: Mantenha-se Afastado.*”

“Eu acho que consigo viver com o que é entediante” disse Kevin, engolindo o seu medo ao pensar que eles estavam a passar pela placa. Eles *tinham* que chegar a Sedona.

“Alguém mais sente que deveria estar mais assustado por ver um corpo?” Chloe perguntou.

Luna encolheu os ombros. “Depois de tudo que aconteceu? Depois de tudo que *já* vimos?”

Ela tinha razão. Ambas tinham, cada uma à sua maneira. Há algumas semanas atrás, ver um corpo daquela maneira teria aterrorizado Kevin. Provavelmente teria feito com que ele parasse e ficasse a olhar, e talvez vomitasse. Agora, porém, ele já tinha visto pessoas feridas e mortas. Ele já os tinha visto a transformarem-se em bonecos dos mestres alienígenas, e, de alguma forma, isso parecia pior do que simplesmente morrer. O homem no poste era essencialmente um espantalho muito sangrento, e havia muitas outras coisas no mundo de que era melhor ter medo.

“Eu continuo a dizer que não devíamos ficar aqui por muito tempo” disse Kevin.

“Sim” Chloe disse, olhando em volta nervosamente.

Eles continuaram ao longo da autoestrada, e, durante todo esse tempo, Kevin sentia como se uns olhos o estivessem a queimar a partir de em algum lugar no deserto além da estrada. Algo lhe dizia que, se parassem neste trecho da estrada, se ficassem sem combustível ou se um pneu estourasse, os três acabariam como quem quer que fosse que estivesse amarrado ao sinal. Apesar de ele não conseguir ver ninguém, ele estava certo disso, e o seu coração bateu com força no seu peito todo o caminho até ao local onde estava um sinal igualmente horrível no outro lado do território dos vigias, ameaçando as pessoas que vinham do outro lado.

Mesmo quando eles passaram por ele, Kevin continuou a olhar para trás até eles terem percorrido pelo menos mais algumas milhas. Ele estava a começar a relaxar novamente quando viu adiante algo muito diferente.

“Estão a ver aquilo?” ele perguntou, apontando. “Acho que precisamos de sair aqui. Eu acho que aquilo é um centro comercial.”

Estava à saída da autoestrada, reluzente, presumivelmente nos arredores de uma pequena cidade. Olhando para ele, Kevin teve a sensação de que provavelmente era quase tão grande quanto o resto da cidade, talvez ali para chamar a atenção das pessoas que passavam pela estrada principal. Tinha certamente chamado a sua atenção.

“Pode haver qualquer coisa ali” Luna salientou. “Pode haver alienígenas.”

“Também pode haver suprimentos” disse Kevin. Ele sabia muito bem que não conseguira levar nada do posto de combustível.

“Estou com fome” disse Chloe.

Bobby ladrou em concordância.

“E vamos precisar de acampar” disse Kevin “então vamos precisar de... eu não sei, tendas e outras coisas.”

“Eu acho que sim” disse Luna.

“Vai correr tudo bem” disse Kevin. Ele não tinha a certeza se estava a tentar tranquilizá-la a ela ou a si mesmo. “Nós vamos ter cuidado.”

Eles saíram da autoestrada, em direção do centro comercial. Ele brilhava contra o tom poeirento dos seus arredores, com o estacionamento a prolongar-se à sua frente cheio de carros que presumivelmente estavam ali desde o momento em que os alienígenas tinham chegado.

“Vamos esperar que não haja ninguém lá dentro” disse Chloe.

Kevin também o esperava, porque isso parecia o tipo de espaço que as pessoas poderiam querer se estivessem a tentar sobreviver, e o tipo de lugar

que eles poderiam tentar defender se as pessoas lá fossem para roubar. Se os três estivessem à procura um espaço para se esconderem, Kevin poderia até tê-lo sugerido, mas eles tinham que chegar a Sedona, e a nave que ele desejava ainda pairava por lá.

“Cuidado” disse Luna quando começaram a entrar. “Vejam.”

Havia os restos de um fio de detonação na entrada e marcas de queimaduras sugerindo que o lugar estava ligado a algo perigoso. Do lado de dentro, Kevin viu uma armadilha para ursos que já se havia fechado, com sangue nos seus espigões.

“Eu não gosto disto” disse Chloe. “Quem colocou todas estas armadilhas?”

“Não sei” disse Kevin “mas eu acho que já não estão aqui. Não voltariam a colocar a armadilha para ursos se estivessem?”

“Eu *espero* que eles não estejam aqui” disse Luna. “Eu acho que eles eram muito mais perigosos do que um homem velho.”

Kevin assentiu. Quem quer que tivesse feito isto parecia como se tivesse estado pronto para manter o mundo afastado. Eles deslocaram-se mais um pouco para dentro do centro comercial, e Kevin viu fios de detonação partidos em todos os lugares para onde olhava, e os restos de armas que pareciam ter sido equipadas para atirar em qualquer pessoa que passasse por aqueles fios. Havia marcas de queimaduras e secções de paredes partidas como se tivessem havido explosões, enquanto quase todas as montras que Kevin conseguia ver estavam partidas, o vidro de segurança partido em pedaços tão pequenos que parecia que o chão estava cheio de diamantes.

“Parece que houve uma batalha aqui” disse Luna. “Como se alguém tentasse manter afastadas as pessoas controladas ou outra pessoa qualquer, sozinha.”

“Eu não acho que eles tenham conseguido, porém” disse Kevin, olhando para os destroços. “Parece que quem estava a tentar entrar continuou a andar.”

“Este lugar é estranho” disse Chloe. “Onde estão os corpos todos?”

Essa era uma boa pergunta. Depois de uma batalha como essa, deveria haver corpos. Não que Kevin os *quisesse* ver, mas era estranho.

“Acho que não devíamos ficar mais tempo do que precisamos” sugeriu ele. “Vamos apanhar o que precisamos e sair daqui.”

Luna assentiu. “Tudo bem por mim. Este lugar está a começar a assustar-me.”

Eles começaram a procurar suprimentos pelo centro comercial. Eles encontraram uma loja de artigos de ar livre e agarraram em mochilas e sacos de dormir, tendas, filtros de água e um fogão de acampamento, tentando ignorar a maneira como o espaço ao redor dos armários de armas era agora uma bagunça enegrecida. Kevin foi até uma loja de animais e levou um pouco de comida enlatada para Bobby, depois foi até uma loja de alimentos para levar suprimentos para os três.

Chloe já estava lá. O nariz dela franziu ligeiramente com o cheiro.

“Cheira a lixo aqui” disse ela.

“Acho que já faz alguns dias desde que os congeladores estavam ligados” disse Kevin. Ele pensou em toda a comida que estaria a apodrecer no país e no mundo. Em breve, a única comida que restaria seriam os enlatados, ou o que as pessoas conseguissem caçar ou cultivar para si mesmas.

Eles pegaram em latas de comida, colocando-as nas suas mochilas ao lado de garrafas de água. Pelo menos agora eles tinham o suficiente para viver por uns dias, ou mesmo por semanas. Dado o que eles iam fazer a Sedona, isso seria mais do que suficiente para salvar o mundo, ou... não, Kevin não queria pensar na alternativa.

“Nós temos tudo o que queremos?” Luna perguntou. Ela parecia como se estivesse estado ocupada a roubar metade do conteúdo de uma loja de *hardware* para adicionar à sua mochila. Kevin assentiu. “Então eu acho que devíamos ir novamente antes que alguém apareça.”

Isso fazia sentido. Mesmo que não houvesse ninguém aqui agora, um lugar como esse provavelmente atrairia qualquer um que estivesse a passar, e não havia garantia de que seriam amigáveis.

Os três voltaram para as motos, indo pela estrada novamente.

“Eu acho que não vamos chegar a Sedona antes de escurecer” disse Kevin. “Conduzimos durante a noite, ou...”

“Eu voto que nós acampemos” disse Luna.

“Eu já dormi ao ar livre vezes suficientes” disse Chloe. Ela não parecia tão contente com isso quanto Luna, mas ela não parecia importar-se.

“Precisamos encontrar algum lugar enquanto ainda é de dia”

Eles continuaram ao longo da estrada por um tempo, mas a maior parte da paisagem parecia ter sempre a mesma aridez. No fim, a única coisa a fazer era escolher um local onde houvesse pelo menos algumas árvores para tornar mais difícil que alguém os visse, sair da estrada e começar a montar um acampamento.

Eles colocaram as motos de frente para a estrada, para que fosse fácil sair dali apressadamente, se necessário, e, depois, montaram as tendas com o fogão de acampamento entre elas, enquanto lentamente começava a escurecer.

“O céu da noite é fantástico quando tu estás assim tão longe de qualquer lugar” disse Luna.

Isso era verdade. Sem as luzes brilhantes de uma cidade ao seu redor, Kevin conseguia ver cada estrela ali, brilhando em constelações que o faziam questionar-se quantos outros mundos existiam lá fora. Havia pelo menos dois mundos que tinham alienígenas. Então porque é que não poderia haver centenas? Talvez nem todos fossem invasores, dispostos a pilhar planetas o melhor que conseguissem...

Inevitavelmente, Kevin olhou novamente para onde a nave principal dos alienígenas pairava no céu como uma segunda lua. Na escuridão, ele conseguia ver o lampejo de luzes enquanto as outras naves partiam e regressavam lá, trazendo pessoas ou recursos roubados, lentamente arrancando da Terra tudo que esta possuía.

“Nós vamos parar isto” Chloe disse ao lado dele, olhando para cima. “Nós temos que o fazer.”

“Nós temos o vírus agora” disse Luna. “Os outros alienígenas disseram que, se encontrássemos algo suficientemente velho, isso poderia detê-los, e nós fizemo-lo. Nós conseguimos fazer isto.”

Kevin assentiu. Ele tinha que acreditar que eles o conseguiam fazer. Eles tinham uma arma que poderia potencialmente impedir os invasores das suas intenções. Eles tinham uma localização para uma das grandes naves de transporte que transportaria o vírus de volta e, amanhã, eles a alcançariam. Depois de tudo o que eles tinham passado para chegar até aqui, depois de o mundo inteiro ter sofrido, Kevin precisava acreditar que isso funcionaria.

Eles iriam conseguir, caso contrário, que esperança o mundo iria ter?

CAPÍTULO DEZASSETTE

Kevin acordou cedo no dia seguinte, alimentou Bobby e levou-o para uma breve caminhada pelo deserto. O cão passou a maior parte do tempo a correr, tentando apanhar algo pequeno e peludo que desapareceu para dentro de uma toca antes de Kevin conseguir olhar bem para o animal.

“Tu provavelmente não estás a achar toda esta viagem muito divertida” disse Kevin ao cão. “Mas eu estou feliz por tu estares aqui.”

O cão aninhou-se contra as suas pernas e eles voltaram para o acampamento. Elas estavam mesmo a acordar. Luna espreguiçava-se como uma jogadora de boxe a fazer o aquecimento para lutar contra alguém. Chloe estava a sair da sua tenda com cautela, como se tivesse à espera que o perigo estivesse à sua espera.

Kevin tirou uma lata da sua bolsa para o pequeno-almoço. Mas, uma vez que o rótulo tinha saído dentro da bolsa, ele não tivesse como saber o que poderia ser até a abrir. Naquele momento, ele supôs que isso não importava muito. Era fruta enlatada. Eles beberam um pouco de água, desmontaram o acampamento e prepararam-se para seguir caminho.

“Devemos conseguir chegar a Sedona hoje” disse Kevin, verificando os mapas.

“E, depois, isto pode terminar” disse Chloe.

“Nós conseguimos *vencê-los*” acrescentou Luna. “O que é que vais fazer quando os alienígenas se forem embora, Kevin?”

Ela fazia com que isso parecesse tão fácil, como se todos eles se limitassem a murchar diante do vírus que Kevin transportava, e tudo acabasse num instante. Assim como a doença de Kevin desapareceria no mesmo momento. Mesmo assim, ele concordou com isso. Eles precisavam de esperança hoje.

“Eu acho que vou ver a minha mãe” disse ele. A perspectiva de que ele poderia ter a sua mãe de volta quando tudo isso tivesse terminado era o suficiente para que ele continuasse, independentemente do que acontecesse.

“Eu também quero encontrar os meus pais” disse Luna “eu só quero que as coisas sejam normais. A casa, a vida, a escola... eu nunca pensei que sentiria falta da *escola*. E tu, Chloe?”

Chloe encolheu os ombros, e Kevin percebeu que ela provavelmente não tinha muito no mundo antigo para o qual ela quisesse voltar.

“Será uma oportunidade de construir uma nova vida” Kevin sugeriu a Chloe.

“Talvez” disse ela. Ela não parecia convencida. “Parece que vocês vão regressar a tudo, e eu não.”

“Nós não te vamos abandonar, Chloe” disse Kevin. “Nós não o faríamos.”

“As pessoas abandonam as pessoas” disse Chloe. “É o que acontece.”

Ela parecia tão sombria com essa perspectiva, exatamente no momento em que eles precisariam de toda a esperança que conseguissem para os ajudar no dia de hoje.

“Ninguém vai abandonar ninguém” disse Luna. “Nós somos teus amigos.”

Chloe riu-se. “Tu nem sequer gostas de mim a maior parte do tempo.”

Luna encolheu os ombros. “Isso não faz diferença. Nós vamos fazer isto e vamos fazê-lo juntas. “

“Ok” Chloe disse, com um pequeno aceno de cabeça.

Eles juntaram as suas coisas e se acomodaram nas motos, partindo pela autoestrada fora mais uma vez. Como já estavam fora da Autoestrada 10, eles começaram a passar por cidades pequenas e abandonadas, algumas parecendo tão destruídas que poderiam estar assim há anos.

“É difícil dizer o que é por causa dos alienígenas e o que é por causa das pessoas se terem ido embora” disse Kevin.

Luna acenou com a cabeça para um edifício onde as paredes de madeira haviam apodrecido, parecendo que elas poderiam cair a qualquer momento. “Talvez esta fosse uma cidade fantasma, de qualquer das maneiras.”

Kevin até esperava que assim fosse, porque pelo menos isso significaria que esta cidade não tinha visto todas as pessoas a ficarem sob o controlo dos alienígenas, ou expulsas por aquelas pessoas que viam a violência como a única maneira de sobreviver ao que veio a seguir.

Então ele viu uma família, caminhando pela estrada, olhando em volta como se procurasse algum lugar para se esconder. Havia dois progenitores que pareciam ter trinta e poucos anos, juntamente com uma menina e um menino que eram apenas crianças pequenas, de mãos dadas com os pais. Eles começaram a voltar para uma das casas quando Kevin e elas se aproximaram, mas Kevin acenou para eles.

“Ei, está tudo bem. Nós não vos vamos magoar.”

A família ainda parecia bastante assustada, com o pai a empurrar os seus filhos para trás de si enquanto a mãe erguia um bastão de caminhada como se fosse uma boa arma.

“Não se aproximem” disse o homem, e depois franziu a testa. “Ei, esperem, vocês são apenas crianças...”

“Ainda assim, eles podem ser como *eles*, Henry” disse a mulher. “Ainda assim, eles podem ser *alienígenas*.”

“As pessoas controladas pelos alienígenas não falam” alertou Kevin. “E vocês podem olhar para os nossos olhos, se quiserem.”

“Para quê?” o homem perguntou.

Kevin olhou para Luna, surpreso por as pessoas realmente não saberem. Ela encolheu os ombros.

“Quando as pessoas são controladas, as suas pupilas ficam brancas” explicou Kevin.

“Além disso, o não falar e toda a perseguição às pessoas tentando convertê-las são uma espécie de denúncia” disse Luna.

O homem pareceu zangado naquele momento. “Não brinquem com isso. As pessoas estão a perder as suas vidas, enquanto vocês estão a andar em motos que vocês nem parecem ter idade suficiente para conduzir.”

“Se vocês tivessem alguma decência, entregá-las-iam a nós” disse a mulher. “Os meus filhos tiveram que andar durante milhas.”

Kevin abanou a cabeça. “Lamento. Precisamos delas para tentar impedir tudo isto.”

“Vocês acham que vão acabar com isto?” o homem disse num tom obviamente incrédulo. “Não sejam idiotas.”

“Nós não somos idiotas” disse Chloe. “E nós parámos porque pensámos que vos poderíamos ajudar.”

“Então, entreguem-nos as vossas motos” disse a mulher. “Nós estamos apenas a tentar chegar a algum lugar seguro.”

“Não há nenhum lugar seguro” disse Luna. “Vocês provavelmente ficam melhor se ficarem aqui.”

“Aqui?” o homem perguntou. “Mas não há nada aqui. Não há comida, não há água. Nada.”

“Tomem” disse Kevin. Ele tirou um pouco de comida e de água da sua mochila, atirando-as para eles.

“Só isto?” a mulher perguntou. “Quanto tempo é que achas que conseguimos sobreviver com isto? Henry, nós *precisamos* dessas motos.”

O homem assentiu e começou a avançar, mas parou quando Bobby rosnou, profundamente na sua garganta.

“Eu não o faria” disse Luna. Ela ligou a moto e se afastou, seguida por Chloe.

“Quem me dera que pudéssemos fazer mais por eles” Chloe disse enquanto os três partiam.

Isso apanhou Kevin um pouco de surpresa. Então ele lembrou-se que ela sabia melhor do que qualquer um deles como era estar na rua sem ter para onde ir.

“Eles tentaram roubar-nos as nossas coisas” Luna apontou.

“Nós roubamos primeiro” disse Chloe.

“Mas eles poderiam pelo menos ter ficado *gratos*” disse Luna.

“Não ajudas as pessoas porque elas vão ficar gratas” disse Chloe.

“Ajuda-las porque são pessoas e porque elas precisam.”

Ela parou, a família mal se via agora, e tirou da sua mochila alguns dos seus próprios suprimentos.

“Além disso, eles têm filhos pequenos” disse ela. “Temos que ajudá-los de *alguma forma*.”

“E vamos ajudar” disse Kevin. “Se conseguirmos salvar o mundo, isso vai ajudar todas as pessoas, incluindo a eles.”

“Eu acho que sim” disse Chloe. “Não resolve tudo, no entanto. Mesmo se todos os alienígenas se fossem embora agora, muita coisa mudaria.”

“Eu acho que as pessoas tentariam voltar ao normal” disse Luna.

“Eles tentariam” Chloe concordou “mas muito teria mudado. Haveria tantas pessoas mortas, mesmo se todas as que tinham sido convertidas voltassem ao normal, e todas teriam passado por este enorme trauma...”

“Tudo pode ficar bem novamente” insistiu Luna, soando como se precisasse acreditar nisso. Kevin podia imaginar porquê. Se tudo pudesse ficar bem, então havia um mundo onde ela poderia estar de volta em casa com os seus pais, e nada estava errado.

“As coisas podem melhorar” disse Chloe “mas haverá muitas coisas para resolver. As pessoas terão que reconstruir. Vai levar tempo.”

“E ainda precisamos de lidar com os alienígenas” disse Kevin. Ele olhou para trás para a partícula de família. “Nós devíamos ir andando. Eu acho que eles se estão a aproximar.”

Eles aceleraram, indo em direção a Sedona.

Ao redor deles, a paisagem continuava a passar em tons arenosos de castanho, enquanto o calor do Arizona começava a apoderar-se de Kevin; ele estava a suar só de estar sentado no *sidecar*.

“Queres conduzir um pouco?” Luna perguntou-lhe.

“Eu?” Kevin perguntou. “E se eu... tu sabes, desmaiar?”

“Já o fizeste até agora?” ela perguntou.

Kevin abanou a cabeça.

“Muito bem então. A estrada não podia estar mais desimpedida. Queres tentar?”

Kevin assentiu e todos eles pararam para trocarem de lugares. Luna entrou no *sidecar* ao lado de Kevin.

“Ok” disse ela. “Aqui é o acelerador. Para ires mais depressa tens de o rodar. Aqui é o travão. Aqui é para engrenares as mudanças.”

“Só isso?” Kevin perguntou. “Só me vais dizer isto?”

Luna encolheu os ombros. “Eu não sou uma espécie de especialista em motos. Como conselho, o melhor que posso dizer é “tenta não bater em nada.”

“Tens a certeza de que queres estar no *sidecar* enquanto eu conduzo?” Kevin perguntou. “Quero dizer, e se eu bater?”

“Portanto ficarias bem se fosse *Bobby* a estar num acidente?” Luna contrapôs. “Eu confio em ti. Tu não vais bater. Além disso, a alternativa é partilhar uma moto com Chloe, e ela pode ter salvado a minha vida, mas há limites.”

Kevin não discutiu, apenas ligou a moto... e imediatamente o motor parou.

“Pára de te rir de mim” disse ele perante os risos de Luna e de Chloe. “Isto é mais difícil do que parece.”

“*Ambas* fizemos isso” disse Chloe.

Kevin tentou novamente, e desta vez conseguiu manter a moto a funcionar durante tempo suficiente para fazer com que ela se movesse.

“Está a funcionar” disse ele. “Consegui!”

“Isso é ótimo” disse Luna. “Agora, talvez um pouco mais depressa do que a este ritmo de passeio?”

Kevin acelerou e, em breve, ele estava a deslizar pela estrada, seguindo a moto de Chloe e sentindo o vento passar por si. Era muito mais entusiasmante do que estar sentado no *sidecar*. Ao olhar para baixo para

Luna ele percebeu que ela já devia estar a arrepender-se da decisão de ter desistido do seu lugar.

“Trocamos da próxima vez que pararmos” Kevin sugeriu.

“Tu provavelmente vais continuar a conduzir até Sedona e não vais parares nessa ocasião” disse Luna.

Era tentador fazer isso, porque Kevin estava a divertir-se muito assim. Ele não se sentia suficientemente confiante para começar a fazer corridas, como as miúdas tinham feito antes, mas agora a moto estava, pelo menos, a andar depressa, e era difícil evitar a excitação de ir tão rápido.

Mesmo assim, andar de moto assim era mais cansativo fisicamente do que Kevin tinha pensado que poderia ser. Lutar para controlar a moto apenas o lembrava de quanto ele tinha que lutar para controlar o seu próprio corpo a maior parte do tempo. Provavelmente era hora de parar, especialmente porque eles se estavam a aproximar de Sedona.

“Há um ponto de vigia adiante” disse Chloe. “Devíamos ser capazes de ver para onde estamos a ir a partir de lá.”

Eles pararam na berma da estrada e Kevin ficou grato por estarem a fazer isso quando estavam. Por mais divertida que a moto fosse, ele não tinha a certeza se poderia ter ido muito mais longe. Ele desmontou da moto e caminhou até à beira do miradouro, onde Chloe já estava.

“Sedona é ali” disse ela, apontando. “Se olhares, consegues ver.”

Kevin pensou que conseguia, longe à distância. Do lugar onde eles estavam, Sedona era uma linha fina no horizonte, mas Kevin estava mais interessado no que estava acima dela. Uma das naves do tamanho da cidade pairava ali, parecendo ameaçadora. Naves minúsculas desciam a flutuar até à superfície e subiam novamente.

“Eles estão ocupados lá” disse Kevin.

“São muitos” Chloe concordou. “Conseguimos mesmo passar por tudo aquilo?”

“Nós vamos encontrar uma maneira” Kevin assegurou-lhe.

“Nós vamos fazer isto” disse Luna, aproximando-se deles. “Eu não quero saber *quantas* pessoas controladas estão lá.”

“Eu quero... um *pouco*” disse Kevin. “Quer dizer, eu preferiria que se não fossem *demasiadas*. ”

“Muitos alienígenas é bom” disse Luna. “Isso significa que podemos chegar até eles.”

Kevin desejava partilhar da sua confiança. Ou talvez fosse apenas determinação. Kevin definitivamente tinha isso. Custasse o que custasse, ele iria levar o vírus para aquela nave alienígena.

“É difícil acreditar que estamos tão perto de acabar com isto” disse Chloe. Ela virou-se para eles. “Eu só queria dizer, se algo correr mal...”

“Nada vai correr mal” disse Luna.

“Não sabes” disse Chloe. “Mas de qualquer forma, eu queria dizer... é bom ter amigos novamente. Eu gosto de vocês os dois.”

“Nós também gostamos de ti” disse Kevin.

Luna não disse nada, mas deu a Chloe um aceno de cabeça relutante. Ela estendeu a mão. “Amigos.”

“Amigos” Chloe repetiu, colocando a mão sobre a de Luna.

“Amigos” disse Kevin, colocando a mão por cima.

Eles ficaram ali por mais um momento, e agora tinha chegado a hora de ir até lá e realmente fazê-lo. Eles voltaram para as motos e começaram a descer em direção a Sedona, com Kevin a sentir a tensão a aumentar mais à medida que eles se aproximavam. Havia apenas algumas pequenas cidades entre eles e a nave alienígena agora, e Kevin deu por si a repassar tudo na sua cabeça, pensando no que precisariam fazer para realmente levar o vírus para a nave.

Ele ainda estava a pensar nisso quando viu as barricadas à frente, bloqueando a estrada. Elas pareciam ter sido construídas a partir de uma combinação de móveis e do tipo de carros abandonados que pareciam estar em toda parte. Um grande sinal com as palavras “Não Avance, Alienígenas Adiante” estava preso à barricada. À parte disso, a rua parecia abandonada.

Eles desaceleraram e pararam à frente da barricada improvisada.

“Nós vamos ter que tirar isto se quisermos passar” disse Kevin.

“E nós vamos ter que fazer isso rapidamente, antes que quem construiu esta barricada volte” disse Luna.

“Hum...” Chloe começou. “Eu acho que pode ser um pouco tarde para isso.”

Figuras saíram dos edifícios ao redor, jovens e felizmente movendo-se sem o tipo de sincronização terrível que poderia tê-los marcado como estando controlados pelos alienígenas. Se isso fez Kevin suspirar de alívio, os tacos, martelos, facas e garrafas nas suas mãos não fizeram.

Ele olhou para trás, tentando ver se havia uma forma de eles saírem dali. Mais jovens saíram dos edifícios atrás deles, encaixotando-os, cercando-os,

pelo que, mesmo que tentassem voltar pelo caminho por onde tinham chegado, eles teriam estado no caminho.

Sem saber mais o que fazer, Kevin desceu da moto. A nave alienígena estava tão perto que parecia que Kevin poderia ter estendido a mão e tocado nela. Mas naquele momento, a nave poderia perfeitamente estar do outro lado da galáxia.

CAPÍTULO DEZOITO

“Vocês vieram ao lugar errado” disse um rapaz que estava na frente do grupo. “Nós não gostamos de motoqueiros aqui.”

Ele tinha uma faca dobrável na mão que ele abria e fechava enquanto falava. Kevin teria chamado a isso um hábito nervoso, exceto que *ele* era quem o hábito estava a deixar nervoso.

“Nós não somos motoqueiros” disse Kevin. “Apenas nos emprestaram as motos para que pudéssemos chegar a algum lugar.”

“Não há nada por este caminho a não ser *aquilo*”, disse o rapaz, apontando para a nave que pairava sobre Sedona.

“Então ainda bem que *é para* onde nós estamos a tentar ir” disse Luna. Aparentemente, a ameaça de todas as armas ali não a intimidava, ou talvez intimidasse, e Luna estava apenas a reagir da maneira que sempre reagia quando alguém a ameaçava.

“Vocês não querem que eu me zangue” disse o rapaz que parecia estar ao comando. “Vocês ainda não viram o tipo de coisas que vos podem acontecer se eu me zangar.”

“Até agora” disse Luna “vi pessoas controladas a tentarem matar-me, tubarões a tentarem comer-me, homens armados a tentarem acertar em mim e uma tempestade a tentar afogar-me. Ah, e percebi que o mundo provavelmente vai explodir em breve. O que é que tens comparado a isto?”

“O que é que ela está a fazer?” Chloe perguntou a Kevin. “Parece que ela está a tentar arranjar um confronto.”

“Hum... provavelmente ela está” disse Kevin. Luna não era boa a recuar.

Decididamente não parecia a coisa certa a dizer a um gangue como este. Eles precisavam de falar sobre o seu plano, não arranjar um confronto que eles não conseguiriam vencer aqui.

“Oiçam” disse Kevin “nós estamos a tentar ajudar aqui. Nós achamos... achamos que podemos ter encontrado uma maneira de parar tudo isto.”

O líder do gangue olhou para ele. “E como é que um rapaz como tu sabe como parar algo *assim*?” ele quis saber, apontando para a nave espacial alienígena. “O que é que vais fazer? Disparar com uma arma de raios de brincar e esperar que a nave desapareça?”

“Nós encontramos um vírus para o qual achamos que os alienígenas não estarão preparados” disse Chloe. “Achamos que isso nos pode salvar a todos.”

O líder do gangue riu-se. “Achas honestamente que eu vou acreditar nisso?” Kevin viu-o a olhar para Chloe de cima a baixo. “O que é que estás a fazer com um miúdo como este, miúda? Porque é que não te juntas a nós? Podíamos-mos divertir juntos.”

Kevin viu os olhos de Chloe se estreitarem.

“Isso não vai acontecer” disse ela.

“Então eu acho que vamos ficar com tudo o que vocês têm. Se não lutarem, vocês até se podem ir embora. Quem sabe, talvez eu até venda esse vosso “vírus” para alguém, e eles joguem o vosso jogo de o tentar levar para a nave dos alienígenas.”

“Talvez o possas vender à tripulação de Dustside e eles morram enquanto tentam” sugeriu outro membro do gangue.

“Boa ideia” respondeu o líder do gangue. Quando ele voltou a sua atenção para Kevin e para as miúdas, Kevin congelou no lugar. Houve algo de duro no olhar que ele lhes deu, que disse que não havia como escapar desta. Se eles não desistissem de tudo o que o gangue queria, Kevin não tinha dúvida de que eles matariam os três sem hesitar.

Kevin saiu da moto. E elas também. Até mesmo Bobby saltou para o chão, rosnando baixo na sua garganta.

“Se aquele vira-lata saltar, vou esfaqueá-lo, e depois faço o mesmo com os restantes de vocês” alertou o líder do gangue. Novamente, Kevin teve a sensação de que ele estava à espera da oportunidade, e que a única razão pela qual ele não o fazia de qualquer maneira era porque era mais fácil fazê-lo desta maneira.

“Luna, segura Bobby” disse Kevin.

“Mas Kevin, nós não podemos deixá-los levar tudo” disse Luna. “A mensagem que tu ouviste...”

“Kevin?” o líder do gangue disse. “És o rapaz da televisão? Tu disseste que ele ouviu uma mensagem, então é ele, não é?”

Algo sobre o modo como ele disse aquilo sugeria que admitir isso não lhes daria a calorosa receção que os Sobreviventes lhes tinham dado.

“Não, eu não sou ele” disse Kevin. “Existem imensos Kevins. Eu sou...”

“Tu és *ele*” insistiu o líder do gangue. “Eu vi as notícias, as mesmas que todas as pessoas. Tu és o rapaz que nos traiu e nos induziu a deixar os

alienígenas entrarem!”

“Kevin não traiu ninguém” Luna retrucou. “Eles traíram-no a ele e ele tentou alertar as pessoas antes que fosse tarde demais. Nós apenas... não fomos suficientemente rápidos.”

Kevin estremeceu ao lembrar-se daquilo, em como tinha sido ver os primeiros cientistas transformados. Ainda tinha havido uma breve hipótese de parar com tudo isso, mas ele havia visto isso a escapar. Não foi a única razão pela qual ele estremeceu; Luna tinha acabado de confirmar que ele era exatamente quem o gangue achava que ele era.

“Foste tu” disse o líder do gangue, gesticulando com a mão que segurava a faca. “Foste tu que fizeste isso a todos nós. Eu tinha um irmão antes dos alienígenas chegarem; ele desapareceu graças a ti. Desapareceram todos por causa de ti.”

“Isso não é justo” disse Chloe. “É culpa é dos alienígenas. Nós estamos a tentar *impedi*-los.”

“Para tentar compensar o que vocês fizeram?” o líder do gangue quis saber. “Ou é pior do que isso? Talvez a verdadeira razão pela qual vocês estão a tentar chegar à nave seja porque vocês os querem ajudar mais. Talvez vocês vão fazer alguma coisa que acabe com o resto de nós.”

“Não, nós estamos a tentar ajudar” disse Kevin, começando a recuar e levantando as mãos.

“Eu não acredito em vocês” disse o líder do gangue. “Isto é culpa vossa, e vocês vão morrer por isso!”

Ele lançou-se para a frente e Kevin empurrou-o para longe com toda a sua força.

“Fujam!” ele gritou para elas, correndo para o mais próximo dos edifícios. Luna, Chloe e Bobby correram ao lado dele, abrindo caminho pelo que parecia ser uma loja abandonada, esquivando-se pelos corredores que já haviam sido despidos por saqueadores. Kevin conseguia ouvir o som do gangue a correr atrás deles.

Havia uma porta de incêndio adiante e Kevin bateu nela a correr, abrindo-a com os outros a seguirem-no. Eles estavam no final de um beco e foram a correr por ali o mais rápido que conseguiram. Quando chegaram a um cruzamento, Kevin apontou para a esquerda.

“Vão por ali!” ele gritou para Chloe e Luna.

Elas viraram e começaram a correr por ali, mas Kevin não. Em vez disso, ele correu pela direita, separando-se delas. Era ele que o gangue

odiava e a ele que eles *queriam*. Se eles o seguissem, pelo menos elas ficariam em segurança. Se ele se conseguisse esconder deles também, então isso seria ótimo, mas se ele não conseguisse... se ele não conseguisse, então não seria melhor se ele fosse o único a ficar ferido?

Kevin correu para um labirinto de outras vielas que se cruzavam e se entrelaçavam. Atrás dele, Kevin conseguia ouvir o gangue a gritar.

“Encontrem-no! Separem-se! Eu quero aquele rapaz morto!”

Kevin tentava usar os sons das suas vozes para descobrir onde eles estavam ao seu redor, tentando adivinhar onde cada membro do gangue estava. Ele tentou apontar para os espaços entre eles, procurando uma maneira de chegar a um local seguro. Talvez ele conseguisse voltar para as motos se os conseguisse levar para suficientemente longe.

“Vamos lá” disse Kevin para si mesmo. “Tu já evitaste alienígenas. Tudo o mais deve ser *fácil*.”

Não era fácil, porém, porque este era um espaço que o gangue conhecia claramente e ele não. Kevin não sabia quais as vielas que poderiam não ter saída, e quais as rotas que levavam de volta até às motos da melhor maneira. Ele só tinha que continuar, a trabalhar por tentativa e erro, esperando o tempo todo que Chloe e Luna tivessem aproveitado a oportunidade para fugir.

“Ali está ele!” o líder do gangue gritou quando ele fez uma curva um pouco menos longe e olhou para Kevin. Ele parecia estar sozinho por enquanto, mas Kevin não ia esperar que os outros aparecessem. Ele desatou a correr novamente, com o outro rapaz atrás dele o tempo todo.

Ele virava aleatoriamente agora, nem mesmo tentando descobrir onde ele estava. Kevin deu por si a correr por pequenos becos, saltando por cima de cercas baixas para dentro de pátios e seguindo em frente. Ele foi dar à rua principal e encontrou-se de novo na barricada. Tal bloqueava o caminho, e agora Kevin estava a ficar demasiado cansado para continuar a correr.

“Onde é que vais agora?” o outro rapaz quis saber quando Kevin se virou para ele. “Vais continuar a correr?”

“Não precisas de fazer isto” disse Kevin quando o líder do gangue começou a avançar na sua direção.

“Eu *quero* fazer isto” disse ele. “Tu *mereces* depois de tudo o que fizeste.”

Kevin começou a rir-se. Nada tinha piada, mas ainda assim ele estava a rir-se. “Mereço?” Kevin perguntou. “Como é que te chamas?”

“Ty” disse o rapaz.

“Bem, Ty” disse Kevin. “Sabes como é que tudo isto começou? Um médico disse-me que eu estava a morrer. Eu ainda estou, mas estou a viajar pelo país para tentar parar os alienígenas porque *alguém* tem de o fazer. Eles enganaram-me. Eles enganaram toda a gente. Sim, tu podias matar-me, mas sabes o que mais podias fazer? Podias *ajudar*-me. Dizes que o teu irmão desapareceu, então porque é que não me ajudas a vingar dos alienígenas que fizeram isso? Kevin pegou no frasco que continha o vírus. “Se entregarmos isto na nave alienígena, isto acaba. Tu podias ajudar-nos a fazer isso, Ty.”

“Ou eu podia matar-te, levar o frasco e fazê-lo sozinho” disse o outro rapaz. “Dessa forma, tu morres e eles morrem. Acho que vou fazer isso.”

Ele continuou a aproximar-se e Kevin olhou em volta, procurando outro lugar para onde fugir, mas não havia lugar nenhum. Ele estava encurralado contra a barreira e, se corresse para aquele lado, então Ty só o iria apanhar antes mesmo de ele conseguir passar. Kevin colocou o frasco fora de alcance, esperando que ficasse em segurança, e se preparou para pelo menos tentar afastar Ty novamente.

Então ele viu uma forma grande e peluda aparecer, e Kevin não pôde deixar de sorrir ao ver Luna e Chloe a seguirem-na.

Bobby ladrou, e, em seguida, foi contra Ty de lado, mordendo-o e abanando-o. Luna e Chloe correram na direção dele, agarrando os braços de Ty e segurando-o para que ele não conseguisse esfaquear o cão. Luna pisou na mão de Ty que tinha a faca de uma maneira que pareceu muito dolorosa a Kevin, antes de olhar para Kevin irritada.

“Tu não podes fugir e ser morto assim” disse Luna. “Não nos *traias*. Os amigos não fazem isso.”

“Eu achava que vos estava a proteger” disse Kevin.

“Tu não decides isso por nós” Chloe acrescentou. Ela soltou Ty e levantou-se. Bobby e Luna ainda eram mais que suficientes para o segurar. “Estou mesmo chateada contigo por teres fugido assim, Kevin. Assustaste-me. Eu pensei...”

“Chloe” disse Luna. “Precisamos de sair daqui antes que os outros venham.”

“Ok, ok” disse Chloe. “Kevin, ajuda-me a mover algumas das barreiras.”

Kevin foi com ela até à coleção de coisas que compunham a barricada, tentando encontrar pedaços que eles conseguissem mover. Não os carros, obviamente, mas talvez alguns dos pedaços de madeira, ou os móveis, ou...

“Socorro” Ty começou a gritar. “Socorro! Eles estão aqui!”

Kevin viu Luna pôr a mão sobre a boca dele com força, mas já era tarde demais. Kevin sentiu o medo a crescer dentro de si enquanto começava a arrastar pedaços para fora da barricada novamente, mesmo ao imaginar que não seria suficientemente rápido.

Eles saíram para a rua, avançando sobre os três, e desta vez Kevin imaginou que não haveria escapatória. Todos os membros do gangue pareciam determinados agora, com a sua variedade de armas erguidas e prontas a usar.

“Não avancem!” Luna ordenou-lhes. “Não avancem ou eu digo ao meu cão que o vosso amigo é o seu almoço.”

“Achas que isso faz alguma diferença para nós?” outro membro do gangue quis saber, continuando a avançar.

Kevin procurou na barricada, saindo com um pedaço de madeira que ele brandia diante dele. Não era lá grande arma, mas era melhor do que ficar ali sem poder se proteger nem proteger os outros. Chloe pareceu ter a mesma ideia, já que ela pegou um pedaço de plástico de aparência afiada, segurando-o como uma faca. Luna limitou-se a enfiar a mão na mochila e tirou um canivete.

Não parecia ser suficiente. *Não* seria suficiente, Kevin sabia. Ok, eles tinham armas agora, e Luna estava sempre pronta para lutar contra qualquer coisa, e talvez Chloe soubesse uma coisa ou duas sobre sobreviver devido ao tempo que havia passado na rua, mas, o que interessava era que eles eram metade deles, eles eram mais pequenos do que as outras crianças, as suas armas não eram realmente boas, e Kevin suspeitava que o tipo de miúdos que andavam por aí em gangues provavelmente sabiam mais sobre brigas de qualquer das maneiras. Eles iam morrer.

A essa altura, Kevin supunha que ele deveria estar acostumado a este sentimento, e não apenas porque havia sido ameaçado com uma faca há apenas alguns minutos. A partir do momento em que o médico lhe tinha dito sobre a sua condição, ele soubera que em breve estaria morto. Tudo o que acontecera desde então apenas lhe tinha mostrado o quanto a vida era frágil e a rapidez com que tudo podia ser acabar.

Ele deveria estar acostumado a isso, mas isso ainda o assustava. O que o assustava ainda mais era que Luna e Chloe iam morrer também. Ele tinha-as trazido aqui com ele, e agora ele ia ter de assistir enquanto...

O som de motores à distância interrompeu os pensamentos de Kevin.

“É a Tripulação de Dustside” disse um do gangue, olhando em volta nervosamente. Os membros do gangue não pareciam tão valentes agora, e Kevin não sabia se era bom ou não eles parecerem tão preocupados. Por um lado, qualquer coisa que os fizesse hesitar em terminar o que tinham começado tinha que ser uma coisa boa. Por outro lado, algo que os assustasse não era necessariamente uma coisa boa para Kevin, Luna e Chloe.

Viram-se motos e, enquanto as motos dos Sobreviventes eram uma coleção de estilos e tamanhos diferentes, estas eram quase exclusivamente motos de estilo antigo, com guidadores longos e chegados para trás para passear ao invés de ir rápido. Os homens e mulheres que lá vinham vestiam couros com aplicações que representavam uma nuvem de poeira varrida por chifres de búfalo. Alguns deles eram adultos, alguns deles eram mais jovens, mas todos pareciam valentes e prontos para lutar com quem quer que encontrassem. Eram muitos também; facilmente tantos quantos eram no gangue de Ty.

Eles aproximaram-se, e o ressoar das motos parou perto da barricada. “Ressoar” era a palavra certa também, porque para Kevin, parecia que a vibração dos motores das motos vibrava pelos seus ossos.

Um homem barbudo desceu da primeira moto. Tinha braços musculosos que se dobraram enquanto ele olhou para a cena que Kevin e os outros apresentavam. Kevin não conseguia ver os seus olhos graças aos óculos escuros de aviador, mas ele tinha a impressão de que o homem observou cada detalhe da situação naqueles primeiros segundos.

“Bem, Ty” disse ele. “Eu acho que tu e os teus amigos têm algumas explicações a dar.”

CAPÍTULO DEZANOVE

Kevin deu por si a olhar para os motoqueiros, agradecido pela sua chegada ter interrompido o gangue antes deles conseguirem atacar, mas igualmente nervoso com a presença deles. Eles pareciam muito mais fortes e violentos do que as crianças do gangue de Ty, então porque é que eles não se juntaram ao assassinato?

“Eu acho que é melhor deixares que Ty se levante para que ele possa responder por si mesmo, senhorita” disse o homem para Luna, e Kevin estremeceu com isso. Tinha estado a ir bem até então.

“Eu não tenho medo de ti” disse Luna.

Para surpresa de Kevin, o grande homem sorriu. “Não, eu acredito que não tenhas. Mesmo assim, gostaria de ouvir o que Ty tem a dizer, por isso deixa que ele se levante, por favor.”

Luna recuou e Kevin estendeu a mão para Bobby. “Vem, Bobby.”

O cão correu para ser acariciado, enquanto Ty se levantava com dificuldade.

“Isso não tem nada a ver contigo, Bear” disse ele. “Isso é entre mim e eles.”

“Se fosse só tu e eles, eu diria que tu estavas em apuros, Ty” disse o homem grande. Ele *parecia*-se com um urso, na sua barba e na sua dimensão. “Eles tinham-te no chão. Da forma como eu o vejo, se tu podes chamar todos os teus rapazes para te ajudarem, eu posso perguntar o que está a acontecer.”

Ele tirou os óculos naquele momento, e havia uma dureza nos seus olhos que fez com que Kevin quisesse recuar. Apenas a presença da barricada o deteve.

“Sabes quem eles são?” Ty quis saber.

“Ainda não fomos apresentados” disse o homem grande. Ele olhou para eles. “Eu sou Bear. Estes...” disse ele, apontando para o grande grupo de motoqueiros “são o meu pessoal, o Clube dos Motoqueiros de Dustside. “Quem são vocês?”

“Eu sou Kevin” disse Kevin. “Estas são Luna e Chloe.”

“Mas sabes quem eles são?” Ty quis saber novamente. Ele apontou para Kevin. “Ele fez isto. Ele é o rapaz da televisão, aquele que começou tudo

isto ao contar-nos sobre os alienígenas.”

“Estou a ver” disse Bear.

“Nós estamos a tentar impedir os alienígenas” disse Kevin. “Nós temos um vírus que achamos que pode matá-los.”

O grande motoqueiro ergueu uma sobrancelha. “É mesmo? Contagioso?”

Kevin tirou o frasco que continha o vírus. “Está aqui. Eu recebi uma mensagem de outros alienígenas, que nos tentaram alertar sobre os primeiros. Se conseguirmos colocar isto na grande nave alienígena, isso poderá salvar-nos a todos.”

“Não acredites nele” disse Ty. “Se ele está a ir para a nave alienígena, é para os ajudar! Nós temos que o matar. Eu *vou* matá-lo.”

“É mesmo?” Bear disse novamente. Ele olhou para trás. “Cub, o que achas?”

Um rapaz saiu do grupo de motoqueiros e aproximou-se, parecendo uma versão em miniatura do líder dos motoqueiros. Ele não podia ser muito mais velho do que Kevin e os outros, vestido com jeans e couros de motoqueiro. Ele pareceu valente quando desceu da sua própria moto.

Ele olhou para Kevin e depois para os outros.

“Eu acho que Ty não fez nada além de mentir para nós desde que o conhecemos, pai” disse ele.

“Bem visto” disse Bear.

“Eu acho que, se há uma hipótese de parar isto, devemos fazê-lo” continuou Cub. “Além disso, gosto do aspeto deles. Eles andam de moto, por isso não podem ser assim tão maus.”

Kevin viu Bear acenar com a cabeça.

“Tu ouviste o meu filho, Ty, e eu concordo. Tu e os teus rapazes recuem.”

“Achas que eu os vou deixar irem-se embora?” Ty quis saber. Ele pegou a faca de onde esta caíra no chão. “O que ele fez significa que o meu irmão é um deles. Eu vou...”

Kevin viu Bear acenar levemente para o seu filho, e Cub avançou, atingindo Ty com força. Ele ficou inconsciente antes de cair no chão. Foi só quando Kevin olhou novamente que viu o brilho da soqueira na mão de Cub. Alguns dos membros do gangue de Ty começaram a avançar e, num instante, os outros motoqueiros estavam em cima deles batendo e pontapeando, atacando com correntes e tacos curtos. Eles amontoaram-se, gritando ao fazê-lo, como se não houvesse nada melhor do que uma boa luta.

Kevin não ficou surpreso ao ver Luna lançar-se para a frente, chutando num dos membros do gangue na parte de trás do joelho para o atirar para um nível em que outro motoqueiro conseguiu dar-lhe um soco e derrubá-lo.

“Impressionante” disse Cub, olhando para ela.

Kevin sentiu uma onda de algo que ele não entendeu muito bem. Havia algo na maneira como Cub olhava para Luna que o deixava desconfortável, quase com raiva. Ele queria dizer que Luna era *sua* amiga, e que alguém como o rapaz motoqueiro não deveria estar a olhar para ela assim.

Ele estava com ciúmes? Não, ele não podia estar. Luna era *Luna*; ela e Kevin não eram... bem, eles eram todos os tipos de coisas, mas não eram *isso*.

Não demorou muito para que todo o gangue de Ty ficasse inconsciente ou a gemer no chão. Nenhum dos motoqueiros parecia estar ferido para além de algumas contusões.

“O teu nome é mesmo Cub?” Kevin perguntou. “E o nome do teu pai Bear?”

“O nome dele verdadeiro é Jim” disse Cub. “Mas não lhe chames isso. E sim, o meu nome é Cub. A minha mãe e o meu pai pensaram que era engraçado, eu acho.”

Na opinião de Kevin, ele não soava como se concordasse completamente com isso.

“Vocês acham *mesmo* que conseguem parar os alienígenas?” Cub perguntou.

Kevin pensou em mentir e dizer-lhe que era uma coisa garantida, mas algo lhe dizia que estas não eram o tipo de pessoas a quem se mentia.

“Nós achamos que sim” disse ele. “Honestamente, nós não sabemos. A mensagem sugeria um vírus muito antigo e encontrámos um nos poços de alcatrão, portanto...”

“Portanto, esta é nossa melhor hipótese” disse Cub.

“Provavelmente a nossa única hipótese” disse Chloe. Ela olhou na direção da nave que pairava sobre Sedona, e depois para a gigantesca nave mundial que pairava sobre a Terra.

“Fala com meu pai” disse Cub. “Se vocês vão fazer isto, vocês precisam de toda a ajuda que conseguirem. Além disso” ele disse olhando para Luna “parece que pode ser interessante viajar com vocês.”

Kevin foi ter com Bear, ficando diante dele e olhando para cima, e depois mais para cima.

“Hum...”

“Queres pedir-nos ajuda para chegar a esta tua nave espacial?”

“Não é minha” disse Kevin. “Mas...” Ele pensou em todas as pessoas controladas que poderiam estar entre eles e a nave. “Sim, precisamos de toda a ajuda que conseguirmos.”

“E haverá pessoas a tentarem impedir-vos?” Bear perguntou.

Kevin abanou a cabeça. “Pessoas não.”

“Sim, nós já nos deparamos com essas coisas. Pará-los é *difícil*, mesmo que vocês se lembrem de usar uma máscara.”

Kevin indagou-se sobre quantos membros do seu clube o grande homem perdera para os alienígenas, mas não se atreveu a perguntar.

“Portanto, tu estás a pedir-me para arriscar todos os meus amigos, tudo o que resta do meu clube, e o meu próprio filho para um plano que nem mesmo tu tens a certeza?”

“Tem que funcionar” disse Kevin. “Se não funcionar, o mundo está morto. Os alienígenas continuarão a converter pessoas e, quando terminarem, farão explodir o mundo.”

Bear assentiu. “E então, o que é que tu farás se eu voltar as pessoas do meu clube na outra direção e nos formos embora?”

Kevin fez o melhor que conseguiu para esconder a dor que sentiu ao ouvir isso. Eles não podiam voltar atrás, poderiam? O problema era que, claro, eles podiam. Kevin tinha visto o que eles tinham feito ao gangue. Não era como se ele pudesse *obrigá*-los a fazer alguma coisa.

“O que é que vocês acham?” Urso gritou para os outros ali. “Devemos ajudar esses três?”

“Contra os controlados?” uma mulher perguntou. “Não seria fácil.”

“Podemos morrer todos” disse um homem na parte de trás.

“Pode ser uma boa luta” outro motoqueiro gritou.

“O mundo está cheio de boas lutas” retrucou a mulher.

Kevin percebeu para que lado isto estava a ir.

“Podem pelo menos ajudar-nos a mover a barricada?” Kevin perguntou. “Dessa forma, podemos continuar a ir.”

“Então vocês iriam de qualquer das maneiras?” Bear assentiu para si mesmo. “Nós podemos fazer isto.”

Ele começou a separar a barricada, e ele *era* grande o suficiente para mover alguns dos carros. Os outros motoqueiros juntaram-se, puxando para o lado o plástico e a madeira, o metal e a mobília, para desimpedir a estrada.

“Eu queria fazer isto quase desde que estes idiotas construíram a sua estúpida barricada” disse Bear.

Ele foi ter com os seus. Eles agruparam-se e Kevin apanhou trechos do que eles estavam a dizer.

“... ainda não sei se isto é uma boa ideia...”

“... seria uma grande luta. Nós podíamos todos...”

“... muitos deles no caminho...”

Bear deu um passo para trás. Ele olhou em volta para os seus. “Nós estamos de acordo? Subam para as motos, todos. Nós temos um passeio para fazer.”

Kevin sentiu uma onda de decepção a inundá-lo. Ele tinha pensado que talvez os motoqueiros pudessem ajudar, mas agora parecia que eles se estavam a preparar para se irem embora. Em questão de segundos, todos estavam de volta às suas motos, prontos para partir.

Kevin não percebeu imediatamente que Bear e Cub estavam a olhar para ele a partir da liderança da sua coluna, não se indo embora.

“Bem, do que é que vocês estão à espera?” Bear perguntou.

“Vocês vêm connosco?” Kevin perguntou.

“Claro que sim” respondeu Cub. “Vocês acham que íamos perder uma luta tão boa quanto esta?”

“Na minha opinião” disse o seu pai “podemos nos ir embora e esperar que o mundo termine, ou podemos reagir e terminar isto com um grande espalhafato. Eu quero fazer o maior espalhafato que conseguir. Cub, tu ficas para trás.”

“Não, pai” disse Cub.

“Eu ainda sou a cabeça deste clube” disse Bear. “E eu quero o meu filho em segurança.”

Kevin viu Cub gesticular para o mundo ao seu redor. “Então mostra-me onde é que é seguro. A menos que nós o *tornemos* seguro.”

Parecia que Bear ia argumentar, mas depois ele suspirou. “Está bem. Eu não vou entrar numa luta sem todos fortes o suficiente para passar por isso. Agora, montem e vamos embora.”

Kevin voltou para as motos, entrando numa com Bobby no *sidecar*. Luna e Chloe olharam uma para a outra durante um segundo ou dois antes de

iniciarem um jogo rápido de papel-pedra-tesoura. Luna gritou quando ela ganhou, enquanto Chloe fez uma careta ao entrar no *sidecar*. Kevin pensou em trocar com ela, mas as duas precisavam se dar bem algum dia.

A fila de motos despertou para a vida com um rugido profundo de motores, e, em pouco tempo, eles estavam a ir pela estrada em direção a Sedona, firmemente. A nave adiante era tão grande que facilitava acreditar que ela estava mais perto do que estava, como uma montanha poderia estar contra uma planície aberta. Era suficientemente enorme para apagar o céu sobre a cidade. Naves menores desciam para Sedona e voltavam para cima enquanto a nave principal continuava o seu sombrio trabalho.

Bear saiu na frente da sua fila de motos, enquanto Kevin, Luna e Cub iam juntos na fileira seguinte, com o resto do grupo atrás deles. Kevin não tinha a certeza se era algum tipo de marca de respeito por eles, ou apenas porque Cub queria conversar.

“Como é que vocês os três se conheceram?” ele perguntou.

“Luna e eu somos amigos desde sempre” explicou Kevin. “Nós conhecemos Chloe quando ela foi para o *bunker* onde nós estávamos escondidos.”

“Conseguiste chegar a um *bunker* quando todas as pessoas mudaram?” Cub perguntou.

Kevin assentiu. E tu?” Como é que vocês todos sobreviveram ao vapor?”

Cub levantou uma máscara em resposta. “Nós usamo-las para nos protegemos da poeira quando estamos a andar de moto. Acontece que elas também protegem dos vapores alienígenas.”

“Parece uma coisa útil para ter” disse Chloe. “Eu tive que me esconder num congelador”

“O principal é que todos nós conseguimos” disse Cub. “Ei, Luna, que blusão fantástico. Se nos safarmos desta situação vivos, talvez tenhamos que te arranjar uma aplicação para ele”

“Isso parece-me ótimo” Luna disse em resposta.

“Eu pensava que isso significava algo para os motoqueiros” disse Chloe. “Eu pensava que isso significava que se era um membro, ou que se saía com um membro, ou algo assim.”

Era esta a maneira de Cub pedir a Luna para sair com ele? Kevin sentiu os mesmos ciúmes que antes já tinha sentido. Não era que ele quisesse perguntar a Luna para saírem, porque isso não era o que eles eram. Não era

isso. Ele apenas pensava que talvez houvesse coisas melhores para o Cub se concentrar quando todos estavam a tentar impedir o fim do mundo.

“Da maneira que eu vejo as coisas, se salvares o mundo, isso é provavelmente o suficiente para seres membro” disse Cub. “Tenho a certeza que o meu pai iria concordar, e tu nasceste para andar de moto.”

“Eu ando de moto melhor do que ela” disse Chloe.

“Tenho a certeza de que vocês as duas sabem andar muito bem de moto” respondeu Cub, mas Kevin não ouviu o mesmo interesse na sua voz do que quando Cub falava com Luna.

“Achas que é muito longe?” Kevin disse para desviar o assunto.

“Não é assim tão longe” disse Cub, encolhendo os ombros. “Nós devemos estar nos arredores de Sedona em breve. Vou pedir ao meu pai para parar para que possamos resolver o que vamos fazer a seguir.”

Ele avançou, deixando Kevin ao lado de Chloe e Luna.

“Ele é *tão* simpático” disse Luna.

“Não é assim tão simpático” disse Chloe. “Não é tão simpático quanto ele pensa que é.”

“Estás é com inveja por ele não quer falar contigo e não te dar uma aplicação para o blusão.”

“Eu não iria querer um” Chloe ripostou. “Tu sabes o que isso significa, não sabes? Significa que és *dele*. Eu não quero ser de *ninguém*.”

Kevin pensou se deveria dizer alguma coisa. Ele pensou no que *poderia* dizer que não tornasse as coisas piores. Elas estavam a discutir por Cub como se ele fosse algo incrível, e com certeza, ele havia atirado Ty ao chão como se não fosse nada, e ele estava a ajudá-los, mas parecia que isto era demais.

“Tu gostas mais de mim, certo, Bobby?” Kevin sussurrou e o cão ladrou ao seu lado.

Eles pararam nos limites de Sedona, olhando para a nave acima da cidade. Mesmo comparada a algumas das outras embarcações enviadas da nave mundial acima, parecia grande - tão grande que parecia quase incompreensível que um frasco de vírus pudesse derrubá-la. Pequenas embarcações voavam do chão para a nave, zumbindo para a frente e para trás como vespas furiosas.

“Então, como é que fazemos isto?” Bear perguntou, voltando-se para Kevin.

Kevin fez o melhor que pôde para pensar. “Precisamos levar o vírus para a nave principal. Eu sou imune a transformação dos alienígenas, pelo que sou eu que tenho a melhor hipótese de fazer isto.”

“Mesmo assim, vai ser difícil conseguir levar esse pequeno frasco até lá acima” disse Bear, apontando para onde a nave mundial presumivelmente pairava no céu. Com a nave do tamanho da cidade no caminho, era impossível até mesmo vê-la agora.

“Talvez se conseguirmos ir até àquela, será suficiente” Chloe disse, com um aceno de cabeça para a nave acima deles. “Aquela não vai transportar o vírus até às restantes?”

“Queres dizer que não queres que nós sozinhos invadamos uma nave do tamanho da lua?” Luna perguntou.

“Nós ainda vamos ter que chegar a algo do tamanho de uma *cidade*” Chloe relevou.

“Ainda precisamos de resolver como o fazer” disse Kevin. “Quero dizer, não é como se simplesmente pudéssemos roubar uma das pequenas embarcações... pois não?”

“Não vejo porque não” disse Chloe. “Elas têm que aterrar em algum lugar.”

“E nós não estamos a roubar, estamos a comandar” Luna lembrou com um sorriso.

“A comandar, certo” disse Kevin. Ele olhou para os motoqueiros. “Vocês acham que nos conseguem aproximar o suficiente para comandar uma nave espacial?”

“É o que estamos aqui para fazer” disse Bear. Ele tirou a sua máscara de pó, atirando-a para Chloe. “Para que tenhas a hipótese de realmente fazer isto sem seres modificada por essas coisas.”

Cub tirou a dele, passando-a para Luna. Kevin preferia que pudesse ter sido uma máscara dos outros motoqueiros.

“Não vais precisar dela?” ela perguntou.

“Não se vocês conseguirem.”

Um dos motoqueiros aproximou-se para lhe oferecer a máscara, mas Kevin abanou a cabeça.

“O vapor não me afeta.”

Isso não significava que ele estivesse seguro, porém. Não significava que todos estivessem seguros. Estes eram alienígenas com armas que poderiam separar planetas e exércitos de pessoas convertidas cujos corpos

poderiam ser danificados tão facilmente quanto os de qualquer outra pessoa, mas que aparentemente poderiam ignorar a dor ou os limites que a maioria das pessoas colocavam sobre si mesmas para permanecerem a salvo. Este era o tipo de coisa onde havia todas as hipóteses de eles não voltarem.

“Chloe, Luna” disse ele. “Talvez vocês devessem ficar aqui.”

“Estás prestes a dizer algo que me vai fazer te querer dar um soco, Kevin?” Luna perguntou.

“Provavelmente” disse Kevin, “mas... eu estou a morrer de qualquer maneira, e sei que sou imune aos alienígenas, e se as coisas correrem mal, talvez vocês fiquem mais seguras aqui.”

“Até os alienígenas fazerem explodir o mundo” disse Chloe.

“Nós vamos contigo” disse Luna, colocando as mãos nos quadris. “Eu não quero saber se é perigoso.”

“Vamos fazer isso juntos” disse Chloe.

Luna assentiu. “Além disso, quando é que volto a ter a oportunidade de entrar numa nave espacial de verdade?”

“Mas isto pode fazer com que vocês sejam mortas” disse Kevin. Ele tinha que tentar pelo menos.

“E é por isso que vamos contigo” disse Chloe. “Para que *tu* não sejas morto.”

Kevin suspirou. Ele sabia quando não havia nada que ele pudesse fazer, e ele preferia encarar todos os alienígenas que lá existissem do que convencer Luna ou Chloe a desistir de algo que elas já tinham decidido. Além disso, por mais que ele quisesse vê-las a salvo, outra parte dele também as queria ao seu lado, quando eles o fizessem, mais do que qualquer outra coisa.

Ele ligou o motor da sua moto novamente, enquanto ao seu redor os motoqueiros avançaram. Tinha chegado o momento de salvar o mundo, custasse o que custasse.

CAPÍTULO VINTE

Kevin sentiu a tensão a aumentar quando eles entraram em Sedona. A sua pequena caravana manteve a sua forma, mas Kevin supôs que ele não poderia ser o único que sentia que se devia virar, acionar o motor da sua moto e pôr-se a salvo saindo dali. Chloe parecia pálida com aquela tensão. Luna parecia determinada, mas com ela isso às vezes significava que ela estava a ficar zangada com o mundo, porque ela não gostava de estar com medo.

Havia muito de que ter medo. Por mais valentes que os motoqueiros fossem, a nave acima deles era do tamanho de uma cidade inteira. Ninguém poderia lutar contra isso apenas com correntes, facas e o resto.

“É bastante grande” disse Kevin.

“Lembra-te do vírus” disse Chloe. “Se conseguirmos levá-lo até eles, podemos ganhar isso.”

“Eu não quero saber o quão grande é” disse Luna. “Eles levaram a minha mãe e o meu pai.”

Colocado assim, parecia tão simples. Eles tinham que fazer isso; o mundo dependia disso. Kevin tinha que se lembrar que eles tinham uma hipótese tão boa quanto qualquer um na Terra. Afinal de contas, eles tinham conseguido encontrar algo que deveria afetar os alienígenas, e ele ser imune à transformação deles tinha que significar *alguma coisa*, não era?

Eles ribombavam pela periferia, com os seus motores a ecoar nas superfícies planas dos edifícios, de tal modo que Kevin conseguia sentir isso no seu peito, com o poder daquilo a pulsar em si. Ele suponha que os alienígenas já deviam que saber que eles estavam a ir. Era impossível ignorar o barulho de um comboio como este.

“Quando entrarmos na cidade, continuem” disse Cub “independentemente do que aconteça.”

Kevin assentiu. Eles não precisavam de dizer o que poderia acontecer. Ele podia imaginar isso muito facilmente.

As ruas da cidade não estavam tão vazias quanto as de Los Angeles tinham estado. Havia pessoas aqui, paradas de uma forma que dizia que estavam controladas pelos alienígenas, mas que os seus controladores não

estavam a prestar atenção naquele momento, num silêncio como pano de fundo da cidade. Eles estavam imóveis ao início, mas depois começaram a se virar e a olhar enquanto Kevin e os outros se aproximavam, notando a sua aproximação.

“Nunca teríamos conseguido entrar sozinhos” disse Kevin a Cub.

“Podiam ter conseguido” o outro rapaz respondeu. “Vocês os três já conseguiram muito.”

Era difícil pensar o quanto eles já haviam passado nos dias anteriores. Eles tinham conseguido regressar à NASA; eles tinham chegado a Los Angeles de barco; eles tinham atravessado um terço do país sem nada para além de alguns mapas antigos e motos mais antigas. Agora eles estavam prestes a enfrentar os alienígenas. Parecia impossível acreditar que eles tinham chegado tão longe.

“Ainda nos salvaste daquele gangue” disse Kevin. “Obrigado.”

“Se nos queres agradecer, salva o mundo” disse ele. “Isso é o que importa agora.”

Era a parte que importava, mas era impossível ignorar completamente o perigo. Talvez houvesse pessoas que fossem tão valentes, ou tão heroicas, que conseguissem correr riscos sem sentirem nada. Kevin não era assim tão valente e acima de tudo sentia-se com medo. Com medo de morrer aqui, com medo do que poderia acontecer ao mundo se eles falhassem. Com medo do que poderia acontecer com Chloe e Luna. Havia tantas coisas para se ter medo aqui, mas independentemente do quanto eles ficassem com medo, eles ainda tinham que o fazer, e talvez essa fosse a parte mais assustadora de todas: que, de alguma forma, Kevin tinha que fazer isto independentemente do quão assustador a situação ficasse.

As pessoas controladas pelos alienígenas continuavam a olhar fixamente. Agora elas também se estavam a deslocar, colocando-se no caminho das motos como se conseguissem formar uma barreira apenas por o fazerem.

“Lembrem-se” disse Cub “continuem!”

Kevin viu o pai de Cub acenar para os outros motoqueiros, e os outros membros do seu gangue avançaram, passando por Kevin, Chloe e Luna e, em seguida, espalhando-se na frente deles numa cunha de metal em movimento.

Eles aceleraram, já não circulando de uma maneira que poderia durar horas, mas indo a toda velocidade agora. Kevin podia sentir o vento a passar por si, e agora não havia hipótese de sequer tentar falar por cima daquele barulho. Ele viu Cub a olhar para eles e a levantar a mão. Kevin não

percebeu se ele lhes estava a desejar boa sorte, lembrando-os de que se mantivessem para trás, ou a despedir-se.

Eles atingiram a primeira fila de pessoas controladas, derrubando-as como pinos de bowling, abrindo caminho por delas sem diminuir a velocidade. Kevin estremeceu ao pensar no dano que o impacto poderia estar causando às pessoas que os alienígenas estavam a controlar, mas os motoqueiros estavam a gritar quando os atingiam, desfrutando do caos.

Eles atacaram outra fileira de pessoas controladas e, desta vez, o impacto fez com que eles abrandassem um pouco enquanto recuperavam o equilíbrio. Mesmo protegidos pela cunha de motoqueiros, alguns deles conseguiram passar a cambalear, ainda tentando apanhar Kevin enquanto caíam ao passar por ele.

“Aguenta-te, Bobby” disse Kevin para o cão quando um corpo bateu na sua moto e ricocheteou. Kevin teve que lutar com o guiador para impedir que a moto tombasse e, enquanto lutava com o veículo, percebeu que as pessoas controladas estavam a fazer isto deliberadamente. Elas estavam a colocar-se no caminho das motos para tentar desequilibrá-las e derrubá-las, ou pelo menos retardá-las ao ponto de conseguirem apanhá-los.

Ele viu o primeiro motoqueiro a cair, com a sua moto a derrapar e a derrubar outra meia dúzia de pessoas controladas. Kevin olhou em volta, e o seu instinto era tentar ajudar, mas eles já estavam em cima do motoqueiro, agarrando-o. O motoqueiro lutou, batendo num e depois noutro com os punhos presos em correntes. Por um momento Kevin pensou que poderia ser capaz de se libertar, mas depois agarraram-no, afastando a sua máscara para o conseguirem converter.

“Não abrandem!” Bear gritou para trás a partir da cabeça da cunha. “Não parem! Levar as crianças para a nave é a única coisa que importa!”

Outro motoqueiro caiu e depois outro, derrubados pelas pessoas controladas. Kevin viu uma mulher grande com o cabelo espetado a ser arrancada da sua moto quando eles diminuíram a velocidade devido aos impactos constantes. Ela girou um machete com tanta força que quase decapitou uma das pessoas controladas. Elas sucumbiam, imóveis, e Kevin viu-se preso entre a excitação de os humanos controlados *poderem* ser impedidos e o horror de ver isso a acontecer a alguém que recentemente fora simplesmente outra pessoa. A motoqueira não teve o mesmo sucesso espetacular com mais nenhum, porém, porque um momento depois de ter

derrubado a primeira das pessoas controladas, mais meia dúzia a cercou, soterrando-a sob uma pilha delas.

“Ali!” Bear gritou. “Conseguem ver?”

Adiante, Kevin pôde ver um amplo espaço aberto, no qual as pequenas naves alienígenas estavam a decolar e a aterrar. Elas desciam quase em silêncio, o que quer que elas estivessem a usar para se impulsionarem, sem deixarem vestígios no mundo à sua volta. Elas chegavam e pairaram apenas um pouco acima do chão, com círculos de luz branca a descer e a sugar suprimentos para dentro delas antes de decolarem novamente. Ao lado da nave maior estas pareciam minúsculas, mas ainda eram suficientemente grandes para que dúzias de pessoas pudessem se acomodar lá dentro, ali à espera para serem erguidas pelos feixes luminosos. Algumas das que aterravam deixavam mais pessoas controladas, que saíam com um surpreendente sentido de propósito, deslocando-se para carros ou lojas, desmontando coisas e voltando para os feixes luminosos com o que quer que tivessem revolido.

“Eles estão a levar tudo o que conseguem” disse Kevin. “Eles são como os gafanhotos.”

Ele podia imaginá-los a moverem-se de planeta em planeta com demasiada facilidade, levando tudo: todos os recursos, todos os materiais, todas as pessoas que se atravessassem no seu caminho. Se eles não os parassem aqui, eles não iriam apenas destruir a Terra, eles iriam mudar-se para outro mundo, e outro, a fazer isso repetidas vezes até que eles fossem tudo o que restava no universo.

Eles tinham que acabar com isto.

Kevin preparou-se quando a sua moto apanhou uma das pessoas que se colocou no seu caminho, atirando-os do *sidecar*. Eles tentaram agarrar a moto, com as suas pupilas brancas a brilhar, mas Bobby rosnou e mordeu com força, fazendo com que eles a largassem.

“Nós vamos conseguir” disse Kevin. “Nós temos que conseguir.”

Então ele viu um grupo maior das pessoas controladas a colocar-se ao redor das naves, formando uma parede desumana muito espessa para simplesmente atravessar. Diante disso, os motoqueiros desaceleraram, e, depois pararam.

“Não podemos simplesmente ir contra eles para passar” disse Cub.

Kevin assentiu. “Então, o que é que fazemos?”

“*Precisamos* chegar àquelas naves” disse Luna.

Eles olharam para Bear, que segurava firmemente o guidador da sua moto. “Nós vamos afastá-las atraindo-as. Estejam preparados, miúdos. Vocês avançam quando estiver desimpedido. Dustsides, comigo! Nós vamos com violência, portanto mantenham-se juntos!”

Ele ligou o motor, e foi só quando ele o fez que Kevin percebeu o que o grande homem pretendia.

“Vocês não têm de fazer isto” disse ele.

“Sim, temos” disse Bear. “Se uma coisa tem que ser feita, então faz-se, não importando o que é preciso.”

“Além disso” acrescentou Cub, acelerando o seu próprio motor “é aí que está a melhor luta. Nós não vamos deixar escapar isto por nada. Vemos-te quando resolves isto tudo.”

“Não façam isto” disse Kevin, sentindo-se mal com o número de vidas que tudo isto já havia custado. Os cientistas da NASA, as pessoas ao redor do mundo, a sua mãe... ele não tinha a certeza se conseguiria continuar a ver pessoas a serem levadas pelos alienígenas; se ele conseguiria continuar a perdê-las.

“Estamos a contar contigo” disse Bear. Ele acelerou o motor novamente e depois arrancou depressa. Ele e o resto do Clube dos Motoqueiros de Dustside dispararam na direção das pessoas controladas. Eles gritavam ainda mais alto do que os seus motores enquanto avançavam em direção às fileiras de pessoas controladas e, por um momento, eles fizeram lembrar a Kevin uma improvável cunha de cavaleiros a avançarem para a batalha.

Em seguida, as motos foram contra as pessoas controladas com o som hediondo do metal contra a carne, com os motoqueiros a saltar à medida que as suas máquinas atacavam as criaturas controladas que estavam à espera. Caíram tantas pessoas controladas naquela primeira corrida que uma parte de Kevin pensou que eles conseguiriam até abrir um caminho pelas suas fileiras através da força pura, mas estavam ali demasiadas pessoas controladas para que eles conseguissem fazer isso.

Ele viu os motoqueiros a saltarem das suas motos enquanto as fileiras das pessoas controladas pelos alienígenas se aguentavam, mergulhando na luta juntos e atacando-os. Algumas das pessoas controladas pelos alienígenas caíram, com os seus corpos demasiado danificados até mesmo para os comandos alienígenas os forçarem a continuar. Agrupados assim, aparentemente acostumados a lutar juntos como um grupo, os motoqueiros

uniram-se, impedindo as pessoas controladas de os apanharem ou os derrubarem.

“Talvez eles ganhem” disse Luna, com um olhar esperançoso.

“Talvez” Kevin disse, embora, estivesse a ver as pessoas controladas a começarem a aproximar-se dos motoqueiros, com as suas fileiras a circundá-los para os cercarem. Kevin viu Bear dar um soco numa das pessoas controladas, e depois recuou quando elas respiraram vapor para cima dele, claramente tentando combater a transformação. Ele ficou imóvel, e, depois, virou-se para agarrar o motoqueiro seguinte.

“Temos que ir” disse Chloe, apontando para o espaço onde todos tinham estado. “Há ali um espaço, olha!”

Havia. Onde as pessoas controladas tinham invadido para agarrar os motoqueiros, eles tinham deixado um espaço e uma visão da nave de aterragem alienígena que era tentadora na hipótese que oferecia para acabar com isto.

Aquele espaço não duraria muito, no entanto. Kevin já conseguia ver mais motoqueiros a descer, com as suas máscaras afastadas e com as pessoas controladas pelos alienígenas a expirarem o vapor necessário para os transformar. Não importava o quanto eles tentassem lutar; em apenas alguns segundos eles passavam de ajudar na luta contra as pessoas controladas pelos alienígenas a tentar derrubar os seus antigos amigos.

“Tens razão” disse Kevin. “Temos que fazer isto.”

Ele acelerou o motor da moto em que estava. Luna, no entanto, estava parada na sua moto, olhando para a luta como se se estivesse a retrair de se juntar a ela apenas através de um esforço de vontade. Kevin conseguiu ver lá Cub, a lutar com dois dos seus ex-companheiros do clube, pontapeando um enquanto tentava se afastar do outro.

“Luna, temos que ir” disse Kevin.

“Eu sinto que os devíamos ajudar” disse Luna. “Eu sei qual é o plano, mas...”

“Não podemos ajudá-los” disse Kevin. “Tudo o que podemos fazer é sermos transformados juntamente com eles. Ou podemos parar isto.”

Acima dele, Kevin ouviu o murmúrio de motores a aumentar a sua força, e ele olhou para cima a tempo de ver a nave alienígena começar a se acender por baixo, com anéis de luz a começarem a crescer no seu ventre em círculos concêntricos que começaram a girar praticamente a uma velocidade vertiginosa.

“Eu acho que se está a preparar para ir” disse Kevin.

Ele não esperava isto. Com tantas naves menores ainda no nível do solo, não fazia sentido que a nave maior partisse, mas isso parecia ser o que ela se estava a preparar para fazer, e uma vez feito isso, eles não tinham como saber se ela voltaria da nave mundial no mesmo lugar. Se eles tivessem que atravessar novamente o país para entregar o vírus, havia muitas coisas que poderiam correr mal, uma grande probabilidade de eles não o conseguirem fazer.

Kevin viu uma das naves mais pequena começar a puxar o feixe de luz que costumava puxar as coisas para dentro, e, depois, subir no ar, em direção à nave da cidade. Ela dirigiu-se para uma abertura e não voltou. Outra seguiu-a, e, depois, outra.

Enquanto isso, no chão, os últimos do Clube dos Motoqueiros de Dustside lutavam desesperadamente, caindo um por um com o vapor, com as suas máscaras a serem arrancadas pelos seus antigos amigos.

“Eu acho que não temos muito tempo” disse Kevin.

“Vamos, Luna. Temos que fazer isto” disse Chloe.

“Arrgh... tudo bem” disse Luna. “Vamos fazer isto.”

Eles aceleraram nas suas motos, com os motores a acelerarem, enquanto eles se dirigiam para o espaço nas filas das pessoas controladas pelos alienígenas.

CAPÍTULO VINTE E UM

Eles dirigiram-se para o espaço, sem parar, nem mesmo diminuindo a velocidade. Não havia tempo agora se eles o queriam fazer antes da nave da cidade grande recuar, e, de alguma forma, Kevin teve a sensação de que ela *estava* a recuar, partindo para a nave do mundo para que ele, Luna e Chloe não conseguissem lá chegar com o vírus. Teriam eles tirado essa informação das cabeças dos motoqueiros já que os controlavam? Talvez eles tivessem apenas a adivinhar por causa da forma como Kevin estava a ir em direção às naves espaciais deles, ou talvez fosse apenas coincidência.

Ele viu Chloe e Luna a ajustarem as suas máscaras emprestadas enquanto elas aceleravam, Luna a ter de o fazer só com uma mão porque era ela que estava a conduzir. Mesmo com as máscaras, Kevin conseguia ver a determinação nos seus rostos enquanto eles se dirigiam para a abertura na fila das pessoas controladas, rugindo na direção do espaço, mesmo quando este se começava a contrair, com alguns dos controlados a voltarem para os bloquear.

Será que eles os três tinham saído de lá tarde demais? Será que eles tinham esperado demasiado tempo enquanto assistiam ao sacrifício que os motoqueiros haviam feito? Apenas alguns segundos podiam significar a diferença entre passar por esse espaço que se fechava e ter o enxame controlado na frente deles para que eles não pudessem passar.

“Continuem!” Kevin gritou para elas. “Mais rápido!”

Ele baixou-se sobre os guiadores da sua moto enquanto o vento passava apressado. Ao lado dele, ele conseguia ver Bobby com a boca aberta num sorriso canino, claramente apreciando a velocidade. Mesmo assim, Kevin não sabia se seria o suficiente para eles conseguirem passar.

Ele mergulhou nas fileiras das pessoas controladas como um mergulhador a entrar na água, e sentiu-os a embater contra a sua moto, com mãos a agarrarem-no, e corpos lançando-se eles próprios contra o metal sem se importarem com os danos que isso lhes poderia causar a eles mesmos. A cada impacto Kevin lutava para manter a moto direita, tentando corrigir a posição da mota a cada batida da carne contra o metal e impedindo que caísse.

A moto emergiu das fileiras das pessoas controladas como uma rolha a saltar de uma garrafa, mas isso não ajudou Kevin a equilibrar-se. Kevin sentia o *sidecar* a sair do chão quando este resvalava de um lado para outro, não mais sob o seu controlo. O guiador saiu das suas mãos, e a única boa parte disso foi que a moto começou a desacelerar um pouco quando começou a derrapar, parecendo cair quase em câmara lenta.

“Salta, Bobby!” Kevin gritou, e o cão saltou tão facilmente como se Kevin lhe estivesse a dizer para sair de cima da mobília.

Não foi assim tão fácil para Kevin. Ele tentou afastar-se da moto enquanto esta caía, mas ele sentiu a sua perna ficar presa por debaixo quando esta caiu contra o chão, ficando cheio de dores. Kevin tentou libertar-se da moto com um pontapé, mas esta estava presa em cima dele. Ele sentia como se tivesse um peso de chumbo a pressionar a sua perna, pesado demais para se mover sem ajuda.

As pessoas controladas aproximaram-se, e Bobby rosnou para elas, pulando para a frente para atirar uma para o chão antes de voltar para Kevin, mordendo e rosnando. Se eles tivessem sido apenas humanos, poderia ter sido suficiente mantê-los afastados, mas eles continuavam a chegar, e Kevin deu por si a olhar para cima para eles enquanto eles se aproximavam...

“Aguenta-te, Kevin!” Luna gritou quando ela e Chloe agarraram a moto, levantando-a entre elas. Kevin libertou-se quando lhe deram as mãos, esforçando-se para se levantar apesar das dores na sua perna. Os três partiram a correr para a nave mais próxima, enquanto ao redor deles cada vez mais partiam para o céu, deixando espaços vazios que pareciam como oportunidades perdidas.

As pessoas controladas agarraram-nos, circundando-os por pouco tempo, de tal modo que, por um momento, não foi possível dizer onde estavam as amigas dele. Mãos puxavam-no, e Kevin teve que empurrar e dar cotoveladas, tentando conseguir espaço suficiente para passar.

Kevin ouviu Luna gritar e ao virar-se viu que ela estava a pontapear um deles e a conseguir-se soltar, antes de outro a agarrar pela cintura.

“Luna!” Kevin gritou, correndo na direção dela. “Não!”

As pessoas bloquearam o caminho e Kevin tentou abrir caminho através delas, mas elas pareciam estar em toda parte. Kevin ouvia Luna gritar enquanto umas mãos afastavam a sua máscara, ainda a tentar lutar contra elas, ainda tentando se libertar. Se ele conseguisse chegar até ela...

Ele viu Cub a emergir da massa de pessoas controladas e, por um breve instante, Kevin pensou que Luna poderia ser salva, que ele poderia de alguma forma ter passado por tudo o que havia acontecido e estar lá para ajudar. Então ele viu a brancura inconfundível dos olhos do outro rapaz, e as mãos dele agarraram Luna quando a sua boca chegou perto dela num movimento que poderia ter sido quase tenro se não tivesse sido tão horrível.

“Não!” Kevin gritou. “Prende a respiração, Luna! Eu vou tirar-te daí!”

Ele não sabia se ela conseguia ouvi-lo ou não, mas isso não fazia nenhuma diferença. Kevin lançou-se para a frente contra a parede de carne no caminho, ignorando as lágrimas que escorriam pelo seu rosto enquanto Cub se inclinava aproximando-se de Luna numa paródia sombria de um beijo. O vapor derramou-se sobre a cabeça dela enquanto Kevin continuava a lutar para seguir em frente, tentando salvá-la, tentando impedir isso.

“Prende a respiração, Luna!” ele gritou novamente. “*Por favor*, prende a respiração!”

As pessoas ao redor dele estavam tão inflexíveis quanto o cimento, enquanto Kevin tentava qualquer coisa que conseguisse para abrir caminho. Eles não sentiam dor, eles não sentiam piedade, ele não conseguia que eles se movessem, e Luna não conseguia mais prender a respiração.

Kevin ouviu-a ofegar num suspiro de ar, num som alto contra o silêncio com que o controlado lutava.

“Luta contra isso, Luna!” Kevin gritava entre lágrimas. “Tu consegues lutar contra isso! Tu consegues lutar contra *qualquer coisa*!”

“Kevin” ela conseguiu dizer. “Eu...”

O silêncio que se seguiu foi horrível, mais do que qualquer coisa que Kevin sentira na sua vida. Foi, de alguma forma, pior do que quando o médico lhe disse que ele iria morrer. Foi pior do que a mãe dele a abrir a porta da casa deles, já transformada numa *das pessoas controladas*. Foi pior do que ver o resto do mundo a desabar peça por peça. Era Luna e ali, num instante, já não era.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Kevin gritou a sua dor, a sua raiva e o seu desespero. Luna tinha desaparecido. Ele não podia acreditar que Luna tinha desaparecido. Ele atacou uma das pessoas que os alienígenas haviam convertido e, embora não fizesse diferença, ele fê-lo novamente. Ele viu Bobby a tentar morder as pessoas convertidas mais próximas a ele e Kevin desejava que isso pudesse fazer a diferença, mas não podia.

Kevin sentiu umas mãos a agarrarem-no e nem tentou lutar. Se eles iam matá-lo, que diferença isso fazia agora? Luna tinha desaparecido e...

“Kevin!” Chloe gritou. “Temos de ir. Nós não a conseguimos ajudar!”

Ela o arrastou de volta, puxando-o da multidão de pessoas controladas.

“Vamos, Kevin” ela gritou para ele. “Ainda temos o vírus. Ainda temos que fazer isto!”

Kevin estava entorpecido naquele momento para responder quando Chloe o puxou na direção de uma das embarcações de desembarque que ainda tinha a porta aberta. Não havia muitas agora, e aquelas que ainda estavam ali pareciam estar a preparar-se para decolar. Acima, a parte de baixo da nave da cidade ainda estava a brilhar com círculos de energia, pulsando com eles enquanto se preparava para partir.

“Nós ainda temos que fazer isto” disse Kevin, não sentindo como se fosse a realidade ao dizê-lo. Os olhos dele ainda estavam na multidão dos convertidos que avançava. Luna andava ao ritmo deles, em perfeita sincronia com o resto, com pupilas brancas e sem expressão. Eles estavam a avançar devagar agora, como se sabendo que os planos de Kevin tinham falhado no momento em que eles agarraram Luna.

Eles não tinham, porém. A melhor hipótese de recuperá-la agora era vencendo os alienígenas. Kevin retirou o frasco do vírus, pesando-o na sua mão.

“Depressa” Chloe disse, indo à frente para uma das embarcações de desembarque e até ao feixe que estava em baixo para atrair o que quer que se encontrasse dentro dele.

“Qual é a melhor forma de fazer isto?” Kevin perguntou a Chloe.

“Atira o frasco lá para dentro e foge” Chloe sugeriu. “A nave levará o vírus para a nave grande.”

Kevin assentiu e ergueu o frasco, olhando para o líquido azul claro dentro dele. De certa forma, parecia adequado terminar as coisas desta maneira. Os alienígenas haviam escondido o seu vapor numa rocha, então talvez fizesse algum sentido acabar com as coisas desta maneira. Ele tirou a tampa do frasco e estendeu a sua mão com ele para o feixe de luz, meio esperando algum tipo de resposta imediata da tecnologia alienígena. A tecnologia não reagiu, porém, apenas o puxou da mão dele. O frasco parecia um balão a querer voar para longe. Kevin soltou-o e observou-o a flutuar para o interior da nave espacial.

Por um momento ou dois, nada aconteceu. Em seguida, a nave descolou em silêncio enquanto Kevin olhava em volta, tentando descobrir o que fazer em seguida.

As pessoas que os alienígenas controlavam ainda estavam por perto, espalhadas agora numa espécie de círculo amplo, cercando Kevin e Chloe. Eles não se moveram, porém, simplesmente parados ali, contendo-os, não os deixando sair. Kevin pôde distinguir Luna ali, entre os outros, parada tão quieta e silenciosa quanto o resto deles enquanto a nave que Kevin e Chloe tinham envenenado subia para se ir encontrar com a nave da cidade.

“O que é que fazemos agora?” Chloe perguntou.

Kevin olhou em volta. Não havia lacunas no círculo dos controlados, mas também eles não pareciam estar a aproximar-se.

“Eu acho que vamos apenas esperar” disse Kevin. “A mensagem dizia que os alienígenas não teriam nenhuma proteção contra um vírus que não conheciam, então eu acho que os efeitos serão bem rápidos. Deveríamos ver algo a qualquer momento agora.”

Kevin olhou para cima, olhando para a nave da cidade. A menor já havia desaparecido lá para dentro, entrando depressa como uma abelha numa colmeia.

“A qualquer momento agora” Kevin repetiu, imaginando como é que seria quando o vírus se apoderasse lá de cima. As cores na parte inferior da nave alienígena mudariam? Começaria aos solavancos no céu e desabaria? Kevin realmente esperava que não, mas tinha a certeza de que haveria *algum* sinal. Os alienígenas, os *bons* alienígenas, tinham sido tão claros na sua mensagem. Eles tinham prometido que isso funcionaria.

“A qualquer momento agora” Chloe concordou. “Hum... *quantos* minutos, o que achas?”

Kevin não tinha uma resposta para isso. Ele apenas continuava a olhar para o céu com esperança enquanto os segundos passavam, com a nave acima inalterada e as pequenas naves ao redor deles ainda a levarem coisa para o céu.

Uma delas desceu, pairando sobre a praça. Um feixe de luz desceu e algo flutuava nele. Kevin ficou apavorado quando viu o brilho do frasco que continha o vírus, vazio agora. Ele estendeu a mão, e o frasco flutuou para lá tão facilmente como se alguém o tivesse colocado ali.

“Eles disseram que iria funcionar” disse Kevin. “Eles *disseram*.”

O frasco vazio parecia uma provocação - um insulto deliberado; uma maneira de dizer a Kevin que nada que ele pudesse fazer poderia esperar parar os alienígenas. Isso piorou as coisas, de alguma forma. Isso fez com que ele se sentisse completamente impotente.

“Talvez eles estivessem errados” disse Chloe. “Se fosse assim *tão* fácil livrarem-se destes alienígenas, eles não o teriam já feito?”

Não, isso não estava certo. Não era justo, não depois de tudo o que eles tinham feito; tudo que eles tinham *sacrificado*.

“Era suposto ter resultado” disse Kevin. “Era suposto tornar tudo melhor.”

Ele olhou para onde Luna estava, sentindo-se completamente perdido. Sentindo-se envergonhado também, porque pela segunda vez, ele ouvia mensagens vindas de alienígenas, e isso apenas piorava as coisas, não melhorava. Da primeira vez, havia custado o mundo. Da segunda, tinha custado Luna, e Kevin não sabia qual era pior.

Então Luna começou a andar para a frente.

Os outros vieram com ela, dando passos no tempo perfeito. Eles formaram um anel fechado em torno de Kevin e Chloe que ficava cada vez mais apertado a cada passo que eles davam em direção a eles. Isso forçou Kevin e Chloe a recuarem para o local onde a luz brilhava no chão sob a última nave espacial. O círculo de pessoas controladas fechava-se à volta daquilo como um olho a pestanejar.

Chloe olhava em volta como um animal enjaulado, e Kevin sabia exatamente o quão mal ela ficava por estar presa em espaços nos quais ela não queria estar. Bobby estava ali, a olhar em volta, parado na frente dos dois como se pudesse protegê-los de todas aquelas pessoas controladas.

“Eu não vejo uma saída” Chloe disse, com o pânico a aumentar na sua voz.

Bobby ladrrou e correu para a multidão tentando mordê-los.

“Bobby! NÃO!” Kevin gritou.

Mas era tarde demais. Eles ouviram o seu ganido, e, a seguir, ele desapareceu no meio da multidão.

Kevin estendeu a mão. Chloe agarrou a mão dele com a sua a tremer.

De repente, a luz ao redor deles ficou mais brilhante, e Kevin sentiu o chão deixar os seus pés, com Chloe ao seu lado.

Eles estavam a flutuar, e, depois, a subir, cada vez mais rápido, sendo puxados para a nave alienígena.

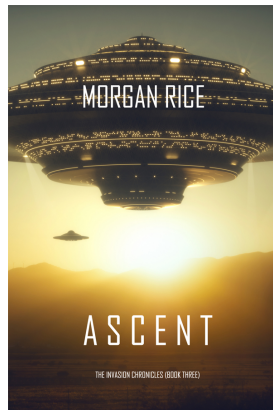
“NÃO!” Chloe gritou.

Mas era tarde demais. Nada podia ser feito enquanto eles subiam, incrivelmente, para a nave. Kevin agitava-se, como se isso pudesse fazer alguma diferença, apesar de ele saber que não.

Ele olhou para baixo. As pessoas estavam pequenas agora. Ele viu-as a ficarem cada vez menores à medida que a Terra se distanciava.

Um trinco abriu-se sobre eles e depois fechou-se por baixo deles.

E todo o mundo de Kevin ficou às escuras.



ASCENSÃO (As Crônicas da Invasão—Livro Três)

“A TRANSMISSÃO é uma história fascinante, inesperada e firmemente enraizada em fortes perfis psicológicos apoiados em elementos de suspense e ficção científica: que mais poderiam os leitores desejar? (Apenas a publicação rápida do Livro Dois, Chegada.)”

--*Midwest Book Review*

Da autora de fantasia *bestselling* nº1 do mundo inteiro chega o terceiro livro numa nova série de ficção científica há muito esperada. Com o planeta Terra destruído, o que vai ser de Kevin, de 13 anos, e de Chloe na nave principal?

Será que os alienígenas os vão escravizar? O que é que eles pretendem? Há alguma hipótese de fugir?

E será que Kevin e Chloe alguma vez irão regressar à Terra?

“Repleta de ação... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

--*Publishers Weekly* (referente a *Uma Busca de Heróis*)

“Uma fantasia superior... Um vencedor recomendado para quem gosta de escrita de fantasia épica impulsionada por poderosos e credíveis protagonistas jovens adultos.”

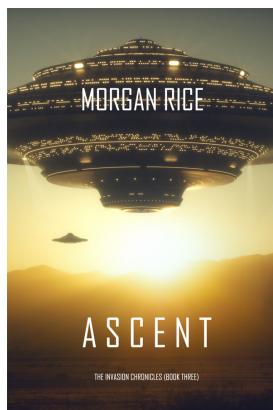
—*Midwest Book Review* (referente a *Ascensão dos Dragões*)

“Uma fantasia repleta de ação que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como *O CICLO DA HERANÇA* de Christopher Paolini... Os fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais.”

--*The Wanderer, A Literary Journal* (referente a *Ascensão dos Dragões*)

O livro #4 da série estará disponível brevemente.

Também estão disponíveis muitas outras séries de Morgan Rice do gênero de fantasia, incluindo *UMA BUSCA DE HERÓIS* (LIVRO #1 da série *o ANEL DO FEITICEIRO*), um *download* gratuito com mais de 1.300 avaliações com 5 estrelas!



ASCENSÃO
(As Crônicas da Invasão—Livro Três)

Sabia que eu já escrevi múltiplas séries? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!



Livros de Morgan Rice

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro #1)

CHEGADA (Livro #2)

ASCENSÃO (Livro #3)

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃS (Livro #3)

UMA ENDECHA PARA PRÍNCIPES (Livro #4)

UMA JOIA PARA REALEZAS (Livro #5)

UM BEIJO PARA RAINHAS (Livro #6)

UMA COROA PARA ASSASSINOS (Livro #7)

UM APERTO DE MÃOS PARA HERDEIRAS (Livro #8)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro #1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HEROÍNA, TRAIIDORA, FILHA (Livro #6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro #7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)
O DOM DA BATALHA (Livro #17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
ARENA DOIS (Livro #2)
ARENA TRÊS (Livro #3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)
AMADA (Livro #2)
TRAÍDA (Livro #3)
PREDESTINADA (Livro #4)
DESEJADA (Livro #5)
COMPROMETIDA (Livro #6)
PROMETIDA (Livro #7)
ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

ALMEJADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

OBCECADA (Livro #12)

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; da série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS, composta por 8 livros (a continuar); e da nova série de ficção científica AS CRÓNICAS DA INVASÃO, composta por 3 livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!